FUNDADOR JOAQUIM MANSO — SÁBADO, 30 DE ABRIL DE 1960 — ANO 40.º — NÚMERO 13 431

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR—J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. — NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

A vida de Chessman
depende agora apenas
da decisão do governador Brown

SAN FRANCISCO, 30. — Caril Chessman apresentará hoje, a quarenta e oito horas da data prevista para a sua execução na camara de gás da prisão de San Quentin, um pedido de «Habeas Corpus» ao Supremo Tribunal da Califórnia. O pedido, segundo revelou o advogado de Chessman, George T. Davis baseia-se num ponto ou pontos que não foram levantados até agora.

«Esperamos poder agir rápidamente. Tenham a certeza de que vamos tão depressa quanto a lei o permite», afirmou.

George Davis conferenciará hoje, ás 16 horas (T.M.G.), com o seu constituinte, para concluirem ambos a redacção do novo pedido de «Habeas Corpus».

«O caso Chessman ainda não está encerrado, sublinhou o advogado, e estou convencido que o meu cliente não morrerá no dia 2 de Maio». Se a comutação da pena de morte foi concedida, Chessman será condenado a prisão perpetua.

Davis, ao despedir-se ontem de Chessman, depois de uma longa conferência de duas horas, perguntou-lhe:

«Que lhe parece?».

Chessman: «Que espero vê-lo em Vacaville, segunda-feira á tarde».

Vacaville é o instituto prisional dos condenados a prisão perpétua.

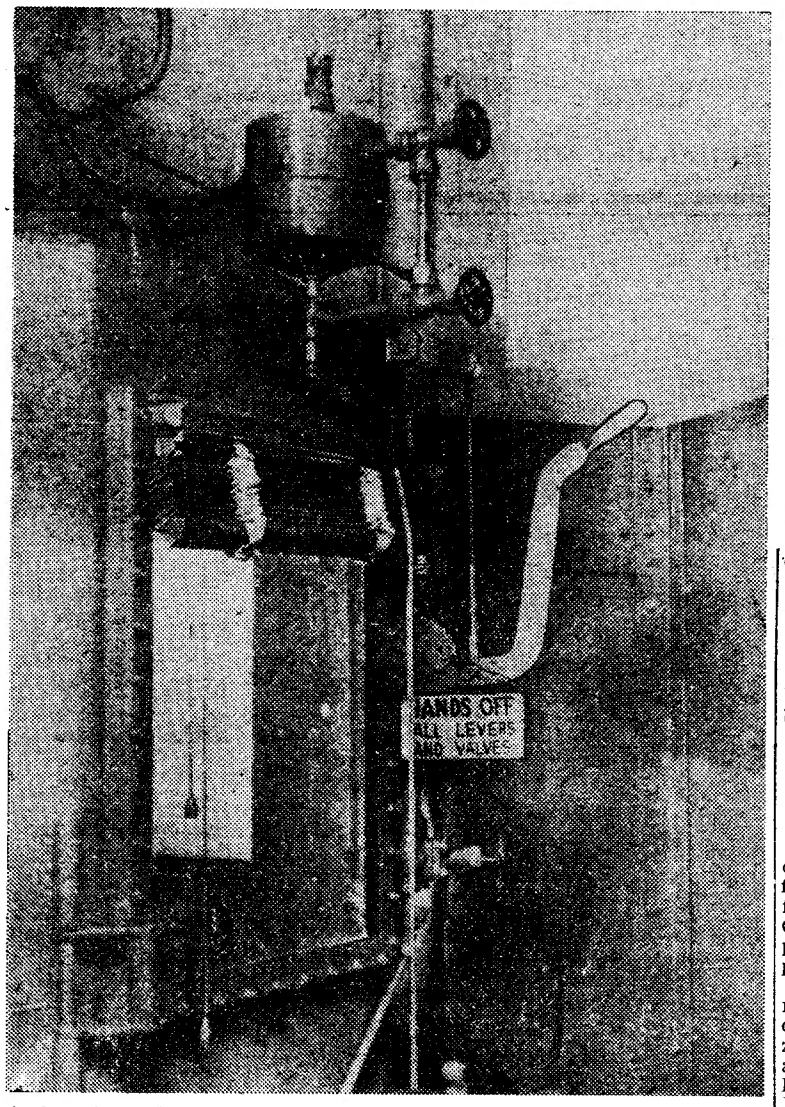
O Supremo Tribunal da Califórnia indeferiu, a noite passada, o ultimo apelo de Caril Chessman contra a sentença de morte a que foi condenado, e que deverá ser executada na prisão de San Quentin na próxima segunda-feira.

Chessman ouviu pela Rádio a notícia da rejeição pelo Supremo Tribunal da Califórnia do apelo para o libertar da morte na camara de gás. O condenado declarou: «Já sabia. Digam-me só qual foi a votação».

A votação foi de 4 contra 3, votando os juizes individualmente, como já fizeram por duas ocasiões em Fevereiro, tendo a reunião durado duas horas e 15 minutos.

O condenado comera pouco ao jantar, preferindo beber café com leite. Segundo um dos guardas, Ches-

(Continua na página central)



Accionando a alavança, o carrasco faz cair os ovos de cianeto num recipiente com ácido, colocado sob a cadeira em que está sentado o condenado á morte. Um repugnante cheiro a flor de pêssego, anuncia a morte ao próprio condenado

CARYL CHESSMAN

Terminou em Teherão a conferência do C. E. N. T. O.

TEERÃO, 30. — O comunicado publicado no final da reunião do Conselho Ministerial do C. E. N. T. O., que terminou hoje, diz que as campanhas de propaganda hostil dirigidas do exterior contra os países que fazem parte desta organização «não estão de acordo com as declarações feitas no sentido de um alívio da tensão internacional».

Os ministros exprimem «grande preocupação em relação ao facto de certos assuntos pendentes entre os países membros do tratado e os seus vizinhos serem utilizados por outras potências para

(Continua na última página)

A Assembleia Nacional
dedicou a sua sessão de hoje à evocação da figura do Infante

Na sessão de hoje, da Assembleia Nacional, a que preside o conselheiro Albino dos Reis, e que é a ultima da actual sessão legislativa, não há período de antes da ordem do dia, sendo esta inteiramente dedicada ás comemorações henriquinas.

Inscreveram-se para falar os drs. José Hermano Saraiva e Alberto de Araujo, comandante Avelino Teixeira da Mota e padre Martinho da Costa Lopes.

O dr. José Hermano Saraiva começa por se referir á figura do Infante, dizendo que «não apenas em Portugal, mas ainda em todo o mundo culto, evocar D. Henrique é evocar toda a gesta das navegações e dos descobrimentos».

E acrescenta:

— Não representa o dizê-lo, que se haja de lhe atribuir toda a glória e autoria da expansão portuguesa pelo Mundo: obra nacional, colectiva e comum, ela pôde verdadeiramente ser grande porque incorporou o esforço da nação inteira, desde os principes ungidos aos pedintes dos caminhos, desde os capitães-mores da Armada, que el-rei trazia no mar, até aos pescadores sem nome, que vieram ao retábulo trajando por melhor gala, a rede do seu labor constante.

Exaltando a obra dos descobrimentos, põe em evidência a forma como os Portugueses estabeleceram relações com os povos que descobriram, numa atitude de simpatia e compreensão muito característica.

— É esta a experiência cinco vezes secular — diz — título de que só nós podemos retirar dos livros da história a certidão. Através dela enriquecemos o património moral da Humanidade com algumas ideias novas, que se podem cindir na concepção de que colonizar é um dever antes de ser um direito; de que o fundamento moral de tal dever não é o interesse do povo mais adiantado, mas o do povo mais atrasado; e de que se trata efectivamente de

(Continua na 7.ª página)

Tentaram raptar *o filho de Coppi e da «Dama Branca»?*

ROMA, 30 — Giulia Occhini, a «Dama Branca», em declarações que fez ao semanário «Oggi», diz que o filho da sua ligação com Fausto Coppi esteve prestes a ser raptado por um misterioso americano, há poucas semanas.

Segundo Giulia Occhini, desconhecido muito bem vestido procurou-a no princípio deste mês, dizendo que se chamava Robert, era alto-funcionário da N. A. T. O. em Bruxelas e amigo do rei Balduino. Nestá ultima qualidade, o soberano belga enviara-o a Novi Ligure, onde a «Dama Branca» tem uma residência, para estudar o projecto de construção de um monumento ao «campionissimo».

A senhora Occhini pediu-lhe que procurasse o advogado dela. O advogado depressa averiguou que a pretensa «missão» de «mister Robert» era pura imaginação. Mas o desconhecido voltou dias depois, dessa vez para propôr á sr.ª Occhini que aceitasse ser representante duma grande fábrica de automóveis americana na Lombardia. A representação dava um vencimento de 130.000 liras (6.500$00) por mês, fora as comissões. O Americano misterioso e solícito dizia que estava dando estes passos sobretudo por causa do pequenito Fausto Angelo, que muito estimava. O Americano, pouco depois, pediu pelo telefone á sr.ª Occhini que fosse ter com ele, levando o filho, a um estabelecimento de bebidas perto de Pavia.

A sr.ª Occhini teve a intuição de que o Americano estava urdindo uma armadilha para raptar Fausto Angelo e avisou o advogado. Este foi com ela ao encontro, enquanto o pequenito ficava em casa, bem guardado por antigos companheiros de equipa de Fausto Coppi. O Americano foi pontual. Mas quando viu que o pequenito não tinha vindo, ficou muito desapontado e queixou-se de que desconfiavam dele. Disse então que ia partir para Francfort, e que voltaria a entrar em contacto. Mas nunca mais houve notícias suas. — (F. P.).

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se incluem
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA
*
Amanhã, como é de uso em igual dia dos anos anteriores, estão fechados todos os nossos serviços, não se publicando por isso o nosso jornal

TENHA CUIDADO
quando espirrar!

ROMA, 30. — Espirrou enquanto barbeava um freguês um jovem barbeiro desta cidade, e tal foi o espirro que recolheu ao hospital, onde deverá ficar internado pelo menos dez dias.

O espirro que o acometeu foi tão violento, que o fez cair ao chão. Ao levantar-se, verificou ter muitas dores de cabeça.

No hospital, foi-lhe diagnosticado distorsão das vértebras cervicais. — (A. N. I.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Bosquejo da história da Anatomia

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

DESDE quando se tornou possível investigar no cadáver? O estudo deste pormenor, aliás de grande importância, tem sido motivo de controvérsia entre os historiadores da anatomia e das ciências em geral, no número dos quais se encontram Serrano, George Sarton e Mielli.

Durante séculos e séculos, todas as religiões se opuseram aos estudos anatómicos. As religiões de ontem e as de hoje.

O filho do fundador da primeira

(Continua na 13.ª página)

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

ONDE NASCE O SOL

O país das cerejeiras em flor, que o sol doira quando em Portugal é meia-noite, tem sido a sedução dos ocidentais que uma vez transpuseram os umbrais dos mares do Japão. Na esteira de S. Francisco Xavier, muitos têm experimentado os estranhos eflúvios desse país brotado á tona de água, em centenas de ilhas e ilhotas. Lá ficou em adoração perpétua e lá morreu o artista requintado de alma enternecida que foi Wenceslau de Morais, nosso cônsul em Kobe. Como cônsul tratou das nossas relações comerciais com o grande Japão. E' que o império não tem apenas cerejeiras floridas. E' uma das maravilhas do progresso moderno, com uma industria realmente portentosa e um poder de expansão notável. A Lisboa chegou ontem uma missão comercial nipónica. Vem estudar as possibilidades de aumento do intercambio comercial luso-nipónico. A recebê-la, no aeroporto, funcionários da embaixada do Japão e o dr. Costa Gomes, pela Associação Comercial de Lisboa. O Japão cuja população aumenta constantemente pode ser um bom cliente de produtos portugueses e pode fornecer-nos muitos outros lá fabricados e de que nós carecemos. E' que nem só de poesia e de flores vivem os homens, mas dos artigos e produtos que as fábricas e os campos atiram cá para fora!

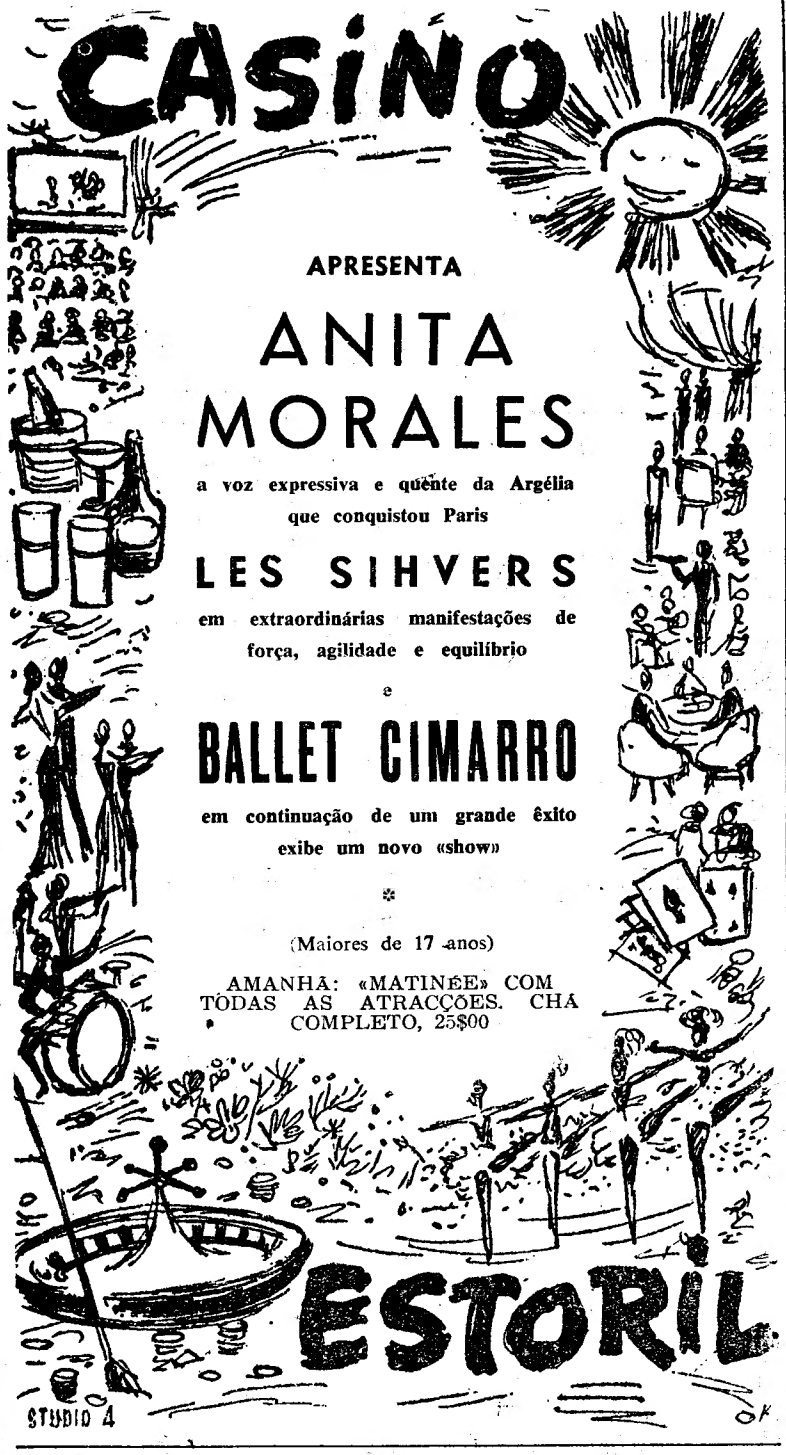
FEIXE DE NOTÍCIAS

FALÁMOS ontem de uma mãe que em Terras do Bouro salvou os filhos de morrerem queimados no incêndio de sua casa. O heroísmo maternal foi copiado a papel químico nos Açores. E' que o amor de mãe é igual em toda a Terra. Atravessando as chamas que devoravam a sua casa, uma senhora salvou uma filhinha de três meses de idade. O incêndio verificou-se numa casa em Santo Amaro, nos arredores da Horta, estando a valorosa mãe muito ferida.

*** No Hospital de S. José para onde entrara na véspera morreu ontem a sr.ª D. Berta Duarte Gabino, de 25 anos. Residia em Pontevel, caíra a um poço e foi retirada mal-ferida. Não resistiu.**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. eng. Leite Pinto, ministro da Educação Nacional; ten.-coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário de Estado da Aeronáutica; capitão-de-fragata Jaime Correia do Inso, dr. Manuel José Homem de Melo e Eduardo Freitas da Costa. Esteve também ali, a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, o sr. dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência. * O sr. Presidente do Conselho trabalhou com os srs. ministro da Presidência e presidente da Assembleia Nacional e recebeu o sr. prof. dr. Galvão Teles.



De passagem por Santarém, almoce ou jante no RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.

Diário da OUTRA BANDA

Academia Almadense

Incluída no programa do 65.º aniversário da Academia Almadense há, esta noite, na sua sede uma festa denominada «Noite de Sonho», com a colaboração da orquestra de Domingos Vilaça e artistas da rádio e da televisão.

Cinemas

(HOJE)

ALMADA — Academia Almadense — Às 21 e 15 — «Epopeia dos mares» — (12 anos).

CAPARICA — Cine Copacabana — Às 21 — «Sem tempo para morrer» e «P. F. F. F. T. é o amor que se evapora» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — Recreativo Piedense — Às 21 e 30 — «Os guerrilheiros» e «Sem perdão» (17 anos); União Artística Piedense — Às 21 e 15 — «Desafio ao perigo» e «A máscara de Frankenstein» (17 anos).

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Às 21 e 15 — «Ultimo golpe» e «O massacre dos dragões» (17 anos).

PINHAL NOVO — Filarmónica União Agrícola — Às 21 e 30 — «A legião dos condenados» (17 anos).

PORTO BRANDÃO — Cinema — Às 21 e 30 — «Os que sabem morrer» (17 anos).

BARREIRO — Cine-Ginásio C. U. F. — Às 21 — «Rapazes da Marinha» e «Marcado pelo ódio» (17 anos).

PALMELA — Cinema Teatro S. João — Às 21 e 30 — «Quatro dias de loucura» e «Primavera de uma vida» (17 anos).

MONTIJO — Cinema Teatro Joaquim de Almeida — Às 21 — «Coração de uma cidade» e «Hercules» (12 anos).

AMORA — Sociedade Filarmónica Operária Amorense — Às 21 e 15 — «Entardecer sangrento» e «Noite de terror» (17 anos).

MOITA — Cine-Teatro Capricho — Ás 21 e 30 «Têmpera de herói», «A máscara do mágico» (17 anos).

(AMANHÃ)

ALMADA — Academia Almadense — Ás 21 e 15, «Epopeia dos Mares» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — Recreativo Piedense — Ás 15 e 30 e 21 e 30, «Taki, Roullote e Corrida».

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Ás 15 e 30 e 21 e 15, «Eu seja cão» (12 anos).

PORTO BRANDÃO — Cinema — Ás 21 e 15 «A Ponte do rio Kwai» (12 anos).

BARREIRO — Teatro-Cine Barreirense — Ás 15 e 21 horas «Na rota do Inferno» (17 anos) — Cinema-Ginásio C. U. F. — Ás 15 e 21, «Romance em Capri» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine Copacabana — Ás 21 horas «Os destemidos» e «O grande jogador» (12 anos).

PALMELA — Cine-Teatro S. João — Ás 15 e 30 e 21 e 30 «Quatro dias de loucura» e «Primavera de uma vida».

MONTIJO — Cine-Teatro Joaquim de Almeida — Ás 21 «Desejo de amar» (17 anos).

PINHAL NOVO — Filarmónica União Agrícola — Ás 21 e 30 «A Legião dos Condenados» (17 anos).

MOITA — Cine Teatro Capricho — A's 21 horas — «A Bruxa», opereta regional em 3 actos, desempenhada pelo Grupo Cénico Operário Samoquense.

Farmácias de serviço

(HOJE)

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos Costa, 10, telefone 034137.

ALMADA — Castro Guimarães — Rua Capitão Leitão, 121, tel. 070076.

BARREIRO — Normal.

COVA DA PIEDADE — Cerqueira — Praça 5 de Outubro de 1910, 18, tel. 070254.

MOITA — União Moitense — Praça da Republica.

MONTIJO — Moderna — Rua Bulhão Pato, 60, tel. 030032.

SEIXAL — Soromenho — Rua Paiva Coelho, 38, tel. 021560.

SESIMBRA — Leão — Rua da Republica, 51, tel. 029025.

SETUBAL — Lisboa — Rua Dr. Paula Borba, 70-72, tel. 22248.

(AMANHÃ)

ALCOCHETE — Farmácia Gameiro — Largo António S. Jorge. Tel. 034100.

ALMADA — Farmácia Central — Rua Oliveira, 11-B. Tel. 070504.

COVA DA PIEDADE — Cerqueira — Praça 5 de Outubro 1910, 18. Tel. 070254.

BARREIRO — Higiene — R. Miguel Bombarda, 176. Tel. 023217.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16. Tel. 039029.

MONTIJO — Higiene — Rua José Joaquim de Matos.

SEIXAL — Soromenho — Rua Paiva Coelho, 38. Tel. 021560.

SESIMBRA — Lopes — Rua da Republica, 51. Tel. 029028.

SETUBAL — Costa — Rua da Misericórdia, 48 a 50. Tel. 22488.

Mocidade Portuguesa

Comemoração do «Dia do Lusito»

Em comemoração do «Dia do Lusito», efectuou-se esta tarde, no Pavilhão dos Desportos, uma concentração dos «Lusitos» de Lisboa, pertencentes aos centros escolares primários da M. P., em numero aproximado a 4000.

A sessão começou com a marcha da Mocidade, cantada por toda a assistência escolar. Seguiu-se a representação de uma peça teatral intitulada a «Sala do Infante», interpretada pelos filiados do Centro Escolar n.º 25, do Liceu Pedro Nunes. Houve depois numeros de acordeão e gaita-de-beiços, palhaços, recitativos e danças regionais.

Durante a festa proceder-se-á á entrega de prémios relativos ao concurso de presépios.

Por ultimo será distribuido um lanche a todos os filiados.

Assistem ao espectáculo os srs. brigadeiro Raul Pereira de Castro, comissário nacional da M. P., capitão Chaves de Carvalho, delegado distrital da Mocidade e centros dirigentes e instrutores dessa Organização.

Um novo arrastão

foi lançado à água nos estaleiros da Gafanha

AVEIRO, 30 (Pelo telefone) — Com a presença do capitão do porto, sr. comandante Armando Cabral, e de outras individualidades foi hoje lançado á água, nos estaleiros da Gafanha, o arrastão «Madalena Sobral» que se destina á pesca costeira. Foi madrinha da nova unidade, mandada construir pela Sociedade de Pescarias Sobral e Mónica, Lda., a menina Maria Natércia Mónica Sobral, que quebrou de encontro á quilha a tradicional garrafa de espumante.

São as seguintes as principais caracteristicas do novo arrastão: comprimento, 30,5 metros; boca, 6,40; pontal, 3,36; deslocamento, 257 000 toneladas; tem um porão para peixe, isolado, com capacidade para 45 000 toneladas. Um motor «Diesel» imprime-lhe a velocidade de 10 nós.

NAVIO AMERICANO

em visita ao Tejo

E' esperado amanhã no Tejo, como anunciámos, o navio de salvação «Oppoetune» da Armada norte-americana, sob o comando do capitão-tenente T. F. Byrnes Junior, o qual desembarcará para os habituais cumprimentos da praxe, depois de o navio atracar á muralha da doca da Marinha.

Praia do Sol — Costa da Caparica

A maior e uma das mais belas praias de Portugal

Quando V. Ex.ª a visitar encontrará á sua disposição
ESTALAGEM ROSA DOS VENTOS — PASTELARIA REX — RESTAURANTE BENTO

Em serviço desde Janeiro nas linhas de África e da América do Norte, da

SABENA

BRUXELAS — LEOPOLDVILLE 8 H
BRUXELAS — JOANESBURGO 12 H
BRUXELAS — NOVA-YORQUE 8 H

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS
Av. da Liberdade, 13-1.º Dtº e 13-A, Lisboa - Telef. 35572

Linha de SINTRA

Cinemas

(HOJE)

ALGUEIRÃO — Cine-Teatro Chaby — Às 21 e 30 — «A maior aventura de Tarzan» (17 anos).

AMADORA — Recreios — Às 21 e 15 — «O rato que ruge» e «A noite em que o Mundo explodiu» (12 anos).

CACEM — S. João — Às 21 — «A queda de um corpo» e «Ódio destruidor» (12 anos).

QUELUZ — Queluz Cinema — Às 21 e 15 — «Promessas, amor e ...» e «Tormenta no paraíso» (17 anos).

SINTRA — Carlos Manuel — Às 21 e 30 — «A loba» (17 anos).

VENDA NOVA — Portugal — Às 21 e 15 — «Contrabando no Cairo».

(AMANHÃ)

ALGUEIRÃO—Cine-Teatro «Chaby», ás 21 e 30: «Rapsódia portuguesa» (12 anos).

AMADORA — Recreios, ás 21 e 15: «Terceiro homem sobre a montanha» (12 anos).

CACÉM — Cinema S. João, ás 21 e 30: «A Ladra» (17 anos).

SINTRA — Cine-Teatro «Carlos Manuel», ás 21 e 30: «Um lugar na alta roda» (17 anos).

VENDA NOVA — Cine-Portugal, ás 21 e 15: «2 amores e uma cabana» (17 anos).

Farmácias de serviço

(HOJE)

AMADORA — Carmela — Rua Elias Garcia, lote 28-E. tel. 931303.

QUELUZ — André — Rua Elias Garcia, 85-A, tel. 950043.

SINTRA — Misericórdia — Rua Visconde Monserrate, tel. 980391.

(AMANHÃ)

AMADORA — Central, Avenida Cardoso Lopes, 25; Tel. 930210; Clabel, Rua A, Lote 5, loja D (Bairro Janeiro), Tel. 931551.

QUELUZ — Correia, Rua Mateus Vicente Oliveira, 3; Tel. 950905.

SINTRA — Marrazes, Largo Afonso de Albuquerque, Tel. 980058.

Foram processados
vários responsáveis
pelo abate clandestino de reses

Os serviços de fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos, que mantêm activa e constante vigilancia para a repressão dos abusos no comércio de carnes, exercem agora, a sua acção incisiva contra o abate clandestino de reses destinadas ao consumo publico não só em talhos, mas em casas de comidas e, também, para venda a particulares.

Uma continua acção preventiva, mediante palestras e conselhos, nos centros rurais, tem reforçado a luta contra tal prática delituosa, que acarreta grave perigo para a saude publica.

Nos ultimos tempos, foram organizados em vários pontos do País, processos, nos quais são arguidos cerca de 50 indivíduos, entre eles talhantes e negociantes de gado, proprietários de casas de comidas, retalhistas, vendedores ambulantes e outros.

Os arguidos são dos concelhos de Coimbra, Portalegre, Tavira, Covilhã, Chaves, Valpaços, Amarante, Oliveira do Bairro, Olhão, Grandola, Sintra, etc.

Processos por falta de manifesto de trigo

Os mesmos serviços da I. G. A. ultimaram o processo contra um armazenista de cereais, de Macedo de Cavaleiros, por não ter manifestado e destinar á venda 13 600 quilos de trigo, que tinha armazenado e foram apreendidos.

Foi remetido a tribunal outro processo no qual é arguido um agricultor do concelho de Tomar, que igualmente não manifestou o trigo da sua produção.

O 2.º ANIVERSÁRIO

do Instituto de Formação Social e Corporativa

No Instituto de Formação Social e Corporativa, com a presença de um representante do sr. ministro das Corporações, celebrou-se o 2.º aniversário daquele organismo com uma sessão solene na qual usaram da palavra os srs. dr. Leite Pereira, chefe do gabinete daquele ministro; dr. Gonçalves Proença, director do Instituto, e os alunos srs. Frederico Marques, Domingos José Galante e António Maria Marques. Seguiu-se um almoço, durante o qual se trocaram saudações.

NOVOS MÉDICOS

para o Hospital de Santa Maria

Estão abertos concursos de provas publicas, documentais, teóricas e práticas e eliminatórias, para o preenchimento de 43 vagas de médicos internos, dos internatos graduado e complementar, de várias especialidades, do Hospital de Santa Maria.

Foi assinado

novo contrato de trabalho com os operários dos estaleiros de S. Jacinto

AVEIRO, 30 (Pelo telefone) — Chegou hoje a esta cidade, o sr. ministro das Corporações que vem visitar os estaleiros de S. Jacinto e assinar novo contrato colectivo de trabalho.

Na estação de caminho de ferro, aquele membro do Governo era aguardado pelo sr. governador civil dr. Jaime Ferreira da Silva, e pelo delegado do I. N. T. P., dr. Jorge da Fonseca Jorge, e por outras individualidades. Depois dos cumprimentos, dirigiu-se para as instalações daquele estaleiro que visitou demoradamente, com o maior interesse.

Seguiu-se a assinatura do contrato de trabalho com o Sindicato dos Carpinteiros Navais do Distrito de Aveiro. Discursaram os srs. Leopoldo da Silva Vigário, presidente daquele organismo sindical, o administrador dos estaleiros D. António Sobral e o delegado do I. N. T. P. dr. Jorge da Fonseca Jorge.

Encerrou a série de discursos o sr. ministro das Corporações que salientou a importancia do novo instrumento de trabalho e manifestou especial satisfação por o acordo colectivo incluir um capítulo dedicado á higiene e segurança no trabalho. Depois, aquele membro do Governo revelou que o acordo que acabava de homologar era na mesma data tornado extensivo ás restantes empresas dos distritos de Aveiro e Coimbra.

O ministro fez várias considerações sobre a política de salários prosseguida pelo Governo, afirmando que estavam a desenvolver-se esforços para, através da remuneração do trabalho, se promover mais equitativa distribuição do acréscimo dos rendimentos nacionais. «E' consolador — frisou — verificar que esta política tem podido efectivar-se, na maioria dos casos, por entendimento entre a produção e o trabalho. Isto prova a eficácia do princípio corporativo e a falsidade das doutrinas que assentam ou promovem a luta de classes».

MULHER MORTA
pelo marido?

LEIRIA, 30. (Pelo telefone). — Foi preso pela G. N. R., Alvaro Rodrigues, de Vale Pinheiro, de 30 anos, por alcunha o «Paciência», por suspeita de assassínio de sua mulher, Graça Ribeiro, encontrada, esta manhã, morta com facadas. Alvaro Rodrigues afirma que a sua casa foi assaltada por dois desconhecidos que feriram mortalmente a mulher e o espancaram. O corpo da vítima vai ser autopsiado.

A CIDADE

A ligação

dos carros eléctricos com o metropolitano, em Benfica

Por motivo dos trabalhos de ligação das linhas dos carros eléctricos das Estradas de Benfica e das Laranjeiras com as já instaladas junto á correspondência daqueles carros com o metropolitano, em Sete Rios, será vedado ao transito de veículos o troço da Estrada de Benfica, entre a Azinhaga das Furnas e a Rua de Campolide, amanhã, entre as 0 e as 9 horas da manhã. Os veículos que se dirijam a Benfica ou Carnide deverão utilizar a Rua Filipe da Mata, a Estrada das Laranjeiras, a Estrada da Luz e a Azinhaga da Fonte, ou os arruamentos do Parque Florestal de Monsanto.

Pelos hospitais

ACIDENTES DE VIAÇÃO — Recolheram á sala de observações do Hospital de São José: o sr. Rafael dos Santos, de 28 anos, ajudante de electricista, residente em Vila Verde, que foi colhido por uma bicicleta, em Pero Pinheiro; a sr.ª Rosalina Portugal, de 69, vendedeira ambulante, Avenida António Augusto de Aguiar, 242-1.º, que, na Rua Portugal Durão, foi, igualmente, atropelada e sofreu fractura de um braço; o sr. João Ribeiro, 62, jornaleiro, Rua Gervásio Lobato, 10 r-c., dto., atropelado por um «eléctrico», na Avenida 24 de Julho; os srs. Artur José da Costa, de 49, vendedor, e Joaquim Rodrigues Póvoa, de 66, cobrador da Companhia das Aguas, morador na Rua da Fé, 40-3.º, os quais foram atropelados por automóveis, repectivamente, na Avenida Infante D. Henrique e na Avenida da Liberdade; e o sr. Henrique Francisco João, de 26, serrador de marmorite, residente em Lourel, que, quando seguia de bicicleta, embateu, em Pero Pinheiro, nas traseiras de um veículo particular, ao qual havia dado passagem.

Quem perdeu?

Relação dos achados entregues ontem no Governo Civil de Lisboa: Uma importancia em dinheiro; uma esferográfica; um camafeu; uns óculos; porta-moedas; uma gelatina com o livrete de automóvel L N 49-16 e o bilhete de identidade de Alberto Baptista; diversas peças de automóvel; um esquadro de plástico; uma caneta; um isqueiro; um estojo com um pente; uma bengala; botas de bebé; diversas argolas com chaves.

Também no Sindicato Nacional dos Motoristas se encontra o seguinte: um envelope com o nome de António Calado; uma sombrinha; um embrulho; uma máquina fotográfica com estojo; uma luva; uma argola com chaves; um colar de pérolas e brilhantes; uma bolsa com dinheiro; uns óculos escuros; uma navalha; uma mala de senhora; uma bolsa de plástico; um varão de ferro; um chapéu de chuva.

Na Secção de Justiça da P. S. P., no Governo Civil, encontra-se depositada uma bicicleta, sem marca, com chapa da C. M. de Loures.

—Foi encontrado no dia 14 (Quinta-feira Santa), entre as igrejas dos Mártires e da Encarnação um relógio valioso, que será entregue a quem provar pertencer-lhe, podendo comunicar pelo telef. 26960.

Linha de CASCAIS

Começou a construção
do novo Hotel Estoril-Sol

Em breve no Parque Palmela, entre o Monte Estoril e Cascais, surgirá um novo hotel, que, pela sua arrojada concepção, deve ser, no sector da nossa industria hoteleira, obra de indiscutível valor.

Levados a efeito, com o maior escrupulo, os estudos geológicos do terreno, com vista aos trabalhos das fundações, que foram submetidos á apreciação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e tendo sido já o anteprojecto objecto de minucioso estudo por parte da comissão do Plano de Obras no Estoril, recomeçaram agora os trabalhos. Abrangem estes já todo o plano de execução das fundações, mas a Estoril-Sol não pode imprimir-lhe ainda o ritmo desejado, por estar em estudo a eventual aplicação de uma estrutura metálica, que seria a primeira no género em Portugal, á prova de sismos.

Admite-se que o hotel esteja construído dentro de cerca de três anos e meio, ou seja, o mais depressa possível, de modo a dar rápida solução ao problema do alojamento de turistas na Costa do Sol.

O hotel Estoril-Sol ficará sendo o edifício mais alto do País, com 23 pisos, um total de 350 quartos, distribuídos por 37 «suites», 60 quartos de luxo e 178 quartos normais. O projecto abrange ainda, um grande salão de conferências; «boite»; piscina, instalação de banhos turcos, garagem, estação de serviço, e esplanadas, em suma, um pequeno mundo como o dos seus congéneres americanos.

Quanto ao novo Casino Estoril, outra das obrigações contratuais da Estoril-Sol, ainda não foi superiormente fixada a sua localização. A Estoril-Sol apresentará, porém, até ao fim de Junho, um estudo sobre esse novo Casino, que será apreciado pela Comissão do Plano de Obras da Zona do Estoril.

Por essa razão o sr. Teodoro dos Santos, administrador-delegado da Estoril-Sol partiu para a América, onde vai documentar-se sobre construção de casinos.

Cinemas

(HOJE)

ALGÉS — Stadium — Às 21 — «Rumo a Tóquio» e «Corpo sem alma» (12 anos).

CARCAVELOS — Vitória — Às 21 e 15 — «Demónios á solta» e «Um espada para Hollywood» (17 anos).

CASCAIS — Académico — Às 21 — «Dia de furia» e «Castelo do pavor» (17 anos); São José — Às 21 e 30 — «Zenóbia e o gladiador» (17 anos).

ESTORIL — Casino — Às 21 e 30 — «Os cinco reis» (17 anos); Associação dos Bombeiros — Às 21 — «O diabo do deserto» (12 anos).

OEIRAS — Cine — Às 21 — «O corsário Lafite» (12 anos).

PAREDE — Royal — Às 21 e 15 — «Os 12 homens em furia» e «Feiticeira da Floresta».

(AMANHÃ)

ALGÉS — Stadium — Às 15 e ás 21 h. — «Sansão e Dalila» (12 anos).

CARCAVELOS — Vitória — Às 21 e 30 — «Totó e Marcelino» (12 anos).

CASCAIS — Académico — Às 16 e ás 21 h. — «A ultima carga dos Sioux» e «Mademoiselle Nitouche» (12 anos); São José — Às 16 e ás 21 e 30 h. — «Capitão sem barco» (12 anos).

ESTORIL — Casino — Às 17 e ás 21 e 30 h. — «Regresso do inferno» (17 anos); Associação dos Bombeiros — Às 21 — «Um rei e quatro rainhas» e «Ingénua até certo ponto» (17 anos).

OEIRAS — Cine — Às 21 — «Sem tempo para morrer» (17 anos).

NOVO DIRECTOR

da Estação Agronómica Nacional

Na quarta-feira, ás 11 e 30, o sr. secretário de Estado da Agricultura confere posse ao sr. prof. Domingos Vitória Pires do cargo de director da Estação Agronómica Nacional, para o qual foi recentemente nomeado.

Farmácias de serviço

(HOJE)

ALGÉS — Miramar — Rua Ernesto Silva, 81, tel. 012048.

CASCAIS — Cordeiro — Rua Frederico Arouca, 16, tel. 080170.

ESTORIL — M. Marques dos Santos — Alto Estoril, tel. 060116.

OEIRAS — Central — Rua Conde de Ferreira, tel. 043058.

PAÇO DE ARCOS — Godinho — — Avenida Patrão Joaquim Lopes, 4, tel. 042039.

PAREDE — Artur Brandão — Avenida da Republica, 77-C, telefone 047054.

(AMANHÃ)

ALGÉS — Combatentes — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 166, tel. 013953.

CASCAIS — Cordeiro — Rua Frederico Arouca, 16, tel. 080170.

ESTORIL e MONTE — Costa — Avenida Saboia, Monte, tel. 060085.

OEIRAS — Godinho — Rua Candido dos Reis, 98, tel. 043090.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, telefone 042034.

PAREDE — Grincho — Avenida da Republica, 87-A, tel. 047204.

Experimente o novo restaurante do

HOTEL FLAMINGO

BOA COZINHA * BOM AMBIENTE

Rua Castilho, 41 — Tel. 732191

Tágide — APRESENTAM — Palm Beach

Em estreia

A grande revelação 1960 da canção francesa

MADY ROUGEY

O Fado na linda voz de

Maria da Conceição

com os seus guitarristas privativos

NO PALM BEACH

Estreia do famoso pianista

RICARDO CREDI

e o seu Conjunto

com

LORD CHEVALIER

(Maiores de 17 anos)

Todos os Domingos

Na TÁGIDE e no PALM BEACH

CHÁS DANÇANTES

Na próxima semana

2 SENSACIONAIS ESTREIAS

A inolvidável parelha de baile que a Tágide e o Palm Beach apresentaram o ano passado

Bob West & Sis

A grande Vedeta americana de baile clássico-moderno

Estelle Zarra

MAIS UM PROGRAMA QUE FICARÁ MEMORÁVEL

TEATROS E CINEMAS

«Un Ange Passe», no São Luiz

Pierre Brasseur não confeccionou, com todos os rodriguinhos da praxe, uma simples peça-pretexto para exibir a sua arte de monstro sagrado: antes pelo contrário se esforçou por criar um texto válido, como substancia, antes da corporificação que o actor lhe traz. Não foi, entretanto, nesse seu propósito, tão longe como o terá desejado.

«Un Ange Passe» é uma comediazinha ambiciosa, a que não falta espírito nem inteligência, que se permite inclusive aflorar, ainda que sempre superficialmente, temas sérios e apaixonantes: a motivação do amor, a fidelidade da recordação, as razões que os homens têm para viver ou morrer. O que este intérprete por vezes genial não soube, porém, criar como dramaturgo, e que é condição *sine qua non* do teatro, foi acção. Ao fim do primeiro acto, estão-nos desvendados todos os segredos do entrecho. E o pouco que ficou por dizer dilui-se, perde-se inglòriamente: quer o fio policial, ou a possível intervenção maquiavélica de um irmão no suicídio absurdo do outro, quer a revelação do carácter deste, que nunca chega a definir-se, apesar dos intermináveis solilóquios do seu fantasma. Porque a comédia, em ultima análise, pode reduzir-se a um amontoado de frases, muitas delas com graça e com «finesse» ou com um sarcasmo brilhante, mas sem finalidade dramática.

Um jovem saudável, nem bom nem mau, nem apaixonado nem cínico, hesitante entre os seus pincéis, uma noiva trivialmente romantica e a sua vocação secreta de ficcionista, mata-se, depois de pôr termo ao ultimo capítulo do romance em cujo protagonista ele se retrata. Os pais, o avô—seu maior amigo—, a criada, a namorada que acaba por o procurar na morte, sem muita convicção, depois de entregar o corpo, por experiência, ao irmão (o sujeito terra-a-terra em quem habita afinal o mistério da intriga ou cujo prosaísmo descarrega a fatalidade, em tom menor), toda essa gente busca o porquê do suicídio. E os três actos morosos, e por vezes penosos, a que assistimos apenas nos explicam que afinal tudo se resume a um acidente, ocorrido quando o jovem demiurgo simulava diante do espelho o acto desesperado da sua personagem. É certo que Dona Morte Secretária, que tem o dom de atravessar as portas, insinua que a vida dele tinha de cumprir-se assim mesmo. O pior é que nem uns nem outros nos convencem. Falta aos gestos necessidade, como ás palavras veemência.

Durante três actos Pierre Brasseur fez frases, prejudicadas por uma preocupação demasiado evidente de oralidade, que as sobrecarrega de interjeições. Enfim, um exercício de amador, com seus momentos mais relustrados, a que o Pierre Brasseur encenador emprestou uma poesia fácil, claudicando na harmonização da crítica, por vezes chistosa, ao pequeno universo burguês com um macabro funambulesco de gosto quase duvidoso. A marcação é, no entanto, experiente e até mesmo «bonita».

Como actor, este Pierre Brasseur que nos apareceu, choramingueiro e pastoso, no papel do avô Florise, descobrindo aqui e além o seu extraordinário talento, sobretudo nas réplicas favoráveis áquela «morgue», áquela desfaçatez truculenta e grandiosa a que os seus papéis nos têm habituado como a um estilo — não nos comoveu, nem sequer nos fez rir. Porquê? Simplesmente porque os grandes actores sem grandes textos se apoucam, quando não se mostram cabotinos. E ainda que Brasseur tenha sido ontem, apesar de tudo, por instantes, cintilante, nem de longe se pôde medir com o que ele próprio foi em «Kean» ou em «Le Diable et le Bon Dieu».

A seu lado, e igualmente condicionados pela qualidade molesta das figuras a encarnar, Pierre Gallon (o pai), Aline Bertrand (a mãe), Robert Lepers (o irmão bom-senso), Claude Brasseur, alma do outro mundo assaz neutra; Françoise Delbart (a noiva e depois companheira do morto nesse Além que o autor inculca como uma espécie de limbo entre os viventes e o nada). Picolette (a expressiva criada), Lina Magrini, que consegue dar certa intensidade á débil figura da Dama de Cinzento, formam, sem duvida, um conjunto homogéneo e agradável.

E Lisboa sempre viu no São Luiz, em tamanho natural, um dos seus ídolos, que não a desiludiu por completo, embora dele possa e deva esperar muito mais: Pierre Brasseur.

U. T. R.

Amanhã, no S. Carlos

estreia da nova ópera de Ruy Coelho

O maestro Ruy Coelho, que, nos ultimos anos, compôs uma larga série de óperas, nas quais se revelaram muitos cantores portugueses, apresenta amanhã, em S. Carlos, uma sua nova obra, o «Auto da alma», com texto de Gil Vicente, pela qual existe o maior interesse nos meios musicais.

Ruy Coelho, cujas obras têm sido apresentadas, integralmente, em diversas emissoras estrangeiras, como a Radiodifusão Francesa, Rádio Nacional de Espanha, Rádio Viena, faz ainda, no mesmo espectáculo, a reposição da Oratoria «Fátima», o maior êxito do compositor, assim como a nova versão de «O vestido de noiva» (Milagre de Santo António), com texto de Charles Oulmont.

A próxima temporada

do American Ballet Theatre

A próxima temporada de bailado do Teatro de S. Carlos traz de novo ao nosso País o famoso American Ballet Theatre, que inclui agora entre as suas figuras, e além de Eric Bruhn, Nora Kay e John Kriza, a grande Maria Tallchieff, durante largos anos estrela do «New York City Ballet». Nesta temporada serão apresentados, a par dos êxitos já aplaudidos, sete «ballets» ainda desconhecidos do publico português: «Miss Julie», «Pilar of Fire», «Barbeblen», «Caprichos», «Lady from the sea», «Concerto de Chopin» e «Serenade for Seven».

Teatro de amadores

no Clube Estefânia

A's 21 e 30, no Clube Estefania, o grupo cénico daquele clube apresenta pela 4.ª vez a peça «O escorpião», de António Paso.

Atrás do reposteiro

- Conclui-se amanhã a temporada de revistas no Teatro Maria Vitória. A companhia segue, na próxima semana, para o Porto e província, só devendo regressar a Lisboa, em meados de Junho.
- Nos estudios do Lumiar, o realizador cinematográfico Artur Duarte, dá hoje por terminadas as filmagens do novo filme «Encontro com a vida».
- A companhia que hoje estreia no Monumental a comédia «Eu, não sou eu», termina a sua temporada naquele teatro a 31 de Maio, seguindo depois para a Africa.
- Os artistas Brunilde Judice e Alves da Costa, pretendem organizar companhia, para, na época de Verão, seguirem em digressão pela província.
- Em Lourenço Marques, no Teatro Gil Vicente, realizou-se, na passada segunda-feira, a festa de despedida do artista Gabriel Infante.
- O realizador e produtor teatral Chianca de Garcia há muito residente no Brasil, convidou o actor português Salu de Carvalho, para desempenhar a figura de «Tomé de Sousa», primeiro governador do Brasil, na peça de Jesué Monteiro «Alegoria das três capitais» que será representada em Brasília, no fecho das festas da sua inauguração.
- O actor Gabriel Pais, anda em digressão artística pelo Estado do Pará.
- O actor Procópio Ferreira participou no Festival Amador de Teatro, realizado em Natal, representando a peça de Pedro Bloch «Esta noite choveu prata».

No D. Maria II

Últimas representações de «A visita da Velha Senhora»

Está em ultimas representações, e em pleno êxito, no D. Maria II, a famosa peça «A visita da velha senhora» de Friedrich Durrenmatt, na versão portuguesa de Olavo d'Eça Leal, espectáculo surpreendente em todos os seus aspectos, desde o texto, que é uma das mais significativas expressões do teatro moderno, até á brilhante interpretação. Por isso o publico se tem precipitado para a bilheteira, a fim de aproveitar estes poucos dias que ainda faltam, ninguém quer perder um dos mais notáveis acontecimentos teatrais de todos os tempos, cuja realização se deve ao grande encenador espanhol Cayetano Luca de Tena e em cuja interpretação participa um grande elenco de trinta artistas, do qual fazem parte, além de Amélia Rey Colaço e Erico Braga, nas figuras dominantes, Raul de Carvalho, Jacinto Ramos, Celestino Ribeiro, J. Manuel de Carvalho, Maria Corte Real, Gina Santos, António Machado, Pedro Lemos, Manuel Correia, Paiva Raposo, Luís Filipe, Julio Cleto, Varela Silva, José de Castro, F. Curado Ribeiro, Carlos Gonçalves, Carlos Duarte, Luz Veloso, Helena Félix, Irene Cruz, Lourdes Lima, Laura Fernandes, Henrique Viana, Carlos Silva, João Mota, José Cardoso e Tomás de Macedo.

No Monumental

estreia-se hoje a comédia «Eu não sou Eu»

Irene Isidro

No Teatro Monumental estreia-se esta noite uma categorizada comédia inglesa «Eu não sou Eu», grande cartaz em Paris e Londres. E' uma peça diferente, uma comédia humana, policial e divertida, de Roger MacDougall e Ted Allan, baseado numa história de Roy Vickers, traduzida da versão francesa de Gabriel Arout por Sérgio de Guimarães e que tem o título original de «Gog e Magog».

O espectador mantém-se, desde os primeiros até aos ultimos minutos, em verdadeiro «suspense», pois nunca se sabe o que irá acontecer na cena seguinte.

A interpretação está a cargo de uma excelente companhia, que inclui a notável comediante Irene Isidro, artista de grandes méritos; Henrique Santana, jovem e talentoso artista e grande revelação desta temporada; o brilhante comediante Augusto Figueiredo, há muito retirado da cena; Joaquim Miranda, numa criação de grande relevo; e ainda a jovem Carmen Mendes.

Encenação admirável de Maria Helena Matos, e cenas de Sérgio

(Continua na 13.ª página)

TEATRO
MONUMENTAL
Espec. Vasco Morgado, Ld.ª
Telf. 55133—Adultos (M/17 anos)
● HOJE ás 21.45 h. ●
ESTREIA
a comédia de
ROGER MAC DOUGALL
e TED ALLAN
Tradução de
SÉRGIO GUIMARÃES

UMA PEÇA
HUMANA POLICIAL
e DIVERTIDA
DESEMPENHO de
IRENE ISIDRO
HENRIQUE SANTANA
AUGUSTO FIGUEIREDO
HENRIQUE SANTOS
JOAQUIM MIRANDA
CARMEN MENDES
ENCENAÇÃO de Maria Helena
CENAS de Sérgio Guimarães

Roga-se á Imprensa e ao Publico o favor de não revelarem o desfecho desta peça.

Amanhã á tarde, 1.º Esp. ás 16 h.

Xiomara Alfaro

NO ABC
Emp.ª Teatral ABC, Ld.ª
Telef. 366745
José Miguel
apresenta
TODAS AS NOITES
Às 20.45 e 22.45
UM GRANDE EXITO!
com a famosa vedeta da canção
● **XIOMARA ALFARO** ●
e um extraordinário elenco:
RAUL SOLNADO, MAX, MARIA ADELINA, ANTÓNIA MONTES, DOMINGOS MARQUES, DANIEL GARCIA, ALDA PINTO e a artista do Fado **FERNANDA MARIA**, com **MARIA JOÃO** e, no «compère», **CAMILO DE OLIVEIRA**
na revista da gargalhada
ACERTA O PASSO!
AMANHÃ, DOMINGO, ás 16 horas
1.º espectáculo á tarde (17 ANOS)
ATENÇÃO — «Jornal da Cidade», uma produção de Ápio Garcia em Rádio Club Português, transmite hoje, a partir das 17 horas, uma reportagem sobre a revista **«Acerta o Passo!»**

Pavilhão dos Desportos
Quarta-feira, 4 de Maio ás 21,45 horas
Concerto Sinfónico oferecido pelo Município de Lisboa
ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
Direcção: Dr. Ivo Cruz
Solista: Prof.ª Maria Fernanda Mella (soprano)
SINFONIA (NOVO MUNDO)
CANÇÕES POPULARES DE RUI COELHO, CRONER DE VASCONCELOS, ARMANDO JOSÉ FERNANDES — FREDERICO FREITAS — CLAUDIO CARNEYRO E DE ARTUR SANTOS — OS PRELUDIOS — LISZT
Os bilhetes distribuem-se 3.ª e 4.ª feira, das 9 ás 11,30 no Serviço Informativo dos Paços do Concelho e das 14 ás 17 horas no Pavilhão dos Desportos.

TRINDADE
HOJE, ás 21.30 (17 anos)
UM MARAVILHOSO ALBUM DA HISTÓRIA DE PORTUGAL
A Crónica dramática em 2 actos e 38 quadros de ANTÓNIO LOPES RIBEIRO
LEONOR TELES
com **EUNICE MUÑOZ** na protagonista, **ASSIS, CARMEN DOLORES, ROGÉRIO, GUSMÃO** e **RIBEIRINHO**
AVISO — Depois da subida do pano não é permitida a entrada na sala

VIELA
R. das Taipas, 14 — Telef. 27256
O restaurante realmente típico
Jante ou ceie ouvindo o FADO
Por: CELESTE RODRIGUES SÉRGIO
Candida Ramos, Beatriz Ferreira, Adelino dos Santos e Carlos Neves
(PARA ADULTOS)

CAMPO PEQUENO
AMANHÃ ÀS 17 HORAS AMANHÃ
REALIZA-SE A GRANDIOSA CORRIDA DE 8 TOIROS DE CASTA ESPANHOLA DOS **EX.mos HERDEIROS DO CONDE DE CABRAL**
TOUREIAM A CAVALO OS BRILHANTES ARTISTAS
MANUEL CONDE e PEDRO LOUCEIRO
SÃO «ESPADAS» OS FINOS MATADORES DE TOIROS CONTRATADOS PARA A CASTIÇA FEIRA DE SEVILHA
ANTÓNIO GONZALEZ e ANTÓNIO COBOS
Forcados Amadores da Tertúlia Tauromáquica do Montijo
Bilhetes á venda nos Restauradores, 7, desde 15 escudos
MAIORES DE 6 ANOS

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
TODAS AS NOITES, ÀS 21 E 30 — (17 ANOS)
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A VISITA DA VELHA SENHORA
de F. Durrenmatt, versão de Olavo d'Eça Leal
com AMÉLIA REY COLAÇO e ERICO BRAGA

Variedades e baile na CASA DO ALENTEJO
Hoje, sábado, ás 22 horas, variedades com Maria de Lourdes Resende, Maria Marise e Conjunto sem Nome, seguindo-se baile até madrugada.
ORQUESTRA TALISMA
Serviço de Restaurante

Os cinemas **S. LUIZ** e **ALVALADE** e a **PARAMOUNT** têm o justificado orgulho de anunciar a estreia, **HOJE**, da produção de Hal Wallis, para a qual chamam a atenção de todo o público

O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN HILL

em Technicolor e VistaVision

com

KIRK DOUGLAS
ANTHONY QUINN
CAROLYN JONES
EARL HOLLIMAN

Para maiores de 17 anos

Desde os primeiros momentos o grande realizador JOHN STURGES dá-nos os 94 MINUTOS MAIS EMOTIVOS DA HISTORIA DO CINEMA num filme de classe superior.

O público de Lisboa terá assim neste filme um grande espectáculo que certamente virá a ser considerado um novo «clássico» do cinema.

António Silva

SÓ HOJE E AMANHÃ
NO TEATRO
MARIA VITORIA
EMP.ª «E. SALVADOR e R. MARTINS, LT.ª»
Às 20.30 e 22.45 (Adultos—M/17 anos)
A MAIS ALEGRE E POPULAR DE TODAS AS REALIZAÇÕES DE
SALVADOR
A REVISTA POPULAR
TACO A TACO
O MAIOR ÊXITO DE GARGALHADA DOS ULTIMOS ANOS!
AMANHÃ ULTIMO ESPECTÁCULO À TARDE ÀS 16 HORAS
ATENÇÃO AO PORTO:
BREVEMENTE NO «ÁGUIA D'OURO» A REVISTA
«TACO A TACO»

JOSELITO
«A Voz de Ouro do Mundo»
na interpretação de
«O Pequeno Saltimbanco»
GRANDE ÊXITO EM 5.ª SEMANA NO CINEMA ODÉON

AMANHÃ
BENAVENTE CONTINUA EM FESTA!

Telf. BENAVENTE 60

NOVO E SENSACIONAL PROGRAMA DE
FOLCLORE, FANDANGO e FADOS
COM A GRANDE VEDETA DA POPULARIDADE
HERMINIA SILVA
E TODO O ELENCO DE OIRO DA SUA CASA TIPICA E AINDA
O RANCHO TÍPICO 7 SAIAS

ATENÇÃO: — Como habitualmente, HERMÍNIA SILVA actua á noite no seu Solar da Rua da Misericórdia

DUAS SESSÕES às 1.30 e 3.15
Pasapoga
Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 17 anos)

TODAS AS NOITES: SEMPRE ENCHENTES!
A VEDETA DA MODA
AMPARITO VALCANERA
À FRENTE DO EXTRAORDINÁRIO
BALLET PASAPOGA
COM SETE ESCULTURAIS BAILARINAS
LOS SOLMAR | **HERM. ESPAÑA**
ESTREIA DA NOTÁVEL **ORQUESTRA PASAPOGA** com os cantores *Arlindo de Sousa* e *Luís dos Santos*

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — O ULTIMO COMBOIO DE GUN HILL — SÃO LUÍS e ALVALADE

SÃO LUIZ — Telefone 27172
21.30 — (17 anos)
Estreia sensacional
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN HILL
com **Kirk Douglas** e **Anthony Quinn**

EDEN — Telefone 20768
15.30 - 18.30 e 21.45
Maiores de 12 anos
Um filme de extraordinária emoção em Technicolor
INFERNO DEBAIXO DE ÁGUA
com **James Garner** — **Edmond O'Brien** e **Andra Martin**
A doçura de um conflito sentimental e humano.

ALVALADE — Telefone 763080
21.45 — (17 anos)
Estreia sensacional
O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN HILL
com **Kirk Douglas** e **Anthony Quinn**

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M. 12 anos)
NAMORADOS EM FÉRIAS
A MÃO ESQUERDA DE DEUS

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
OS CINCO REIS
com Barbara Bel Gedder

TIVOLI — Telefone 50595
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
(M/17 anos)
2.ª SEMANA
Elizabeth Taylor, Katharine Hepburn e Montgomery Clift em
BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO...

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
NOTÁVEL ÊXITO
A heroica epopeia de um rebelde que tinha a cabeça a prémio...
KASIM, O BANDIDO
com **Victor Mature** e **Anne Aubrey**
UM MOMENTO GRANDIOSO: O MASSACRE DA CARGA DE CAVALARIA.
CINEMASCOPE (M/17 anos)

CONDES — Telefone 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 — (12 anos)
O ídolo do publico
CANTINFLAS NO INFERNO
com **Andres Soler** e **Miguel Arenas**

ODEON — Telefone 26283
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 6 anos)
5.ª SEMANA
JOSELITO
O PEQUENO SALTIMBANCO
Bilhetes á venda para os dias seguintes.

ROYAL — Telefone 865037
21.00 (M. 12 anos)
RIO BRAVO
em Cinemascope
com John Wayne

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M. 17 anos)
MULHERES PERIGOSAS
com Sylva Koscina

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/17 anos)
ZARAK
Em Cinemascope
AO SUL DE MOMBAÇA

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Shirley Mac Laine
David Niven
numa história engraçadíssima que ensina as mulheres a arranjar marido
O QUE ELAS QUEREM... É CASAR
Technicolor — Cinemascope

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Ian Carmichael
Belinda Lee
em
GENTE DE MÁ NOTA
Technicolor — Vistavision
Um filme para rir sem peso, conta, nem medida!

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 18.15 e 21.30
(M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um espectáculo de sonho passado no ambiente faustoso e colorido de Viena imperial de 1815
A BELA MENTIROSA
Romy Schneider, a inolvidável «Sissi»
com **Jean Claude Pascal**

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 e 21.45
(Adultos)
O INSPECTOR MAIGRET
com **Jean Gabin** e **Michel Auclair**
Toda a atmosfera angustiante das novelas policiais de George Simenon.

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 e 21.45
(12 anos)
OPERAÇÃO MONTGOMERY
com John Mills, Cecil Parker e Clifton James (o duplo de Monty)

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/12 anos)
AMORZINHO DA MINHA VIDA
BANDOLEIRO ROMANTICO

Beatriz no «Mandador do baile»

Em 2 sessões — NO — 20.45 e 23 h.
Telef. p.ª Adultos — **AlveVida** — 27273 — M/ 17 anos

Giuseppe Bastos e **Vasco Morgado** apresentam a grande revista popular do momento

Está Bonita a Brincadeira!

A REVISTA EM QUE TRIUNFA **BEATRIZ COSTA**
com **COSTINHA** — **COLÉ** — **BERTA LORAN** — **JOSÉ VIANA** — **LUISA DURÃO** — **CARLOS COELHO, no «compére»** — **As atracções nacionais HELENA TAVARES e o CONJUNTO SEM NOME e a grande atracção internacional IRAN EORY**
AMANHÃ, ás 16 horas — **ESPECTÁCULO À TARDE!**

Costinha no final do 2.º acto

DESPORTOS

Sporting e Ferroviária

defrontam-se amanhã no Estádio «José Alvalade»

Não há jogos da 1.ª e 2.ª Divisões. A decisão foi tomada há bastante tempo mas, evidentemente, não exclui a oportunidade da crítica, cabido que, nos meses de Abril e Maio, a maioria dos clubes das duas Divisões tem sido forçada a uma inactividade que só afecta os seus legítimos interesses.

Em atenção ao jogo Portugal-Jugoslávia, a realizar no dia 8, em Lisboa, entendeu-se acautelar a condição física dos elementos convocados e daí interrompeu-se a sequência normal dos encontros oficiais. Mas a lógica sofreu um atropelo, dado que antes do Jugoslávia-Portugal, marcado para o dia 22 de Maio, não se considera a mesma conveniência pelo que os jogadores convocados para a selecção terão de alinhar nos respectivos clubes no domingo anterior. A estrutura do «onze» nacional, na altura, pode até sofrer um rude abalo se, acaso, alguém se magoar, o que se deseja não venha a acontecer.

Além disso, estranha-se que se defenda tanto o jogador senior (propositadamente não o classificamos de profissional) e se tenha consentido que os juniores, na Austria, hajam disputado em nove dias cinco jogos — cada um com a duração de 80 minutos e, ainda, um com o prolongamento de 20 minutos. Ninguém se preocupou. Antes julgou ser uma obrigação dos rapazes.

Sinceramente, afigura-se que há qualquer coisa de errado na organização dos problemas do futebol nacional. Aliás, a deslocação á Grécia, a meio da semana, em 25 de Maio, surge na pior altura, visto que decorridos quatro dias dispuita-se a ultima jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão. O Benfica teve razão em apresentar o seu caso á Federação. E' que em 29 do mesmo mês, os «encarnados» enfrentam o Belenenses em jogo que deve ser considerado de acentuada importancia antes de se saber o desfecho da partida de Leixões, onde o Benfica, como se sabe, pode chamar a si, definitivamente, a conquista do campeonato.

O foco do desacerto (excessivo) apontado reside, afinal, no plano da preparação da equipa nacional. Ou oito, ou oitenta...

* * *

Outro encontro internacional, mais rigorosamente luso-brasileiro, está aprazado para amanhã, ás 16 horas, no Estádio Alvalade.

Defrontam-se os conjuntos do Sporting e do Ferroviária (Araraguara) — a revelação do campeonato de S. Paulo onde se classificou em 3.º lugar.

A formação visitante apresenta alguns elementos de valor, como sejam Rosan, um guarda-redes de categoria, Didi e Bazzani.

No Sporting, além de Carlos Gomes cuja presença nas balizas parece assegurada, reaparecem Hugo, Diego e... Seminário.

Antes do jogo, ás 15 horas, realiza-se um encontro entre dois grupos formados por jovens das escolas dos jogadores do Sporting.

Após o encontro em que participa o Ferroviária, efectuam-se, ás 18 horas, a segunda jornada do Torneio Regional de Aspirantes, promovido pela Associação de Atletismo de Lisboa, e duas provas de selecção para o Portugal-Espanha (juniores).

* * *

Da série dos restantes jogos, destaca-se o que está marcado para Leiria, onde se enfrentam Barreirense e Desportivo de Chaves para apurar a equipa que passará para os quatros-de-final da «Taça de Portugal».

Nas Antas, para disputa da taça «Candido de Oliveira» defrontam-se F. C. Porto e Belenenses.

Em Torres Vedras e no Porto, realizam-se as partidas Torriense-Peniche e Boavista-Sporting de Braga.

DIA 5 DE MAIO

Benfica — Barcelona
entre juniores

Na noite de 5 de Maio próximo, no Estádio da Luz, defrontam-se as equipas de juniores do Benfica e do Barcelona, dois dos mais populares clubes peninsulares.

O valor dos grupos e o facto de os juniores portugueses terem alcançado assinalável êxito no torneio internacional da Austria (terceiro lugar, com uma unica derrota, em frente do vencedor) são circunstancias que valorizam extraordinàriamente este encontro. O Benfica, com os seus sete internacionais e detentores dos títulos de campeão de Lisboa e de Portugal, terá no Barcelona um adversário fortíssimo, que certamente justificará a razão por que a grande maioria dos seus juniores foi integrada na selecção catalã que disputa o campeonato espanhol.

Os jornais jugoslavos

aconselham o «team» de Portugal a treinar-se com muito cuidado

BELGRADO, 30—Nos meios desportivos desta cidade está a despertar o maior interesse o encontro de futebol que Portugal disputa aqui contra a Jugoslávia, no dia 22 de Maio, a contar para os quartos de final da «Taça das Nações».

O jogo efectua-se no moderno Estádio Central, situado nos suburbios de Belgrado, com capacidade para cinquenta e cinco mil espectadores, e que dispõe de magnífico relvado.

A selecção de futebol da Jugoslávia já eliminou a da Bulgária, por 3-1, em Belgrado, e pela contagem de 1-1, no encontro disputado em Sofia.

A equipa da Jugoslávia, que defronta Portugal, deve ter a seguinte constituição:

Soskic; Durkovic e Jusufi; Zanetic, Chnkovic e Perusic; Liposinovic, Mujic, Zebec, Sekularac e Bora Kostic.

Os melhores e mais perigosos jogadores da equipa são: Soskic, guarda-redes de reconhecida categoria e numero um da Jugoslávia. Durkovic e Crnkovic, são dois defesas magníficos e muito seguros. Alinham respectivamente, no Players de Zagreb e no Red Star de Belgrado. Os atacantes Zebec, Sekularac e Bora Kostic são esplêndidos jogadores, driblando magnificamente e rematando muito bem ás redes. Zebec é muito rápido e tem fugas estupendas e remata ás redes de qualquer angulo e nas circunstancias mais difíceis. Bora Kostic é rematador considerado e classificou-se como o melhor marcador de futebol da Jugoslávia em 1959. E' um jogador muito perigoso para a melhor defesa de qualquer equipa. Sekularac, apesar de muito jovem, é um bom jogador e excelente armador da manobra.

Os técnicos jugoslavos e os jornais desportivos de Belgrado encaram com a maior confiança o encontro da Jugoslávia com Portugal e predizem que se se classificarão para a final que deve ser disputada na França ou na Espanha.

A equipa da Jugoslávia está presentemente em excelente forma, e é difícil dizer qual o seu melhor sector — a defesa ou o ataque.

Os jornais desportivos são unanimes em afirmar que a equipa de Portugal tem de sujeitar-se a uma preparação muito cuidadosa e treinar-se em todos os aspectos. — (A. N. I.).

«REGIONAL» DE VOLEIBOL

O Benfica

bateu o Técnico

No voleibol, como em qualquer outra modalidade desportiva, há, no que se refere á forma das equipas, casos verdadeiramente curiosos. O que se passa com o grupo do Benfica não pode, de forma alguma, deixar de ser classificado como tal. O grupo de Nuno Ramos fez um Torneio de Abertura francamente mau (se atendermos, é claro, aos seus pergaminhos); depois, foi de alongada até França onde defrontou e venceu grupos de relativo valor. No regresso, o grupo sem ter modificado, ao que sabemos, o seu sistema de preparação, apareceu excelente. Com confiança, com as suas pedras mais valorosas a render quase o seu máximo e o que será de assinalar a revelarem um entendimento e uma frescura que lhes permite encarar os encontros e resolvê-los com evidente á vontade.

Ontem, contra o Técnico mais uma vez o caso se pôde observar. Sem forçar, os «encarnados» venceram naturalmente, por 3-0 (15-9, 16-14 e 15-9). A marca intermédia não significa equilibrio, pois só alguns lapsos sem história a permitiram. E, assim, foi um jogo de nível técnico aceitável em que se distinguiram N. Barros e C. Poppe. O Benfica continuou invicto e o Técnico averbou segundo desaire.

Arbitraram com alguns lapsos (as passagens de mão á rede nem sempre terão sido bem assinaladas), os srs. José Borges e José Machado e os grupos formaram:

Técnico — André Mendes, Frederico Heitor, Carlos Poppe, João Henriques e Raul Costa.

Benfica — Nuno Barros, José Bruno, Francisco Freire, António Augusto Artur e Fernando Monteiro. — N. M.

Carlos Gomes vai começar a jogar...

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

A luta prossegue entre 16 clubes

agora com redobrado interesse

Entra-se amanhã na segunda fase do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão, podendo afoitamente dizer-se que a quantidade cedeu a vez á qualidade.

Com efeito eram 64 as equipas que durante 14 jornadas andaram na liça, de que resultou serem afastadas 48. Fez-se pois rigorosa selecção de valores e agora, só o 1.º e o 2.º classificados de cada série aspiram á conquista do título e á subida á 2.ª Divisão.

O campeonato tem agora novos atractivos, pois a maioria dos jogos constituirão novidade.

A primeira jornada ficou assim, quanto aos jogos que encerra.

ZONA A

F. C. Penafiel c. Gil Vicente, em Penafiel; C. D. Feirense c. Clube Avintes, em Vila da Feira. Nenhum destes encontros é novidade.

Defrontam-se entre si equipas que na fase anterior pertenceram ás mesmas séries e em ambos são visitantes os vencedores de séries.

A previsão é de dois jogos equilibrados.

ZONA B

Norte e Soure c. S. B. Castelo Branco, em Paleão (Soure); G. D. Viação Sernache c. C. F. «Os Marialvas», em Sernache de Bonjardim. Medem forças grupos que foram de séries diferentes — em Soure os vencedores e em Sernache os segundos classificados. Não há pontos de referência para estabelecer previsões.

ZONA C

Sacavenense c. Casa Pia, em Sacavém; Alhandra c. Seixal, em Alhandra. Dois despiques entre grupos que nesta prova ainda não se defrontaram e daí a dificuldade de vaticinar vencedores. Talvez o factor «casa» ajude a dicidir as questões. Não há duvida quanto á perspectiva de dois desafios bem disputados.

ZONA D

Despertar de Beja c. União de Montemor, em Beja; G. D. Portalegrense c. Silves F. C., em Portalegre. A fase anterior da prova não proporcionou nenhum destes encontros e isso dificulta, sem duvida, os vaticínios. Cada uma das equipas visitadas recebe um vencendor de série, mas nem esse facto ajuda ao prognóstico. Tanto melhor para os despiques.

PROVAS DA F. P. F.

O 20.º "Nacional" de Juniores

principia amanhã em 16 campos

Para cumprir o seu programa, só faltava á Federação Portuguesa de Futebol pôr em marcha o seu campeonato de juniores. Não sem atraso em relação á habitual altura da época, o acontecimento vai registar-se amanhã, ficando a dever-se a demora á preparação e presença da equipa nacional no Torneio Internacional de Viena, onde os jovens jogadores tiveram tão airoso comportamento, que o seu «Nacional» de 1960 vai desenrolar-se num ambiente de interesse e simpatia que, por certo, beneficiará o torneio.

Pouco valerá falar acerca da organica da prova, bastando dizer-se que ela assenta nas bases que vigoraram nos ultimos tempos. Cada associação distrital de futebol continua a ter o mesmo numero de representantes, perfazendo um total de trinta e duas equipas, com realce para Lisboa e Porto — cada uma com cinco clubes. Na fase inicial os 32 concorrentes são distribuidos por oito séries e o vencedor de cada uma delas passará a fase imediata, desdobrada em duas séries; os vencedores destas serão os finalistas. Simples — como se vê. Para tudo 13 jornadas, apenas.

A maioria dos concorrentes já participou na «edição» de 1959. Nada menos de 21 clubes voltam a disputar o «Nacional»: Porto, Tirsense, Leixões, Sporting de Braga, Vitória de Guimarães, Bragança, Vila Real, Agueda, Académica de oimbra e «Nazarenos», no grupo Norte; Sporting da Covilhã, Portalegrense, «Leões» de Santarém, Benfica, Sporting, Belenenses, Cuf do Barreiro, Desportivo de Beja, Juventude de Evora, Olhanense e Farense, no grupo Sul.

Desapareceram da prova: Gervide, Boavista, Beira Mar, Académico de Viseu, Sporting Nacional e Caldas S. C. (grupo Norte); Tramagal, Oriental, S. L. Olivais, Seixal e Montijo (grupo Sul).

Entram, por estreia e regresso: Salgueiro, F. C. Maia, Sanjoanense, S. L. Viseu e Benfica, Naval 1.º de Maio e F. C. Caldas (grupo Norte); Académica de Santarém, Atlético, Casa Pia, Vitória de Setubal e Cova da Piedade (grupo Sul).

A 1.ª jornada

O programa da jornada de abertura apresenta-se assim:

ZONA A — 1.ª Série — F. C. do Porto-Sporting de Braga, nas Antas (Porto) e G. D. Bragança-S. C. Vila Real; 2.ª série — Salgueiros-Sanjoanense e V. Guimarães-Tirsense, em Guimarães.

ZONA B — 3.ª série — Leixões-Viseu e Benfica, em Matosinhos; e F. C. da Maia-R. D. Agueda, no Maia. 4.ª série — A. Naval 1.º de Maio-«Nazarenos», na Figueira da Foz; e F. C. das Caldas-Académica de Coimbra, nas Caldas da Rainha.

ZONA C — 5.ª série — Sporting da Covilhã-«Os Leões», na Covilhã; e Académica de Santarém-Portalegrense, em Santarém. 6.ª série — Cova da Piedade-C. U. F., na Cova da Piedade; e Belenenses-Atlético, no Restelo.

ZONA D — 7.ª série — Casa Pia-Benfica, em «Pina Manique»; e Vitória de Setubal-Sporting, em Setubal. 8.ª série — Beja-Olhanense, em Beja; e Juventude-Farense, em Evora.

Vaticínios... estão «proibidos». Não há, com efeito pontos de referência, tão variável é de ano para ano a valia e as possibilidades das equipas. Uma coisa parece certa: todos os grupos lutarão com o maior entusiasmo.

TOM FINNEY
despede-se
do futebol

LONDRES, 30. — Tom Finney, o extremo-esquerdo do Preston e que fez parte da melhor linha de avançados da selecção inglesa, constituida por Matthews, Carter, Lawton, Mannion e Finney, despede-se hoje do futebol depois de ter jogado, desde Agosto de 1946, pelo Preston 432 jogos do campeonato e 40 da «Taça», sem, porém, nunca ter ganho uma medalha.

Finney, que conta actualmente 38 anos e dirige uma importante empresa de canalizações e instalações eléctricas, tenciona, no entanto, continuar a colaborar no futebol como director-técnico ou treinador. — (A. N. I.).

O BENFICA
elege os seus dirigentes

Está a decorrer, á hora a que começa a circular o nosso jornal, a assembleia geral do Benfica para proceder exclusivamente á eleição dos corpos gerentes para 1960.

O «onze» do Brasil
ganhou à R. A. U. por 5-0

CAIRO, 30. — No seu jogo de estreia, a selecção do Brasil venceu, por 5-0, a equipa representativa da R. A. U., após uma exibição convincente sob todos os aspectos. — (A. N. I.).

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.—Continuação das várias provas que a Mocidade Portuguesa tem em curso.

ATLETISMO — Prova de 30 quilómetros em estrada, entre o Guincho e Algés, com partida, ás 9.30 horas.

— Torneio regional de Aspirantes, no Estádio de Alvalade, ás 18 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Atlético-Queluz (10.30), Técnico-Montijo (11,15), Esgueira-Leça (11), Salesianos-Figueirense (11), Fluvial-Conimbricense (11), Guifões-Sanjoanense (11), Ed. Física-Olivais (11) e Boavista-Galitos (11), nos campos dos primeiros. Campeonato Nacional de Juniores — Em Leiria: jogos entre os vencedores e os vencidos de sábado, respectivamente ás 18 e 17 horas: Campeonato Nacional de Escolas de Jogadores — Na Marinha Grande: jogos entre os vencedores e os vencidos de sábado, respectivamente ás 18 e 17 horas; Campeonato Regional de Juniores, em S. Gens, Restelo, Boa Hora, Campo Grande, Tapadinha, Ateneu e S. Bento, a partir das 9 horas: Taça «Camara Municipal de Lisboa»; Rio Seco-Oriental e Carnide-Sacavenense, ás 10 horas.

CICLISMO — Com partida de Vila Franca, ás 9 horas, disputa-se, incluido no programa das festas do União Vilafranquense, a Volta do Ribatejo, para amadores.

DESPORTO CORPORATIVO — Continuação do campeonato de futebol da 2.ª Divisão da F. N. A. T., no Estádio de Alvalade (F. N. A. T.).

HANDEBOL DE SETE — Campeonato Regional de Juniores: Monte Pedral-Sporting, Almada-Benfica e Glória-Campo de Ourique, no Ateneu da Madre de Deus, a partir das 9 horas.

HANDEBOL DE ONZE — Campeonato Regional da Divisão de Honra: Glória-Oriental (2.ª e 1.ª categorias), no campo de treinos do Estádio Nacional, a partir das 13 horas, Cova da Piedade-Almada (1.ª categoria), no campo do primeiro, ás 17 horas, Benfica-Sporting (2.ª e 1.ª categorais), no campo do primeiro, a partir das 15 horas, e Belenenses-Liberdade (1.ª categoria), no campo de treinos do primeiro, ás 16 horas.

HOQUEI EM CAMPO — Campeonato Regional de 1.ª Divisão (1.ª categoria e reserva): Futebol Benfica-Benfica, no campo do primeiro a partir das 9.30.

HOQUEI EM PATINS — Campeonato Regional de Juniores: Ed. Física-Cascais, Sintra-Parede, Belenenses-Algés, Benfica «A»-Paço de Arcos, F. Benfica-Benfica «B», Cuf-Sporting e Liceu Francês-Campo de Ourique, nos campos dos primeiros, ás 10.30: Torneio de Principiantes: Oeiras-Benfica, Cuf-Paço de Arcos, Mundet-Cascais, e Campo de Ourique-Sporting, nos campos dos primeiros, ás 10 horas

TENIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de Infantis: Católico-Benfica e Sporting-Arroios, nas mesas dos primeiros, ás 10 horas.

TIRO A CHUMBO — Torneio do C. P. T. C., no stand do Lumiar, ás 15 horas.

VELA — Em Alhandra: Campeonato Regional de «Moth».

— Provas de «finns» em Belém, ás 11.30.

Mais 28 jogos da A. F. L.

As quatro competições que a A. F. L. fica, a partir de hoje, a ter em curso, prosseguem amanhã, fornecendo uma jornada de boa movimentação, pois engloba nada menos do que 28 desafios.

Eis como se apresenta o programa elaborado para amanhã:

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão (2.ª fase) — 4.ª jornada — Loures c. Malveira, no campo da Arieira; U. de Algés c. Zambujalense, no campo «A. E. Simões Alves»; Linda-a-Velha c. 1.º de Dezembro, no Estádio Nacional (campo de treinos, relvado) — todos ás 16.30 h.

Campeonato Distrital de Juniores da 2.ª Divisão (2.ª fase) — 9.ª e penultima jornada — Série A — Camarate c. Tarujense, na «Quinta dos Barros», ás 10.30 h.; Fut. Benfica c. Cascais, no campo «Francisco Lázaro», ás 10.45 h.; Mirantense c. Sacavenense, no campo «Alfredo Marques Augusto», ás 11 h. — *Série B* — Sintrense c. Operário, no campo «Manuel Soares Barreto»; Odivelas c. E. Amadora, no campo «Diogo José Gomes»; U. Povoense c. Vitória, no campo do Telhal — todos ás 10.30 h.

Prova Distrital de Principiantes — 2.ª jornada da 2.ª volta — Série A — Oriental c. S. L. Olivais, no campo «Eng. Carlos Salema»; Atlético c. Palmense, no campo da Tapadinha; U. Algés c. Sporting, no campo «A. E. Simões Alves»; Casa Pia-Torriense, no campo «Pina Manique» (treinos) — todos ás 10.30 h. *Série B* — Benfica c. Alhandra, no Campo Grande, ás 9,30 h.; Sacavenense c. Santa Iria, no campo de Sacavém; Belenenses c. U. Vilafranquense, no Restelo (treinos), ambos ás 10.30 h.

Torneio Popular de Futebol—5.ª jornada — Série A — Fonte Santa c. Lisboa F. C., Fontainhas c. Intendente e Liberdade c. Fonte Santense — todos no Estádio Nacional, campo de treinos (duro), ás 13.15 e 17 h. *Série B* — Armadense c. F. C. Lisboa, Frielas c. Varejense e Casalense c. Lisboa Oriental — todos no campo «Alvaro Gaspar», ás 14, 16 e 18 h. *Série C* — Império c. Campolide, Pena c. Santos e União c. Penha — todos no campo de treinos do Estádio «Pina aMnique», ás 14, 15 e 18 h. *Série D* — Os «Onze» c. Mouraria, Laranjeiras c. Andorinha e Monte Pradense c. Águias — todos no campo «José Ramos», ás 13, 15 e 17 h.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Em Leiria, ás 21 e 15 e ás 22 e 15 horas: F. C. Porto-Académica e C. U. F.-Bonjoanenses. Na Marinha Grande, ás mesmas horas, Barreirense-Sporting e F. C. Porto-Académica, entre equipas de infantis.

GINÁSTICA — Na sede do Lisboa Ginásio, encerramento da «Semana Desportiva», com exibições das classes de educativa de meninas (10 aos 12 e 13 aos 16) e rapazes (14 aos 17 anos); aplicada de senhoras (Movimentos livres e paralelas assimétricas) e de homens (barra fixa e paralelas).

LUTA — No Ateneu, ás 21 horas, inicio da preparação olímpica.

PALESTRA — Na A. F. L., ás 21 e 30 horas, o eng. Veiga Jordão profere uma palestra integrada no 1.º curso de candidatos a árbitros.

FOI CHAMADO À TROPA mas afinal era rapariga

ASCOLI PICENO (Itália), 30. — Francesca Piccioni, de 20 anos, recebeu ordens para se apresentar na inspecção militar no próximo dia 9 de Maio.

Verificou-se que no registo de Francesca o «a» final foi substituido por um «0», transformando assim a jovem num mancebo. As autoridades locais aceitam a responsabilidade do engano e prontificaram-se já a reparar o erro para que «Francesco» não seja considerado refractário. — (R.).

Em 3 linhas

O sr. capitão Joaquim Pinto Brás, comandante da Polícia do Estado da India, foi louvado e condecorado com a medalha de oiro de Serviços Distintos.

///

Foi concedida uma pensão á viuva e á filha do tenente Abílio Ferreira Calatré, antigo comandante dos Bombeiros Voluntários de Penafiel, que morreu durante o combate a um incêndio, em 11 de Outubro de 1957.

///

O sr. eng.º Armando da Palma Carlos foi contratado para proceder á elaboração do projecto da barragem da Quiminha, em Angola.

///

Foi nomeado vice-presidente da Comissão Reguladora do Comércio de Algodão em Rama, o sr. dr. José Maria de Barros Alves Caetano.

///

Amanhã, estará patente ao publico, das 15 ás 20 horas, a Exposição de Ex-Libris, com o mesmo horário, até 9 de Maio, na Academia Portuguesa de Ex-Libris.

///

Foram aprovados os estatutos do Cofre de Previdência das Forças Armadas.

///

Um decreto, publicado no «Diário do Governo», reune o Depósito de Tropas do Ultramar e a Companhia de Adidos do Governo Militar de Lisboa, num só órgão, com a designação de Depósito Geral de Adidos (D. G. A.) e a sede em Lisboa

///

Foram reguladas as condições em que é permitida a afixação de anuncios nos automóveis pesados, de passageiros, em serviço publico.

GABRIEL MÁS

venceu a primeira etapa da Volta à Espanha

GIJON, 30 — Corre-se hoje a 2.ª etapa da Volta á Espanha em bicicleta. Os 80 corredores participantes tomam a estrada em Luarca, depois de uma partida neutralizada, para atingir Corunha, a 235 quilómetros de distancia.

A primeira contagem para o Prémio da Montanha, de terceira categoria, será realizada hoje, mais ou menos a meio-caminho da prova, em San Vicente.

A chegada está prevista ás 18 horas e 10 minutos.

A tirada de ontem foi ganha pelo espanhol Gabriel Más, que percorreu os 7,74 quilómetros em 10 m. e 25 s.

Os organizadores da «Vuelta» reservaram para a representação de Portugal os numeros compreendidos entre 21 e 30 e ao saber-se que os Portugueses se não apresentariam, este ano, foi resolvido que os numeros não fossem atribuidos a outros corredores, numa homenagem aos atletas do país vizinho.— (A. N. I.).

Visita a Mirandela

do ministro das Obras Públicas

MIRANDELA, 30. (Pelo telefone) — O sr. ministro das Obras Publicas, que aqui chegou esta manhã, inaugurou a rua de acesso á povoação de Vale de Couce, deu o nome a várias artérias daquela localidade, onde foram inauguradas, também, uma igreja e quinze casas de habitação.

A figura do Infante evocada na Assembleia Nacional

(Continuação da 1.ª página)

um dever sagrado, no sentido de que a responsabilidade pelo seu cumprimento é a mais séria de todas as responsabilidades nacionais, porque decorre na própria substancia da nação, e da aceitação dos supremos deveres que a obediência da lei de Deus impõe aos povos crentes. Ou, na versão laica desta mesma essencial realidade: porque resulta dos princípios do direito natural, anterior e subjacente a toda a convenção nascida do engenho humano.

E mais adiante:

— Os caminhos da encruzilhada que em nosso tempo se abrem são, de um lado, a ambição de edificar o futuro dos povos jovens na base de conceitos que, por nunca terem sido provados, só do futuro poderão esperar a confirmação da sua robustez; do outro a convicção portuguesa de que a marcha para a civilização é um processo lento e natural, em que é arriscado impor fórmulas em vez de aguardar que os povos as descubram.

Acrescentando que se trata de uma encruzilhada sem precedentes em toda a história da civilização, acrescenta:

— A sedução inebriante das inovações e a busca interessada de um prestígio fácil podem, a outros calar a repugnancia que naturalmente inspira o jogar aos dados o destino dos povos; mas aos Portugueses, a quem só «a experiência ensina radicalmente a verdade» não fica aberto esse caminho de arriscar em aventuras a paz vindoura de comunidades de quem temos não formais títulos de mandato ou de tutela, mas obrigação grave de legítima progenitura. Em suas aventuras seculares, os homens da nossa raça souberam muita vez morrer para que outros se salvassem; mas o que nunca aceitaram foi expor os outros a azos de perdição para poderem salvar-se a si próprios.

TRIBUNAIS

O caso da herança Couto

No Tribunal Plenário de Lisboa foram julgados, há tempo, e condenados, por injurias á magistratura, os srs. Fernando Couto e Manuel Leal Melo Junior, nas penas, respectivamente, de 8 e 7 meses e meio de prisão.

O processo subiu, em recurso, ao Supremo Tribunal de Justiça, que confirmou a sentença. Desta decisão recorreram os arguidos para o Tribunal Pleno, mas o Supremo deu por findo o recurso, ou seja que não há mais discussão jurídica sobre o caso, tendo aqueles de cumprir a sentença.

UM SANATÓRIO

hélio-marítimo na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 30. — Foi, há pouco, iniciada a construção do primeiro pavilhão do Centro de Reabilitação e Sanatório Hélio-Marítimo, que constitui outro grande melhoramento para esta cidade, devido á iniciativa do presidente da Junta da Beira Litoral, prof. dr. Bissaia Barreto.

O conjunto hospitalar, depois de concluido, terá vários pavilhões, ocupando uma área de 1.800 metros quadrados. O primeiro pavilhão fica com quatro pisos: cave, com os serviços de cozinha, economato, aquecimento, casa mortuária, garagem e oficinas; rés-do-chão, com sala de espera, secretarias, salas de reunião, gabinetes, consultórios, biblioteca e refeitório; primeiro piso, com serviços operatórios e enfermarias para adultos (40 camas); e segundo piso, destinado ás enfermarias para crianças, distribuindo-se os restantes serviços que serão modelarmente instalados, pelos outros pavimentos.

A REUNIÃO

de antigos professores e alunos do Liceu da Horta

Na Casa dos Açores reunem-se no dia 7 de Maio, ás 20 horas, para evocar os velhos tempos escolares vividos no Liceu Dr. Manuel de Arriaga da cidade da Horta, os antingos professoes e alunos daquele estabelecimento de ensino residentes no Cotinente.

A inscrição encerra-se na terça-feira, naquela agremiação regionalista, Rua Castilho, 5, em Lisboa, telefone 50937.

AS FESTAS

do Orfeão Académico de Coimbra

Chegou hoje ao Tejo o paquete «Lima», com 250 passageiros, entre os quais antigos componentes do Orfeão Académico de Coimbra, que vêm tomar parte nas festas comemorativas do aniversário do famoso agrupamento artístico.

VIDA SOCIAL

DR. CARLOS ELIAS DA COSTA

Acompanhado de sua esposa, partiu para Inglaterra em viagem de estudo o sr. dr. Carlos Elias da Costa.

ANTÓNIO FRANCISCO DE SOUSA

Encontra-se em Lisboa o sr. António Francisco de Sousa, presidente do Orfeão da Madalena, de Vila Nova de Gaia.

O PORTO PELO TELEFONE

Operários distinguidos com prémios da Associação Industrial

PORTO, 30 — Na sede da Associação Industrial Portuense efectuou-se, como tínhamos anunciado, o sorteio de prémios para operários, cujo resultado foi o seguinte: Associação Industrial Portuense (1.500$00), como recompensa ao trabalho, dedicação e comportamento, que coube ao operário Alcino Ferreira; Associação Industrial Portuense (1.000$00), denominado «Assiduidade ao serviço» a sortear entre operários que há mais de 20 anos prestem serviço na industria de conservas de peixe, que foi para o operário Joaquim Pinto, e prémio «Lino Brandão» (2.500$00), atribuído ao operário António de Oliveira Gago.

Interrupção de viação eléctrica

Esta manhã, ás 10 e 15, após a passagem de um carro eléctrico, que descia a Rua de Sá da Bandeira, em direcção á Praça da Liberdade, partiu-se o cabo condutor de energia eléctrica, produzindo-se descarga, ao contacto com a terra. Felizmente, só há a assinalar a interrupção do movimento de eléctricos naquela zona, durante algum tempo. A P. S. P. tomou providências para regular o transito, que passou a ser feito com certas precauções.

Instituto de Botânica

Na reitoria da Universidade, o reitor conferiu posse do cargo de director do Instituto de Botanica «Dr. Gonçalves Sampaio», ao sr. prof. dr. Arnaldo Deodato da Fonseca Roseira.

Desastre mortal

No lugar de Valé de Ferreiros, em Valongo, quando seguia montado numa bicicleta motorizada o marceneiro José Joaquim Oliveira Soares, de 40 anos, casado, residente em Sobrado, Valongo, foi embater violentamente com uma camioneta ali estacionada. Do desastre resultou ficar gravemente ferido, vindo a falecer no hospital daquele concelho.

CARTAZ DO PORTO

NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «O tio Vania», pelo T. E. P.
SA' DA BANDEIRA—A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Margarida da Rua».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Julia, a ruiva».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30— «Semente ruim».
COLISEU — A's 21 e 30 — «O anjo azul».
SÃO JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 «Você quer dançar comigo?»
BATALHA — A's 21 e 30 — «Rua do pecado».
VALE FORMOSO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O pequeno saltimbanco».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «O Mundo nos seus braços».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O marido desconhecido».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «História de uma freira».

Exposição de rosas

em Vila Franca de Xira

Amanhã, ás 15 horas, inaugura-se a III Exposição de Rosas, organizada pelo Ateneu Artístico Vilafranquense, de Vila Franca de Xira, e incluida no programa das comemorações do seu 69.º aniversário. Como de costume, as flores são cedidas pelo sr. José Wan-Zeller Palha.

Incluido no programa das festas, realiza-se, na sexta-feira, um sarau no Cine-Teatro local, com a colaboração do grupo cénico, da banda de musica e do orfeão da referida colectividade. As festas prosseguem até 10 de Junho, com concertos musicais, conferências, bailes, exposições, etc.

VIDA ARTÍSTICA

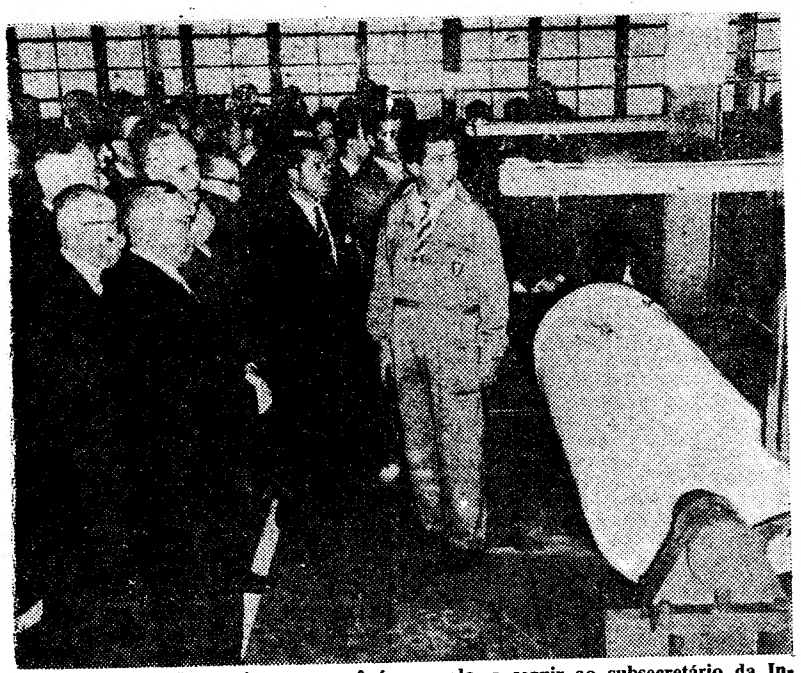
Exposição de poesia ilustrada

No Sindicato Nacional dos Empregados Bancários, esta tarde, inaugura-se uma exposição de poesia ilustrada que está aberta até ao dia 8, das 15 ás 23 horas, no sábado e domingo, e das 18 ás 23 horas nos restantes dias uteis. O certame, que inclui 22 trabalhos e foi organizado por um grupo de empregados bancários, tem muito interesse. Inaugurou-o o presidente da assembleia geral do Sindicato sr. José António de Sequeira Fontes.

Festival regionalista

Numa organização do grupo «Os Navegantes da Alegria» haverá, ás 21 e 30, na Sociedade da Matinha, um festival regionalista de saudação e homenagem ás casas e ligas regionais.

Em Alenquer, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência da Rua Odete Granada.



O ministro da Economia, que se vê á esquerda, a seguir ao subsecretário da Indústria, durante a inauguração da nova fábrica

Inaugurou-se em Alcochete

com a assistência do ministro da Economia *e do subsecretário da Indústria*

uma nova fábrica de pneus

A nossa industria conta desde hoje com mais uma importante unidade: a Firestone Portuguesa, fábrica de pneus e de rodas e jantes para automóveis, a cerca de três quilómetros de Alcochete.

As grandes construções, que na parte metálica e civil, estiveram a cargo, respectivamente, da construtora Moderna e da Novopca, foram hoje inauguradas oficialmente, pelos srs. professor Ferreira Dias, ministro da Economia, engenheiro Rogério Vargas Moniz, subsecretário de Estado da Industria, dr. Miguel Bastos, governador civil de Setubal, Rui Vinagre, presidente da Camara Municipal de Alcohete, engenheiros Alcantara Carreira e Alvaro Cruz, respectivamente inspector-geral dos Produtos Agricolas e Industriais e inspector-geral da Direcção dos Serviços Industriais, e outras entidades.

Fora da fábrica, faziam a guarda de honra lavradores e campinos, a cavalo, das casas agrícolas Estêvão Augusto de Oliveira e Estêvão António de Oliveira, de Pancas, José Maria Pedrosa, de Benavente, e Pinto Barreiros do Carregado.

Aquelas individualidades foram recebidas pelos membros do conselho de administração da empresa, srs. professor Luís Pinto Coelho, presidente, e dr. André Velasco, António Cardoso dos Santos Loureiro, José Lucio da Silva, D. Pedro Lancastre, Pierre Jacques de Laroisiere de Champfen, Raymond C. Firestone e D. Vítor Urrutia e Ursaole, pelos componentes do conselho fiscal, srs. dr. Francisco de Calheiros e Meneses, presidente, engenheiro Alvaro Ferrão de Castelo Branco, arquitecto António Lino, Vasco Rodrigues Parreira e Walter

(Continua na 11.ª página)

O prof. Galvão Teles

recebeu hoje as homenagens do Senado Universitário e da Faculdade de Direito

O Senado Universitário de Lisboa e os professores jubilados em exercício na Faculdade de Direito ofereceram, hoje, no Círculo Eça de Queirós, ao sr. prof. dr. Inocêncio Galvão Teles, director da mesma Faculdade e advogado de Portugal no litígio entre o nosso País e a União Indiana, dirimido no Tribunal da Haia.

Especialmente convidados, assistiram também, os antigos alunos da Faculdade, srs. drs. Adriano Moreira, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; Francisco Machado, antigo ministro das Colónias; e Manuel Fernandes, juiz «ad hoc» do Tribunal Internacional de Justiça na questão dos enclaves; e prof. dr. Joaquim da Silva Cunha e o assistente, dr. Castro Mendes, que colaboraram com o sr. prof. Galvão Teles na defesa dos direitos de Portugal. Não assistiu, por se encontrar no estrangeiro, o sr. dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saude, também antigo aluno da Faculdade de Lisboa e que foi consultor da delegação portuguesa.

As saudações do prof. Marcello Caetano

O reitor da Universidade de Isboa, sr. prof. dr. Marcello Caetano, usando da palavra em nome do Senado Universitário e da Faculdade de Direito, manifestou ao sr. prof. dr. Galvão Teles o jubilo de todos pela forma como honrou, em tão delicada questão, a ciência jurídica portuguesa e a Universidade que o formou e tão devotadamente serve. As felicitações que lhe dirigia — acrescentou — eram extensivas aos outros filhos da Faculdade de Direito de Lisboa, que com ele, colaboraram ou intervieram no julgamento, pois justifica o orgulho com que a escola os olha.

A acção dos homenageados em prol do Ultramar português — prosseguiu o orador — insere-se, aliás, numa tradição da Faculdade de Direito de Lisboa, que, de há muitos anos a esta parte, desde que o prof. Armindo Monteiro sobraçou a pasta das Colónias, tem estado intimamente ligada, através dos seus professores ou de antigos discípulos seus, á causa do Ultramar. Era-lhe particularmente grato — acentuou — saudar no prof. Adriano Moreira, actual subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, a permanência dessa tradição.

Referiu-se ainda o sr. prof. dr. Marcello Caetano á circunstancia de não estar ali presente, por se encontrar no estrangeiro, o prof. dr. Paulo Cunha, que, durante a sua longa e brilhante gerência da pasta dos Negócios Estrangeiros, con-

(Continua na 10.ª página)

O «SENHOR H»

PASSOU POR LISBOA

Procedente de Zurique, em viagem para Nova York, passou, esta madrugada, por Lisboa o sr. Hammarskjoeld, secretário-geral das Nações Unidas, acompanhado por altas individualidades, incluindo o sr. Raph Bunche, subsecretário de Estado da O. N. U. e «Prémio Nobel da Paz».

O tempo que faz

Informações do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado e o vento era geralmente fraco, por influência de uma depressão centrada a Noroeste da costa portuguesa.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto e Lisboa, 14°; Coimbra, 12°; Faro, 15°; Funchal, 18°; Portalegre, 10°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS, ÀS 10 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 14°,6; na água do mar, 15°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS — máxima, 15°,1; mínima, 11°,1. No mesmo dia do ano passado: máxima, 18°,4; mínima, 8°,7.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, chuviscos durante a tarde e vento fraco moderado.

Os delegados da F.A.O.

visitaram o Buçaco e fábricas de mobiliário perto do Porto

Os delegados á reunião da subcomissão da F. A. O. para a coordenação dos problemas florestais do Mediterraneo continuam a sua excursão a vários pontos do País. Esta manhã, ás 8 horas, visitaram Vale de Canos, perto de Coimbra. Ás 9 horas sairam, por Penacova, para o Buçaco onde, ás 10, iniciaram demorada visita ao Arboretum.

No Buçaco se demoraram até ás 13, em que partiram para a Mealhada onde se realizou o almoço. Depois foram para o Porto, chegando á Rebordosa por volta das 15 e 30 horas. Ali se demoraram percorrendo as várias fábricas de mobiliário.

Maria Pereira

obteve um grande êxito no recital que ontem realizou em Evora

EVORA, 30—Constituiu um grande êxito o recital de fados e canções portuguesas realizado, ontem, pela artista Maria Pereira no teatro «Garcia de Rezende».

Maria Pereira, que fez o seu recital, em espectáculo inteiro, foi obrigada pelo publico que esgotou aquele teatro, a cantar 35 canções.

O recital terminou com Maria Pereira a cantar a sua criação «Évora, Oh Évora!», acompanhada pelo publico, que a obrigou a trizar. E foi a cantar esta canção que a assistência abandonou a sala no meio da maior alegria.

Maria Pereira, que é considerada no seu género, a nossa maior artista, realiza hoje á noite, no mesmo teatro, o seu segundo recital.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Como agradecimento á publicidade feita pelo «Diário de Lisboa» aos jogos florais promovidos pelo Grupo Excursionista «Os Navegantes da Alegria» teve a amabilidade de atribuir ao nosso jornal o seu «Diploma de Simpatia».

A CONSTRUTORA MODERNA, LDA.

CONSTRUÇÕES METÁLICAS

Empreiteiros de toda a obra metálica das Fábricas da Firestone Portuguesa, S. A. R. L.

SEDE E FÁBRICAS — Avenida da India — LISBOA

Couto
PASTA MEDICINAL

Não é uma Pasta qualquer. **COUTO...** é a Pasta Medicinal que protege melhor os seus dentes contra a cárie e defende as gengivas das várias doenças, que tanto mal podem causar.

Consulte o seu médico. Mas até lá vá usando **PASTA MEDICINAL COUTO** contra as doenças da boca e suas complicações.

a VIDA do cabelo

Elimine a caspa com uma massagem fricção diária

PANTÈNE

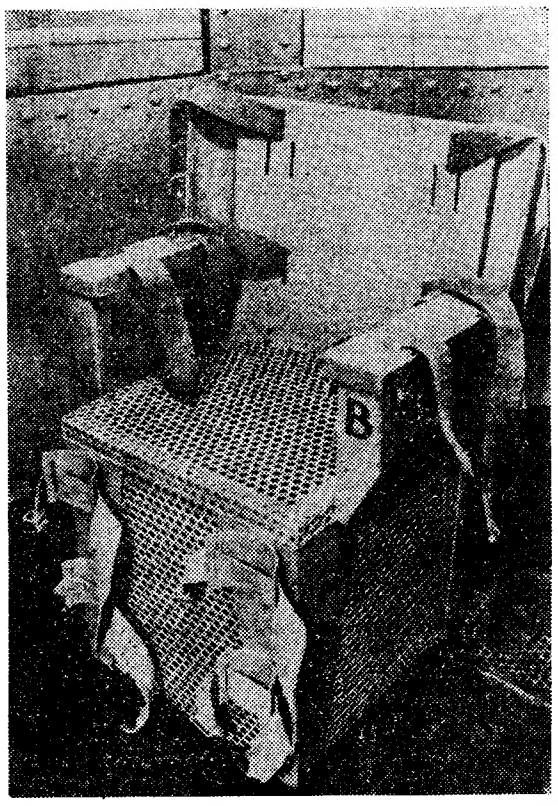
LOÇÃO CAPILAR VITAMINADA : O TRATAMENTO DO CABELO

JÓIAS ANTIGAS
GRANDE VARIEDADE
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

A unanimidade de agrado nos possuidores dos relógios braceletes
Junghans
é espantosa!
à venda nas relojoarias e ourivesarias do País.

A 48 horas da data marcada para a execução

Chessman faz planos para o seu futuro de escritor



À ESQUERDA: a cadeira metálica a que são amarrados os condenados á morte, na camara de gás. Na base vêem-se os orifícios por onde saem os gases de cianeto de potássio. À DIREITA: a flecha indica a camara de gás da Penitenciária de San Quentin. Pela chaminé que se vê á direita, são evacuados os gases mortais, antes do cadáver ser retirado da camara de execução

(Continuação da 1.ª página)

sman apresenta-se muito fatigado, devido á afluência de visitantes registada nos ultimos dias. — (Reuter e A. N. I.).

O GOVERNADOR BROWN TEM DIREITO DE VIDA OU DE MORTE SOBRE CHESSMAN

As esperanças de Caril Chessman escapar á camara de gás parecem agora extremamente reduzidas. Ao indeferir a noite passada um recurso do escritor condenado, o Supremo Tribunal da Califórnia considerou a acção com final e imediatamente proibindo que se efectuasse nova audiência para apreciar a petição. Simultaneamente, recusou-se a recomendar clemência ao governador da Califórnia, Edmond G. Brown. O pedido de «Habeas Corpus», que hoje será apresentado também parece destinado a ser indeferido: exactamente pelo mesmo numero de votos — 4 contra 3, o Tribunal já recusou por três vezes qualquer adiamento.

A ultima esperança de Chessman parece ser, assim, o governador Brown. O presidente Eisenhower, diga-se de passagem, não tem poderes para comutar a pena de Chessman. Foi um telegrama aberto á sorte que salvou Chessman em Fevereiro, levando o governador da Califórnia a adiar a execução por sessenta dias. O telegrama, assinado por Roy R. Rubotton Jr., secretário de Estado adjunto para os negócios inter-americanos, referia que o Governo do Uruguai receava que o presidente Eisenhower fosse recebido hostilmente em Montevideu — em 2 de Março, se a condenação de Chessman se executasse.

O governador Brown submeteu, então, aos orgãos legislativos do Estado da Califórnia um projecto de lei suprimindo a pena de morte. Embora não tendo efeito retroactivo, é claro que a sua aprovação implicaria a comutação da pena dos condenados á morte que aguardavam execução. Mas os representantes do povo da Califórnia recusaram suprimir a pena de morte.

BROWN É CATÓLICO E ASPIRA SER CANDIDATO Á PRESIDÊNCIA

«Se o povo da Califórnia — agindo por intermédio dos seus representantes — decidir que a lei actual deve continuar em vigor, Caril Chessman será executado em aplicação desta lei», declarou o governador Brown, ao adiar a execução de Chessman. Agora, o Supremo Tribunal da Califórnia não lhe recomenda clemência. No entanto, o governador Brown tem-se mostrado sempre contrário á pena de morte e ansioso por salvar Chessman. Edmund G. Brown, eleito governador da Califórnia em Novembro de 1958, tem 55 anos. É católico, membro do Partido Democrático. «É um homem com uma consciência», dizem os seus amigos. É tolerante, liberal, amável, modesto e tem senso de humor. As suas ambições políticas parecem não excluir uma futura candidatura á presidência dos Estados Unidos. Até ao ultimo minuto terá o direito de vida ou de morte sobre Chessman.

A EXECUÇÃO DE CHESSMAN DESCRITA POR ELE PRÓPRIO

Se não acontecer um milagre, Chessman será executado segunda-feira, ás 10 horas (T. M. G.).

No seu primeiro livro, «Cela 2455», Chessman descreveu a sua morte.

A camara de gás é blindada. A sua unica mobília são duas cadeiras metálicas. Caril Chessman sentar-se-á numa delas, as pernas amarradas pelos joelhos e pelos tornozelos. A base da cadeira e o suporte para os pés são perfurados: é por aqui que passará o gás que o matará.

Mas é preferível ouvir o próprio Chessman:

«Um dos guardas fará girar o volante que fecha erméticamente a porta. As testemunhas oficiais olharão através as vigias de vidro espesso. Um homem com uma máscara, sem expressão, fará sinal ao carrasco para manobrar as alavancas. Na camara, o condenado ouve os «plofs plofs» dos ovos de cianeto caindo na bacia de ácido, sob a cadeira a que está amarrado. A reacção química é imediata. O homem fareja inquieto um cheiro repugnante de flor de pessegueiro. Aspira um gole de ar envenenado. Tem uma vertigem. Os seus olhos

(Continua na 10.ª página)

A P. J. revelou hoje

as circunstâncias em que foi morto o ex-capitão Almeida Santos

Com a reconstituição das circunstancias em que se verificou a morte do ex-capitão Almeida Santos, na vivenda de Rio de Mouro, e seguido o percurso que os autores do crime efectuaram até á praia do Guincho, onde foi enterrado o cadáver, a Polícia Judiciária deu práticamente por concluídas as investigações acerca do triste acontecimento, considerando bastante a prova recolhida como indiciária da sua autoria e encobrimento, da sua motivação e do modo de execução, elementos que serão oportunamente enviados a tribunal para apreciação.

Embora sem querer quebrar o segredo de instrução do processo, a P. J. decidiu fornecer hoje alguns pormenores ácerca do crime, seus antecedentes e algumas circunstancias de que se revestiu a sua execução, tendo em atenção o grande interesse publico que se suscitou á volta deste caso.

Assim, a P. J. informou hoje que, na madrugada de 13 de Março ultimo, chegaram a Rio de Mouro o dr. Jean Jacques e o cabo Gil, onde já se encontravam o ex-capitão Almeida Santos, a companheira deste, Maria José Maldonado e sua mãe, que arrendara, a pedido daquele e por anuncio, a vivenda, preferida entre várias, pelas óptimas condições que oferecia para a vida de clandestinidade que os evadidos eram forçados a levar. Tratava-se, com efeito, de uma casa nova, inteiramente isolada e oculta por espesso arvoredo circundante, estava ao mesmo tempo dotada de todos os requisitos de vida autónoma. Segundo as informações complementares hoje fornecidas os evadidos tinham pensado estabelecer ali a sua base de reactivação das ligações políticas, algum tanto quebradas quando da intentona gorada de 11 de Março de 1959 e posterior prisão dos principiais implicados. De acordo com a versão que os próprios autores da morte do ex-capitão Almeida Santos deram á Polícia e que esta não viu até agora contrariada, após longas conferências do dr. Jean Jacques com a vítima, as divergências de orientação política quanto aos métodos de actuação a seguir que, aliás, já existiam em Travancas, acentuam-se e agravam-se em termos do aspirante médico recear que uma discordancia mais declarada e violenta pusesse em perigo a própria so-

(Continua na 10.ª página)

UNIFORMES PARA O FRIO

ESTOCOLMO, 30. — Graças a pesquisas intensivas realizadas pelo Ministério da Defesa com o auxílio de «cobaias humanas» voluntárias, verificou-se que os melhores uniformes para os climas frios devem permitir a passagem do ar.

Como resultado destas pesquisas, começou a ser distribuida pelos soldados uma camisola de «nylon» e algodão formada por fios verticais mais grossos e por fios horizontais muito finos, que mantêm o calor do corpo e deixam passar o ar. — (A. N. I.).

O ministro da Saude partiu para Genebra

Partiu para Genebra, acompanhado pelo juiz, sr. dr. João de Matos, o ministro da Saude, sr. dr. Martins de Carvalho, que presidirá á delegação portuguesa á Assembleia Mundial da Saude, cujos trabalhos ali começam na próxima semana.

Fazem parte da delegação os srs. drs. Silva Travassos, secretário-geral do Ministério; Bernardino Pinho, inspector superior de Saude, e prof. dr. Jorge Jans, representante do Ministério do Ultramar, além do dr. Fernando de Alcambar Pereira, representante permanente do Ministério da Saude, junto da Organização Mundial de Saude.

Navios portugueses em exercícios no Mediterrâneo

Os draga-minas «Angra do Heroismo», «Lajes», «Horta» e «Velas» e o caça-minas «Faial» recomeçam depois de amanhã, os exercícios de dragagens ao largo do Tejo.

Na terça-feira largam os patrulhas «Barva» «Porto Santo», com destino a Toulon, para os habituais exercícios de treino de luta anti-submarina naquela base francesa do Mediterraneo.

O vestido de noiva *da princesa Margarida* foi abusivamente revelado por uma revista americana?

LONDRES, 30.—«Espiões roubaram os segredos do vestido de noiva da princesa Margarida» — ao que anuncia esta manhã toda a Imprensa inglesa.

Uma revista de modas americana, a «Women's Wear Daily», publicou ontem uma descrição bastante exacta, acompanhada de desenhos, do vestido da noiva e dos vestidos das damas de honor. Dá igualmente pormenores dos vestidos da soberana e da rainha-mãe. E a revista escreve:

«O vestido da noiva será a «toilette» mais simples apresentada até hoje e desde há muitos anos, num casamento real. A pedido da princesa Margarida, o costureiro Norman Hertnell deu-lhe uma simplicidade monástica e excluiu todos os bordados. Á futura sr.ª Armstrong-

(Continua na 14.ª página)

Chessman já pagou!

«Durante setenta dias que não sou capaz de reviver sem angustia, sofri o que Chessman sofre há doze anos. Tenho acompanhado o drama desse desgraçado e posso dizer que ninguém padeceu maior tortura. Aquela incerteza é pior que a morte! O dia e a noite são iguais: em cada minuto se vivem esperanças e desesperos tão intensos que julgamos que o coração vai rebentar. Chessman já pagou! Os crimes que cometeu não podiam ter mais duro castigo!»

Sensacionais revelações de um português que esteve para se sentar na cadeira eléctrica e depois era visita habitual da casa da morte. Reportagem exclusiva do «Arco-Iris» que publica ainda no seu n.º 2 (Maio): Macau — terceira cidade portuguesa — Seja saudável... transpirando — Os pseudo-críticos da arte moderna — Mensagens de outros mundos — O seu rosto, livro aberto — Serão os crocodilos necessários? — Um fantasma chamado Frederico Chopin — Fuga, novela de Maria Judite de Carvalho — Gauguin, um pintor que soube ousar — 350.000 ases de paus — As favoritas e o poder — Cure-se... cantando — O disco que aconselhamos — Já há assistentes de descontracção — A caça aos tesouros nos cemitérios de Montevideu — O mistério dos desaparecidos — Gabinete negro, o que é a criptografia — Antologia: A terra de que precisa um homem, de Leão Tolstoi, considerado por James Joyce o mais belo conto de todos os tempos. «O terceiro patamar», conto fantástico e «Á passagem da ponte» pequena novela de ficção científica.

«Arco-Iris» — 128 páginas de texto — 5$00. A' venda nas livrarias. Pedidos de assinatura: Administração: Rua da Alegria, 19. 1.º, dir. tel. 22940. Distribuidores: Editorial, Organizações, Lda., tel. 27507.

RESTAURANTE
LOBOS DO MAR
SNACK-BAR
Com bailados típicos da Nazaré
REABRE EM 1 DE MAIO
Nova Praia da Nazaré — Telef. 46300 — NAZARÉ
FOZ

DINHEIRO!!!
Emprestamos ao juro da lei em Lisboa, Porto e Província. Transacções efectuadas em 48 horas, máximo sigilo. Facilitam-se amortizações.
A CONFIDENTE
(A Maior Organização do País)
PORTO — Rua Passos Manuel, 14 — Telf. 20344/5/6 — P. P. C. A.
LISBOA — Rossio, 3 — Telf. 29384/5/6 — P. P. C.

RELOGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

Grande movimento de solidariedade

para salvar Chessman da câmara de gás

(Continuação da página central)

tornam-se vítreos, a cabeça cai para a frente, grotescamente. Dois ou três sobressaltos.

«Durante dez minutos, o coração bate loucamente, depois lentamente, muito lentamente, abranda... pára»

DOIS CONVIDADOS DE CHESSMAN

Ao cabo de doze minutos, em média, os médicos que estão junto da camara de gás verificam a morte, através de instrumentos ligados ao condenado No entanto, só meia hora depois é aberta a porta. Entretanto, os gases tóxicos são evacuados por uma chaminé. Por medida de segurança, os empregados que entram na camara em primeiro lugar são protegidos por luvas e máscaras contra gases asfixiantes

A execução de Chessman será observada por cerca de cinquenta pessoas.

O Código Penal prevê que, além do director, dois médicos, um representante do procurador-geral, dois sacerdotes e cinco amigos ou parentes do condenado a prisão deve convidar, pelo menos, doze cidadãos de reputação comprovada para testemunhas.

O director Fred Dickson declarou que o procurador-geral, Arlo Smith, decidiu, há um mês, que os convidados, incluindo os do condenado, terão de ser «cidadãos dos Estados Unidos, de reputação impecável» É a primeira vez que sefaz semelhante restrição em San Quentin.

Os directores da penitenciária proibiram os jornalistas estrangeiros de assistir ao acto. Essa proibição baseia-se na regra estabelecida pela Procuradoria-Geral da Califórnia, que determina que apenas cidadãos americanos podem assistir a execuções

Chessman pediu para duas pessoas assistirem á sua execução William Linhart, detective privado que tentou provar a sua inocência, e Eleanor Black, uma jornalista que se tem batido árduamente em sua defesa.

O HOMEM QUE VAL SER EXECUTADO NÃO É O QUE FOI CONDENADO

Que rapaz! Está há tanto tempo entre nós, que começo a conhecê-lo: há aspectos do seu caracter que impõem a admiração», declarou o chefe dos guardas de SanQuentin aos jornalistas.

Um jurista americano afirmou ser Chessman um dos raros exemplos de criminoso que a prisão transformou. «E no entanto, disse, vai morrer. Compreenda quem queira. »

O grande paradoxo do caso Chessman é que o homem que vai ser executado, se a reacção da opinião publica norte-americana e de todo o Mundo o não salvarem ainda, pouco tem em comum com o condenado de há doze anos. Na verdade, Chessman começou a viver no dia em que foi condenado á morte. Até então, fora um vádio, autor de numerosos assaltos á mão armada. Nos doze anos que passaram desde a sua entrada na cela 2455, modificou-se completamente. Deu provas de uma inteligência superior (o seu coeficiente de inteligência é 136, o que o coloca acima da grande maioria dos seus compatriotas) de grande tenacidade e de rara capacidade de trabalho. Estudou a fundo os códigos criminais do Estado da Califórnia e dos Estados Unidos, tornando-se num perito capaz de descobrir todas as suas lacunas.

Os livros que escreveu deram-lhe uma celebridade que nada fazia prever. Antes, era apenas um vádio, uma espécie de neuropata. Já condenado á morte escreve o seu famoso livro «Cela 2455». Graças aos seus direitos de autor consideráveis (os seus livros renderam-lhe 150.000 dólares — 4.350 contos — sobre os quais pagou enormes impostos que o levavam a dizer: o Governo não me sustenta) pôde dar-se ao luxo de ter excelentes advogados. Segue cursos por correspondência, aprende o francês, história... e descobrem nele, apesar do seu desequilíbrio nervoso, um «coeficiente intelectual» acima de 90 por cento dos seus compatriotas.

Á «Cela 2455» seguem-se «Atraves das grades», «Face á Justiça» e «Filho do ódio».

Chessman não é um escritor de génio e as suas criações literárias são mediocres. O seu destino fora do comum foi a causa fundamental da sua celebridade como escritor.

A GRANDE INJUSTIÇA

A grande injustiça do caso Chessman é a inutilidade da pena de morte. E é também que o homem que vai ser executado pouco tem que ver com o que teria cometido os crimes de que o acusam.

Com o seu metro e oitenta de altura, hombros largos e o nariz achatado, Chessman continua a ter o ar de pugilista que tinha em 1948, quando da sua entrada no «corredor da morte». Os seus cabelos enbranqueceram ligeiramente, a sua voz é culta cultivada e os seus nervos estão dominados. Teria dificuldade em fazer crer, hoje, que foi o «bandido da lanterna vermelha». Nada tem de comum, com o Chessman de há 12 anos.

CHESSMAN PREPARA A SUA FUTURA ACTIVIDADE COMO ESCRITOR

SAN FRANCISCO, 30 — Stuart Daniels, representante de uma casa editora, conferenciou hoje com Caryl Chessman e revelou, depois, que o condenado discutiu os planos relativos á sua futura actividade como escritor.

As autoridades da penitenciária receberam quatro exemplares com dedicatória da novela «The kid was a killer», que será lançada no próprio dia da execução de Chessman.

Pablo Casals, o famoso violoncelista espanhol, declarou hoje: «Chessman já pagou os seus crimes. Seria cruel executá-lo depois de tantos anos de sofrimento. Por outro lado, a execução teria em todo o Mundo um efeito prejudicial aos Estados Unidos». — (R.).

MOVIMENTO
a favor de Chessman

Dirigem-se-nos várias pessoas no sentido de se desenvolver um rapido movimento de solidariedade para o adiamento da execução de Chessman.

O dr. José Luís Pulido Valente sugere-nos o envio de telegramas lacónicos — «Salve Chessman» — individuais e de colectividades ao governador Brown, San Francisco, Califórnia.

No mesmo sentido se nos dirigiu o estudante de Coimbra, sr. Trindade Luís.

O brigadeiro aviador Ribeiro da Fonseca enviou já a esse governador a seguinte mensagem: «Não se limite a lavar as mãos. O sr. é o responsável pela execução de Chessman. Não queira ser o Pilatos do século XX».

De todo este movimento se verifica quão profundo é, entre nós, o sentimento contra a pena de morte.

Escritores portugueses
pedem a Eisenhower
a suspensão da execução

De Lisboa, foi hoje enviado para Washington, endereçado ao presidente Eisenhower, o seguinte telegrama:

«Escritores portugueses abaixo assinados, certos de interpretar os sentimentos de intelectuais, pedem a Vossa Excelência, por motivos humanitários e também de prestígio dos Estados Unidos no Mundo, a suspensão da execução de Chessman».

O telegrama foi assinado pelo prof. dr. Reynaldo dos Santos, presidente da Academia das Ciências de Lisboa, pelo dr. Jaime Cortesão, presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, e pelos escritores dr. João de Barros, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e prof. Hernani Cidade, e J. Paço d'Arcos.

As adesões de outros escritores podem ser dadas para a Livraria Portugal, na Rua do Carmo.

UM APELO
aos xadrezistas

Também os sócios do Clube de Damas e Xadrez de Lisboa apelam, através das colunas do nosso jornal para que todas as Federações, Associações e outros agrupamentos xadrezistas se dirijam ao Governo norte-americano pedindo a abolição da pena de morte. O nome «Chessman» significa «peça de xadrez», o que é para os xadrezistas mais um motivo de simpatia pelo escritor-condenado.

As circunstâncias em que foi morto o ex-capitão Almeida Santos

(Continuação da página central)

lidariedade que os ligara na programação revolucionária. O dr. Jean Jacques teria então dado conta ao cabo Gil do seu receio de que o projecto que a vítima já lhe confidenciara em Travancas de eliminar o ultimo, em face do incómodo em que se traduziam as suas insistências de cumprimento da promessa feita quando da evasão — o pagamento de 15 contos e a saída para o estrangeiro — se concretizasse, criando assim no espírito do cabo Gil o estado propício para executar o seu tenebroso desígnio.

Identificadas as vontades de ambos, ficou então concertado o projecto homicida para ocasião em que o facto se pudesse consumar sem risco, dado o perigo de que uma reacção a tempo da vítima, dotada de agilidade felina, representava para os próprios executores.

Segundo as averiguações que a Polícia nos comunicou, essa ocasião surgiu no momento em que o ex-capitão Almeida Santos, cerca das 22 horas de 16 de Março ultimo, sentado num «maple» da casa de jantar, lia e comentava uma carta que acabava de receber do sr. dr. Cunha Leal com três mil escudos.

O cabo Gil, em posição oblíqua para a vítima que tinha na sua frente o dr. Jean Jacques, sacou rápidamente da pistola de que era portador. Disparou um primeiro tiro que a atingiu na região orbitária esquerda, logo seguido de outro que se alojou no braço esquerdo. Entretanto, o dr. Jean Jacques, que sacara do seu revólver e ao aperceber-se de que ele não funcionava, muniu-se da pá de ferro do fogão de sala e vibrou na vítima duas pancadas sobre a coluna, junto á nuca. O cabo Gil disparou então terceiro tiro sobre a cabeça da vítima.

Ao ouvirem os tiros, a companheira da vítima e sua mãe, sem se aperceberem imediatamente do que se passava, fugiram horrorizadas, pelas traseiras, para o bosque, onde foram alcançadas pelo cabo Gil que as tranquilizou, convidando-as a regressar e recolher ao quarto. Depois de terem sido informadas do que acontecera, voltaram á sala de jantar, onde todos se aperceberam de que a vítima ainda apresentava sinais de vida. O cabo Gil disparou um quarto tiro sobre o coração, depois de o dr. Jean Jacques, por apalpação cardíaca, lhe ter indicado o lugar onde devia acertar.

Consumado o crime, o dr. Jean Jacques telefonou á mãe, a quem pediu que fosse imediatamente a Rio de Mouro, trazendo o amigo e correlegionário, cujas ligações políticas com o dr. Jean Jacques a P. J. diz não lhe cumprir esclarecer, Fernando Augusto Albuquerque Mourão, aspirante miliciano e estudante universitário.

Cerca de uma hora depois apareceram ambos e foram colocados perante o quadro tenebroso do crime. O dr. Jean Jacques solicitou então a colaboração do aspirante Mourão para a ocultação do cadáver, que foi colocado no interior do «Volkswagen» preto da propriedade de sua mãe.

Saem então da vivenda de Rio de Mouro para a viagem macabra no carro conduzido por Maria José, ao lado de quem se senta o aspirante Mourão. No banco trazeiro iam o dr. Jean Jacques e o cabo iGil e, a seus pés, o cadáver envolto num cobertor. Após algumas paragens em busca de um sítio para a ocultação, designadamente na praia de Acafora, que abandonaram pelo receio de que as águas viessem a pôr a descoberto o cadáver ,fixaram-se nas dunas do Guincho, onde, com a pá do fogão, abriram a improvisada sepultura. O aspirante Mourão regressou ao carro, para acompanhar a condutora e dar aos que passavam a aparência de que estavam num idílio amoroso.

Concluída a tarefa, regressam a Rio de Mouro, de onde a mãe do dr. Jean Jacques e o aspirante Mourão recolheram ás respectivas residências. O ultimo, porém, tomara o encargo e fizera a promessa de obter a saída clandestina do País para os criminosos, tarefa a que se entregou e que estava em vias de conclusão, quando a P. J. deslindou a meada do crime e assaltou a casa da antiga criada dos pais do dr. Jean Jacques, onde efectuou a captura dos dois criminosos.

A Polícia Judiciária, que nos comunica ter fornecido hoje mais pormenorizados dados sobre o crime, por compreender o interesse da opinião publica, afirma-nos não poder, no entanto, ir mais além nesta pormenorização, porque isso «tocaria os limites do segredo de justiça, feriria a sensibilidade publica pela sua morbidez e influiria, eventualmente, a opinião publica, levada a uma antecipação de juigamento que só aos tribunais compete».

MANIFESTAÇÕES
durante a noite
no centro de Istambul

ISTAMBUL, 30 — Engenhos pesados e soldados armados bloquearam as ruas quando pequenas manifestações se registaram nesta cidade durante a noite, perto de Golden Horn e da Praça de Taksim, no centro de Istambul. Os manifestantes dispersaram mais tarde.

Dois jornais diários da oposição, com sede em Esmirna, receberam durante a noite ordem de fechar, elevando-se assim a seis o numero de periódicos encerrados durante as ultimas 24 horas. — (R.).

CASA DAS BEIRAS

Em comemoração do seu 45.º aniversário, há, esta noite, na Casa das Beiras, uma festa típica, e amanhã, ás 13 horas, um almoço de confraternização, para o qual se inscreveram muitas autoridades e outras individualidades das respectivas provincias.

PAc-1427

APRENDA O INGLÊS
QUE SE FALA EM INGLATERRA

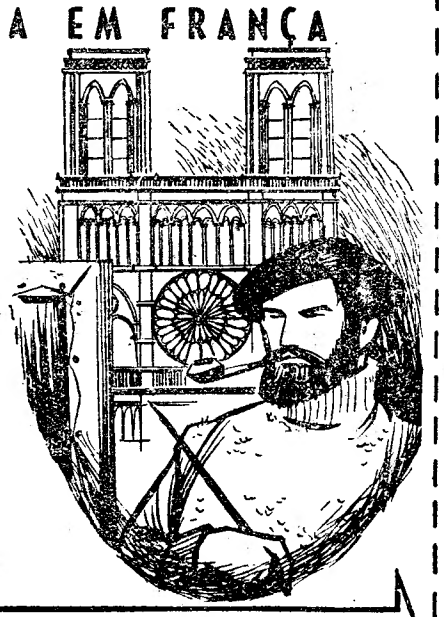
APRENDA O FRANCÊS
QUE SE FALA EM FRANÇA

Saber realmente bem uma língua estrangeira é um desejo que quase todos gostariam de ver realizado. Já pensou que tal fim está fàcilmente ao seu alcance? Siga o curso LINGUAPHONE durante umas escassas semanas e terá a surpresa de se ver a falar inglês, francês ou qualquer outra língua à sua escolha com facilidade e segurança. Dia após dia, ouve as vozes de locutores e professores, gravadas em discos especialmente preparados, enquanto segue as palavras pelo livro de texto. Com o LINGUAPHONE não há horários. Basta sentar-se, no conforto do seu lar, e pôr um disco à tocar, quando tiver um momento disponível. As crianças que têm o LINGUAPHONE em casa encontram nele um precioso auxiliar nos seus estudos escolares.

CURSOS EM 32 LÍNGUAS
EXPERIENCIA GRATUITA DE UMA SEMANA

«Tenho a enorme satisfação de afirmar que três meses após a aquisição do meu LINGUAPHONE, e sem ter praticamente quaisquer conhecimentos prévios, iniciei com sucesso uma certa actividade como tradutor profissional, na lingua alemã».
João Rosa da Silva — Lisboa

«O curso é uma maravilha para se aprender e é pena que todas as pessoas não o possam comprar Aprende-se com uma facilidade espantosa, aliada ao gosto e método de estudo. Estou, pois, satisfeitissimo e agradecido a V. Ex.ª».
António Pinto — CTT — Avô



LINGUAPHONE
ENSINA LÍNGUAS

Envie-nos este cupão e receberá o Livro Grátis Ilustrado, com pormenores sobre a experiência grátis de uma semana, ou assista a uma demonstração no Instituto Linguaphone, na R. Nova do Almada, 97, em Lisboa, ou na casa Vadeca, R. de Sto. António, 210, Porto. (Toda a correspondência deverá ser dirigida para Lisboa).

NOME .....
MORADA .....

Instituto Linguaphone
95, Rua Nova do Almada, 97
(Valentim de Carvalho, Lda.)

Queiram enviar-me o Livro Grátis Ilustrado sobre o LINGUAPHONE. Desejo aprender a(s) língua(s) para viagens, negócios, literatura, ciência, formação profissional, serviço consular, exames, ensino infantil, etc. (sublinhar o que interessa). Tenho/não tenho gramofone ou gira-discos.
(Se desejar a resposta por via aérea deverá remeter-nos:
Ultramar — 8$00 em vale postal ou 4 cupões de correio;
Ilhas Adjacentes — 2$50 em selos.

D. L. 30/4/60

As comemorações centenárias da Congregação Salesiana na Cova da Iria

Começaram ontem, na Cova da Iria, as comemorações centenárias da Congregação Salesiana, levadas a efeito pela Província Portuguesa com a abertura do II Congresso Nacional dos Cooperadores.

A sessão inaugural efectuou-se de tarde, sob a presidência do sr. D. João Pereira Venancio, bispo de Leiria, e decorreu no salão do Hospital Novo.

Hoje, ás 7 e 30, deixaram as instalações das Oficinas de S. José, muitas dezenas de alunos internos e externos e antigos alunos, que, acompanhados do respectivo director, rev.º Francisco António Pereira, se dirigiram em várias camionetas para Fátima, a fim de assistir ás referidas comemorações.

Os trabalhos do Congresso, em que participam delegados e cooperadores da Alemanha, Austria, Bélgica, Itália e Espanha, prosseguiram esta manhã, ás 9 e 30, com a segunda sessão, presidida pelo p.e Guido Barra, director-geral dos Oratórios Festivos e dos Antigos Alunos e representante do Superior-Geral dos Salesianos.

A quinta sessão e ultima da tarde será presidida pelo sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Evora, que encerrará os trabalhos. Amanhã, com a presença do Nuncio Apostólico, do ministro da Presidência e do p.e Guido Barra, representante do Superior-Geral dos Salesianos, haverá outras cerimónias, entre as quais a da bênção da estátua de S. João Bosco, por mons. Giovanni Panico, que fará a alocução do encerramento das comemorações na Cova da Iria.

Hoje, ao fim da tarde chegam ao santuário os srs. Nuncio Apostólico e o ministro da Presidência, que serão recebidos na Cruz Alta pelos congressitas, peregrinos, alunos e antigos alunos dos Colégios Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, num total de três a quatro mil pessoas.

Comunhão Pascal de oficiais e soldados nas igrejas do Lumiar e da Amadora

Na igreja paroquial do Lumiar efectuou-se hoje a cerimónia da comunhão pascal colectiva dos oficiais, sargentos e praças da Escola Prática de Administração Militar, promovida pelos Serviços Religiosos do Governo Militar de Lisboa. Foi celebrante o respectivo pároco rev.º Mário Ribeiro Pereira Teixeira, que ao Evangelho pronunciou uma breve homília alusiva ao significado do acto. Comungaram algumas dezenas de soldados.

Na igreja da Amadora, efectuou-se igual cerimónia para os recrutas do 2.º Grupo de Administração Militar, que se encontram instalados no Regimento de Infantaria 1, onde recebem instrução.

Foi celebrante o prior da Amadora. Na altura própria pronunciou uma alocução sobre a Eucaristia o capelão daquela unidade, rev.º Marçal.

O capelão chefe do Governo Militar de Lisboa, p.e major Arnaldo Duarte, dirigiu a cerimónia, fazendo a sua explicação. Abeiraram-se da Sagrada Mesa, cerca de quatrocentos oficiais, sargentos e praças que receberam a comunhão.

Assistiram ao acto os srs. coronel Santos Jorge e major Borges, respectivamente 1.º e 2.º comandantes de Infantaria 1, e oficiais ali em serviço.

A imagem da Senhora de Fátima trasladada para o Bairro de Caselas

A imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que se encontra na igreja de Santa Maria de Belém, para aí permanecer duas semanas, é hoje, ao fim da tarde, conduzida para o Bairro de Caselas, onde chegará cerca das 22 horas.

Para as 18 e 30, está prevista a chegada da imagem peregrina ao Colégio de São José (Irmãs Dominicanas), de onde, em procissão de velas, sairá ás 21 horas para o Bairro de Caselas.

«Dia Paroquial», na freguesia da Lapa

Na freguesia da Senhora da Lapa celebra-se amanhã o «Dia Paroquial», com missa, ás 12 horas, reunião dos paroquianos, para cumprimentos ao pároco, no terreiro do Hospital da Estrela, ás 13, e terço e bênção do Santíssimo, ás 18 e 30.

NÃO HÁ RAZÃO PARA ALARME

pela desinfecção dos montados

Segundo esclarecimentos prestados pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas acerca de um alarme que chegou a verificar-se em relação a prejuízos causados á caça pelos tratamentos contra o «burgo» dos montados» apura-se que a execução de campanhas de combates a insectos em certa extensão só foi viável com o aparecimento de insecticidas pouco tóxicos para os vertebrados, dentre os quais se adopta o DDT, pelo seu menor grau de toxicidade.

Em boas condições de aplicação não se manifesta com ele incidentes. Quando porém o insecticida se acumula, quando surgem chuvas após a aplicação que o arrastam e levam para poças de água, pode verificar-se a morte de alguns pequenos animais (roedores, aves, etc.), que por ali passem.

Na campanha que está a findar morreram assim algumas peças de caça, das quais se publicaram fotografias depois de convidadas as populações, por editais, a levar á Comissão Venatória do Centro as peças encontradas mortas.

O seu numero é muitíssimo limitado mas, aceita-se que possa ser de algumas centenas. No entanto, a superfície tratada foi de 70.000 hectares e o valor da produção que se pretendia defender é da ordem dos 30.000 contos, perante o que, praticamente, não tem significado o valor correspondente ás peças de caça destruidas.

A VISITA

do almirante inglês CHARLES EVANS

O almirante Charles L. G. Evans, da Armada britanica e vice-comandante do S. A. C. L. A. N. T., em honra do qual o sr. ministro da Marinha ofereceu um banquete, esteve esta manhã, no Ministério da Marinha a apresentar cumprimentos. No gabinete do sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias inscreveu-se no respectivo livro e foi, depois, recebido pelo chefe do Estado-Maior da Armada e pelo comandante naval do Continente. Avistou-se, também, com o sr. general Beleza Ferraz, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

As projectadas visitas á Base Aeronaval do Montijo e á Base Naval de Lisboa foram canceladas por falta de tempo.

A inauguração em Alcochete da nova fábrica de pneus

(Continua na página central)

D. Wangh, bem como pelo sr. Harvey Firestone, presidente do conselho de administração Firestone Tire & Rubber Company, consultora técnica da nova sociedade.

Após uma prolongada visita a todas as instalações, onde assistiram ás diversas fases do fabrico, todos se dirigiram para um grande pavilhão, expressamente armado, onde se efectuou um almoço volante.

No meio da fábrica em plena laboração, realizou-se uma sessão solene. O prof. Luís Pinto Coelho apresentou o sr. Harvey Firestone Junior, que deu as boas-vindas aos membros do Governo e ás outras entidades, afirmando que tanto ele como a sua organização estão orgulhosos, satisfeitos e muito honrados com a construção de uma fábrica tão importante em Portugal, onde se vai fazer uma política de construção de auto-estradas. Terminou manifestando a sua gratidão ao Chefe do Estado, ao Governo, ás autoridades e a todos quantos colaboraram nesta empresa.

O prof. Luís Pinto Coelho, em nome da Firestone Portuguesa e de todos quantos nela trabalham exprimiu a mais sincera alegria e a profunda gratidão para com o Governo, não só porque mantendo a ordem tornou possível este empreendimento mas pela compreensão e confiança que manifestou. Especializou o prof. Ferreira Dias, «incansável obreiro do engrandecimento nacional, principalmente através da industrialização» e agradeceu aos dirigentes da Firestone, terminando por afirmar que a localização da fábrica não podia ser melhor sob todos os pontos de vista.

Por fim, o ministro da Economia, num curto improviso, disse que é sempre com muita simpatia que assiste á inauguração de uma fábrica, visto que uma nova unidade fabril bem organizada representa uma expansão da vida industrial. Expôs as vantagens de novas fábricas para o País, a população e as regiões em que elas se instalarem, acentuando que elas dão a possibilidade de novos investimentos de capitais.

A certa altura afirmou:

— Uma fábrica, uma vez montada e organizado o fabrico, não pode manter-se calma e inactiva. Tem de procurar fazer sempre coisas novas. Tenho a certeza que isto vai acontecer com a Firestone Portuguesa que procurará ampliar e desenvolver os seus fabricos e as suas actividades. E como tenho essa certeza desejo-lhe as maiores prosperidades porque é das prosperidades das empresas que se faz a prosperidade da Nação.

CONFERÊNCIAS

na Escola do Magistério Primário

O aluno da Escola do Magistério Primário João Pereira Ataíde proferiu esta tarde, naquela casa de ensino, uma conferência sobre formação artística nas escolas primárias.

Representava o director o professor Moreirinhas Pinheiro, que apresentou o conferente e falou do significado da palestra.

Da Campanha de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais

A Junta de Acção Social do Ministério das Corporações organizou o segundo ciclo de conferências, incluido na Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais, que começa hoje e termina em no dia 7 de Maio, no S. N. I.

Hoje, pelas 21 e 45, o sr. conde de Rochefort, engenheiro e secretário-geral adjunto do «Organisme Professionnel de Prévention du Batiment & des Travaux Publics», falará das «Vantagens económicas e técnicas da prevenção na construção civil»; e na segunda-feira, o sr. Pierre Mouton, chefe dos Serviços de Relações e Propaganda do «Organisme Professionnel de Prévention du Batiment & des Travaux Publics» e técnico de difusão audio-visual em matéria de segurança, desenvolverá o tema: «O Cinema e a TV ao serviço da Prevenção».

MOVIMENTO

diplomático e consular

Por decretos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, enviados ao «Diário do Governo», o sr. dr. Mário de Faria e Melo Ferreira Duarte, conselheiro de legação, é transferido para o corpo consular, com a categoria de cônsul-geral e colocado no Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro; e o sr. dr. Jorge Adolfo Braga de Oliveira, cônsul-geral, transferido para o corpo diplomático, com a categoria de conselheiro de legação e colocado no quadro externo.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do sr. coronel Edmundo da Luz Cunha, comandante da P. S. P. de Lisboa, recebemos expressivos agradecimentos pela colaboração prestada pelo «Diário de Lisboa» ao recente sarau no Coliseu, a favor dos Serviços Sociais daquela corporação.

Festas no Tramagal

ABRANTES, 30. — Como é já tradicional, realizam-se amanhã no Tramagal, promovidas pela Metalurgica Duarte Ferreira, as grandes festas do 1.º de Maio, a que assistem os srs. governador civil, delegado do Instituto Nacional do Trabalho e presidente da Camara de Abrantes.

Associação Europeia

do Comércio Livre

O Governo aprovou, para ratificação, a convenção que institui a Associação Europeia do Comércio Livre e o protocolo relativo á aplicação da mesma convenção ao Principado de Liechtenstein, assinado em Estocolmo, em 4 de Janeiro findo.

Serviços de Saude

da Polícia de Segurança Pública

Por decreto-lei, publicado no «Diário do Governo», foi criado no comando-geral da Polícia de Segurança Publica o cargo de chefe do Serviço de Saude.

Cada um dos comandos de Lisboa e Porto disporá de um capitão-médico e o de Coimbra, de um tenente-médico.

Não inspira cuidados

o estado da actriz Maria Albertina

A actriz Maria Albertina, que ontem á noite foi acometida de doença subita quando actuava numa casa típica, continua internada na sala de observações do Hospital de S. José. O seu estado é satisfatório e não inspira cuidados.

A visita a Portugal

do presidente Soekarno

Vindo de Roma, chegou a Lisboa, de avião, acompanhado por sua esposa, o sr. dr. Leite Cruz ministro de Portugal em Djakarta, que vem tratar, com o Governo de assuntos relacionados com a próxima visita ao nosso País, do presidente Soekarno, da Indonésia.

PAILLARD 16 mm.
BOLEX OPTICA KERN
Impecável, vende particular metade tabela
Resposta a este jornal ao n.º 694.

O Círculo Bayette

congratulou-se com a decisão do tribunal da Haia

Na ultima reunião do Círculo Bayette e do Grupo de Estudos e Propaganda do Ultramar, sob a presidência do sr. almirante Magalhães Correia, falaram o dr. Silva Rego, Luís Lupi e dr. Braga Paixão.

Depois de prestar homenagem ao prof. Adriano Moreira, novo secretário de Estado da Administração Ultramarina, que é sócio fundador do Círculo, discutiram alguns problemas, os antigos ministros almirante Magalhães Correia, dr. Francisco Vieira Machado e o general Antunes Cabrita.

O sr. Luís C. Lupi secretário-geral, saudou na pessoa do sr. dr. Manuel Fernandes, juiz «ad-hoc» no Tribunal de Haia, que estava presente entre outras altas individualidades, o êxito de Portugal no Tribunal Internacional que apreciou o caso de Dadrá e Nagar-Aveli. O secretário-geral também felicitou vivamente o dr. Franco Nogueira director-geral dos Negócios Politicos do Ministério dos Estrangeiros, pelo brilho e clareza da sua nota explicativa anunciando a sentença do Tribunal de Haia.

O «Dia do Estudante» foi hoje comemorado

Integrado nas comemorações do «Dia do Estudante», efectuou-se, esta manhã, no Estádio Universitário perante reduzida assistência devido á chuva que caiu, um festival desportivo que serviu de pretexto para reunir os rapazes e as raparigas que praticam diversas modalidades.

Sem preocupações por resultados, exibiram-se, em raguebi, Direito-Agronomia; em basquetebol, I. N. E. F.-Misto de Ciências, Letras e Farmácia; em handebol de sete, Naval-Ciências e Direito-Económicas; em futebol, I. N. E. F.-Casa dos Estudantes do Império; em voleibol (feminino), Letras-Medicina.

Realizaram-se também várias provas de atletismo.

Num dos intervalos, o dirigente da Associação dos Estudantes do Técnico, sr. Humberto Belo, proferiu algumas palavras sobre o significado do «Dia do Estudante» e da necessidade de os universitários e todos os estudantes em geral trabalharem na orientação das próprias actividades da educação física e desportos.

O sarau cultural no Pavilhão dos Desportos

No sarau cultural integrado no «Dia do Estudante», que hoje se realiza no Pavilhão dos Desportos, participam Alfredo Roland, Franz Schubert, Jaime Silva, num programa de musica clássica. Na segunda parte do espectáculo far-se-á a distribuição dos prémios desportivos dos Jogos Florais e do Salão de Artes Plásticas. Na terceira parte actuam os Jograis de Hoje e um grupo folclórico da Casa dos Estudantes do Império.

PHILCO

DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE

VALE PELA GARANTIA!

de Norte a Sul em todo o PORTUGAL

OS FRIGORÍFICOS **PHILCO** VELAM PELA SAÚDE DOS ALIMENTOS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE SENDO GRATUITA NOS PRIMEIROS 5 ANOS. TODAS AS CAPACIDADES. TODOS OS PREÇOS DESDE ESC. 5.500$00

100% de compradores satisfeitos

HAVAS

REPRESENTANTES GERAIS EM PORTUGAL
ARNALDO TRINDADE & C.ª L.DA
APARTADO 139 - PORTO

CONCESSIONÁRIOS NO SUL
DINIZ M. d'ALMEIDA, LD.A.
AVENIDA DA LIBERDADE 214

Sociedade Portuguesa do Ar Líquido

«Arliquido»

S. A. R. L.

Rua da Quinta do Almargem, 14 — **LISBOA**

EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES 5 % — 1958

Pagamento de Juros

A partir do dia 2 de Maio próximo encontram-se a pagamento no Banco:

CREDIT FRANCO-PORTUGAIS

Lisboa — Porto

os juros referentes ao primeiro semestre de 1960 (cupão n.º 3) da sua emissão de obrigações 5 % — 1958.

Os juros são pagos contra recibo passado em impresso fornecido pela Sociedade, acompanhado dos respectivos cupões.

Lisboa, 30 de Abril de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

ATENÇÃO SENHORES BRASILEIROS E AFRICANISTAS

Temos magníficos automóveis que vendemos; nas condições de os comprar no fim das vossas férias c/ insignificante desvalorização facil. pagamento e/troca, não compre s/ consultar a conceituada

GARAGEM BOA VIAGEM

R. Sampaio e Pina, 56-60
á R. de Artilharia Um

AUTOMÓVEIS DE LUXO

AUTO-SORUCABA

SOCIEDADE DE TURISMO, LDA.

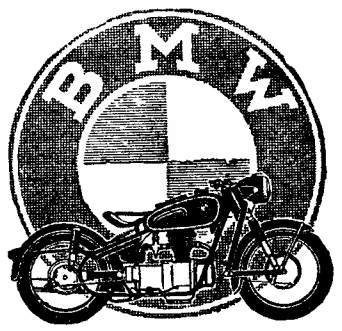
Garagem e estação de serviço
Rua Sociedade Farmacêutica, 30-A
Telefs. 41386 - 48707

PARA CASAMENTOS E AO QUILÓMETRO, NO PAÍS E ESTRANGEIRO

com chauffeurs a falar francês, inglês e espanhol

SERVIÇO PERMANENTE

A MARCA QUE SE IMPÕE EM TODO O MUNDO



Agora maiores facilidades de aquisição através dos agentes

B. M. W.

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

Av. António Augusto Aguiar, 3
LISBOA

Rua Santo Ildefonso, 535
PORTO

PRÉDIOS MORADIAS QUINTAS

VENDEM-SE

HIPOTECAS

Temos capital para 1.as hipotecas, em Lisboa e arredores. Transacções rápidas

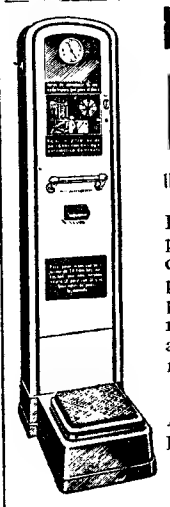
ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES
COBRANÇA DE RENDAS

Secção especial que trata do serviço geral de administração de prédios com assistência nas Repartições e Camaras

LIMPEZAS E REPARAÇÕES

JOSÉ SANTOS, LDA.

CASA FUNDADA EM 1929
RUA DOS CORREEIROS, 101, 1.º
Telefs. 27616 - 30707 - 32662
LISBOA



BALANÇAS KLEIN

De origem alemã, para pesar pessoas com saída de talão, rendimento positivo ao capital empregado. Aceita encomendas para a remessa a chegar no próximo mês de Maio e dá todas as informações

A. LISBOA, LDA.
R. Rodrigues Sampaio, 63 — LISBOA
Telefone 48725

ANÍBAL, LDA.

Alameda D. Afonso Henriques, 47-A — Telef. 56629

●

Se V. Ex.ª está interessado na compra de automóvel não deixe de visitar o nosso Stand, onde encontrará diversos carros europeus e americanos de plena confiança

---

Moradia

Aluga-se, confortável, toda modernizada, 14 divisões, marquises, jardim, circulação de águas quente e fria em todos os andares, aquecimento central, ver: Rua Teófilo Braga, 56, das 11 ás 13 e das 15 ás 18, tratar: Rua Madalena, 48-1.º, Telef. 24301.

PIANOS

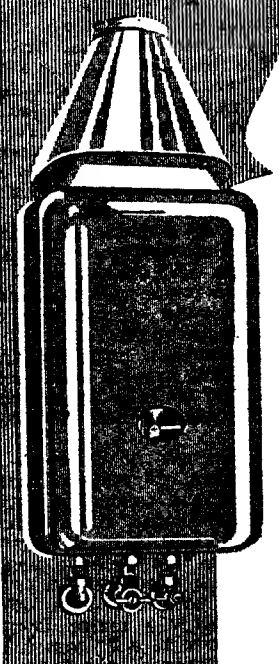
Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

95. Rua Nova do Almada 99
LISBOA

MERKER



O ESQUENTADOR PROVIDO DE VÁLVULA DE SEGURANÇA MAIS PERFEITA E MAIS EFICIENTE DO MUNDO

Com o esquentador **MERKER** na cozinha ou na casa de banho NUNCA pode haver perigo de intoxicação

DEFENDA A SUA VIDA E DE SUA FAMILIA USANDO SÒMENTE

MERKER

O ESQUENTADOR Nº1 DO MÚNDO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45
T. 733111 (4 linhas) ● LISBOA

DELEGAÇÃO EM COIMBRA:
RUA FERNÃO DE MAGALHÃES, 32-2.º — TELEFONE 25829

NO SUL
AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, LIMITADA
RUA DE SANTO ANTÓNIO, 45 e 47
Telefone 76 **FARO**

CHAPELARIA UNIVERSAL, LD.A

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 24 de Abril de 1945, lavrada de fls. 24 verso a 28 do L.º 124-B, do notário Dr. Mário Rodrigues, foi entre os sócios que ficaram sendo da sociedade acima mencionada, srs. António Dias Martins, Armando Dias Martins e Albino Rodrigues Neto, resolvido alterar parcialmente o respectivo pacto social, substituindo a sua alínea d), que passou a ter a redacção seguinte:

d)

A gerência e a administração de todos os negócios sociais ficam a cargo dos três sócios António Dias Martins, Albino Rodrigues Neto e Armando Dias Martins, que assim ficam nomeados gerentes, bastando para a sociedade ficar validamente obrigada que os respectivos actos e contratos sejam em nome dela assinados, sòmente, pelo gerente António Dias Martins, ficando a cargo dos outros sócios a gerência técnica.

Lisboa, 2.º Cartório Notarial, 27 de Abril de 1960.

O 1.º AJUDANTE,
Afonso Martins Soares da Costa

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

DELEGAÇÃO DE LISBOA

Para conhecimento dos interessados, informa-se que, no dia 10 de Maio, pelas 15 horas, iniciar-se-ão no Matadouro de Lisboa os leilões de peles de ovinos inscritos pela lavoura nesta Delegação e abatidos no referido Matadouro.

Representantes exclusivos para Portugal:
VADECA
Av. Duque de Loule, 1-Telef. 73 29 29 LISBOA

FURGONETAS

Utilitárias abertas de div. marcas e ultimos modelos. Troca-se e dão-se grand. fac. de pagamento. STAND ABRANTES — Av. Dr. António José de Almeida, 34-A Telef. 773539

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS

Emprestamos a juro inferior ao da Lei e nas melhores condições. Rapidez na transacção e sigilo absoluto

A LUZÁFRICA

CALÇADA DO CARMO, 6-2.º (à esquina do Rossio)
Telefones 24554 e 368080

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

de Guimarães. Hoje, ás 21 e 45 e apenas durante vinte dias em cena.

No Trindade

Brilhante carreira de «Leonor Teles»

No Trindade, que ofereceu, esta tarde, o primeiro espectáculo a estudantes a preços reduzidos, mantém-se o invulgar êxito de «Leonor Teles», de António Lopes Ribeiro.

O que se passa em «Leonor Teles» é tudo quanto fervilha, fermenta e explode numa das épocas mais dramáticas do futuro reino de Portugal,, aquele justamente em que o povo adquire, antes de todos os outros, consciência de que é uma nação e actua como tal. E' um espectáculo deslumbrante, encenado com riqueza invulgar, rebrilhando ao longo de 38 quadros. Uma realização que sai das marcas e constitui um triunfo memorável, a consagração definitiva do Teatro Nacional Popular e do seu director, FOrancisco Ribeiro.

«Margarida da Rua»

com Laura Alves está agora no Sá da Bandeira, do Porto

Vasco Morgado e Rocha Brito levaram ao velho Sá da Bandeira, do Porto, uma lufada de ar fresco com a apresentação de «Margarida da Rua», a comédia que triunfalmente se estreou no Monumental, marcando o regresso da popular Laura Alves ao teatro musicado.

Ao lado de Laura Alves, aparece o mesmo elenco que garantiu o êxito da peça de Alexandre Bresfort e Margueritte Monnot em Lisboa: L. Tito, R. Machado, P. Renato, e a atracção «Quatro de Espadas», etc. Direcção musical de Issi Fabra e encenação de António de Cabo.

No Teatro ABC

a alegre revista «Acerta o passo»

E' um espectáculo de constante gargalhada a revista «Acerta o passo», no ABC, com a famosa «estrela» da canção e do disco, Xiomara Alfaro; e um magnífico elenco, do qual fazem parte Raul Solnado, Max, Maria Adelina, Antónia Montes, Domingos Marques(Alda Pinto, Daniel Garcia, a artista do fado Fernanda Maria, Maria João e, num hilariante «compére», Camilo de Oliveira.

Um êxito que se repete todos os dias, em duas sessões; amanhã, «matinée» ás 16 horas.

Primeiras exibições

«Gente de má nota», no S. Jorge

De novo o São Jorge nos apresenta uma comédia inglesa em que o «vil metal» — neste caso são as vis notas — está na base de toda upma complexa série de peripécias mais ou menos divertidas. Depois de — e para só citar os casos mais populares — «Milionário sem vintém», «Roubei um milhão» e «Um quinteto era de cordas», surge-nos agora «Gente de má nota», que, muito embora não chegando ao nível daquelas originais comédias, consegue divertir o espectador com uma história cheia de «gags».

Quem sai aos seus não degenera e uma família de gatunos não pode ser uma família de degenerados! Não ser bom ladrão e fugir ás tradições familiares, isso sim, é que é grave! Tão grave, que a falta de vocação para o roubo engendra as mais perigosas aventuras, tais as que Ian Carmichael, a ovelha ronhosa da família de larápios, enfrenta em «Gente de má nota». Um final de que se está á espera diz-nos, ainda, que o mal ás vezes até pode levar ao bem... Ao lado de Carmichael, a bela Belinda Lee e Robert Helpmann. Filmado em Vistavision e Technicolor.

Complementos agradáveis. — *Visor 37.*

«Operação Montgomery», no Avis

A história fantástica de uma das mais ousadas fraudes dos tempos modernos, que permitiu poupar milhares e milhares de vidas, pelo encurtamento da ultima grande guerra, serviu para fazer um bom filme — «Operação Montgomery» — ontem estreado no Avis.

Quando os Aliados desembarcaram na Normandia e levaram de vencida os Alemães, estes haviam deixado no Sul da Europa boa parte das suas melhores divisões. Erro do comando supremo alemão? Não. Um «bluff» posto em prática pelos Britanicos levou ao engano os Alemães, que acreditaram que o Dia D começaria no Sul...

A execução dessa ideia britanica, que se chamou «Operação Montgomery», é contada no filme estreado no Avis com muita perfeição e por forma a manter constante o interesse do espectador.

À curiosidade da narrativa alia-se a excelente interpretação de Clifton James (o sósia autêntico de Montgomery), John Mills e Cecil Parker.

Os documentários são agradáveis. — *Visor 33.*

«Cantinflas no inferno», no Condes

«Un dia con el diablo» é o título original deste filme em que Cantinflas reapareceu ontem, no Condes, proporcionando uma hora e meia de boa disposição e gargalhadas. Os seus notáveis recursos histriónicos e os característicos monólogos de raciocínio «labiríntico» surgem, desta vez, numa sequência de cenas e situações verdadeiramente divertidas. Um equívoco leva-o a assentar praça e Cantinflas-recruta é um destes espectáculos que vale a pena não perder, pela comicidade com que compõe o seu soldado trapalhão, atarantado e sem noção da disciplina. As aventuras prolongam-se em cenários de guerra e, finalmente, no inferno, sem um hiato na corrente de riso que as impulsiona desde o princípio.

Com fotografia de Gabriel Figueiroa e realização de Miguel M. Delgado, esta película, apesar de algumas deficiências, tem um nível técnico acima daquele que é habitual, nos filmes com Cantinflas, onde o seu nome supre todo o resto.

Complementos agradáveis preenchem o programa. — *Visor 27.*

«Inferno debaixo de água», no Eden

«Inferno debaixo de água» (Up periscope), de Gordon Douglas, narra, com impressionante e subjugador realismo, um episódio da guerra do Pacífico. Uma missão secreta da Marinha dos Estados Unidos é relatada com um rigor admirável, numa linguagem cinematográfica sóbria e intensa criando uma atmosfera de «suspense». O drama das tripulações dos submarinos que em todos os mares, se bateram contra as forças agressoras, é cinematizado excelentemente em «Inferno debaixo de água». James Garner, Edmond O'brien e Alon Hale são os intérpretes desta película de excepção. Entre os documentários o desenho animado «O passarinho de Veneza».—*Visor 30.*

«Inspector Maigret», no Roma

Os Franceses têm uma técnica especial para produzir filmes policiais. Fazem-nos densos, escuros, pesados, com ambientes de «cortar á faca», sem violências de estilo americano, mas sim com a lógica própria da realidade. Para servir essa técnica própria, têm a felicidade de possuir actores como Jean Gabin e Michel Auclair — o primeiro inexcedível de classe — como agora se diz — esbanjando os seus dotes histriónicos um inspector Maigret que não sabemos se foi idealizado propositadamente para ele ou se foi ela que o fez «nascer» e o segundo representando com a mestria dos «velhos actores» sem trair a linha da nova geração a que pertence.

Vale a pena ver o filme estreado ontem no Roma só para apreciar devidamente a trindade policial francês, Gabin e Auclair.

O mistério que rodeia a morte de uma velha rica serve ás mil maravilhas para que o realizador desenvolva, com apreciáveis recursos a teoria de crime que é preciso equacionar. Meia duzia de personagens, comandadas pelo inspector fleugmático e experiente, «vivem» um pequeno drama de consciência até que se descobre o verdadeiro culpado — ou melhor, o maior culpado.

Como filme policial, o «Inspector Maigret» é perfeito. Não é preciso dizer mais nada.

Complementos agradáveis — **Visor 25.**

S. JORGE

Um grande êxito com a excelente comédia «Gente de má nota»

O dinheiro (tão apetecível) serve mais uma vez de tema a uma boa comédia da Organização Rank, no melhor estilo britanico. Mas, desta vez, o dinheiro é falso (embora tivesse sido roubado a um «respeitável sacerdote») e a dificuldade está em o gastar. Daí uma série de complicações as mais inconcebíveis e fantasiosas) a que se oferece ligada á figura atraente da linda loira Belinda Lee, uma realidade menos falsa do que as famigeradas notas e tão apetecível como elas...

«Gente de má nota» — versão portuguesa de «The Big Money» — é o título (bem expressivo) desta esfusiante comédia que o São Jorge nos oferece esta semana no seu cartaz de êxitos, a qual segue na esteira de outras comédias inesquecíveis como «Beija-me, comandante» e «Escada acima, escada abaixo».

«Gente de má nota», filme em «Vistavision» e «Technicolor», tem movimento, graça e ternura, oferece-nos o atractivo da beleza singular de Belinda Lee e é um portentoso espectáculo de gargalhada. Todos quantos gostam de um espectáculo alegre, têm neste filme prodigioso de graça um motivo para desopilar de riso, sem peso, conta, nem medida. Acresce que «Gente de má nota» é servido por uma história originalissima, com o seu quê de humano e terno, longe, portanto, dos desconchavos que têm por fácil objectivo despertar unicamente a hilariedade.

«Gente de má nota» exibe-se em três espectáculos diários: ás 15 e 15, 18 e 15 e 21 e 30 (para maiores de 17 anos).

No Monumental

«A Bela Mentirosa», com Romy Schneider em terceira semana

O Cinema Monumental apresentou pela primeira vez ao publico português, a inolvidável «Sissi», Romy Schneider, que veio a ser uma das mais populares actrizes europeias da actualidade. E é este mesmo cinema que apresenta agora o seu ultimo e melhor filme «A Bela Mentirosa», uma deliciosa comédia cuja acção se desenvolve no ambiente faustoso e galante da Viena imperial dos princípios do século XIX, num desembobinar constante de engraçadíssimas peripécias.

O talento da linda atrizinha alemã brilhantemente secundada por Jean Claude Pascal (no papel do czar Alexandre) e por um numeroso grupo de excelentes actores, dá o necessário contributo para fazer de «A Bela Mentirosa» um êxito extraordinário, que vai entrar merecidamente em terceira semana de enchentes no elegante cinema do Saldanha.

Filmada em maravilhoso «eastmancolor», «A Bela Mentirosa» que tem ainda a valiosa colaboração do grande mímico Marcel Marceau, e do «ballet» da Opera de Viena, é o espectáculo deslumbrante que aconselhamos a todos os que procuram no cinema alguns momentos de evasão e divertimento.

TIVOLI

«Estação Terminus», amanhã, na sessão clássica

Para atender a inumeros pedidos, a empresa do Tivoli exibe, na sessão clássica de amanhã, ás 11 horas, o filme de Vittorio de Sica, «Estação Terminus».

Com argumento de Zavattini inspirado no «Breve Encontro» de Noel Coward e David Lean e fazendo lembrar o admirável «Paraíso Proibido» de William Dieterle, este filme de Vittorio de Sica trata com mais realismo o conhecido tema. Excelentemente interpretado por Jennifer Jones e Montgomery Clift, inclui ainda o nome do grande produtor David C. Selznick.

Coliseu

Um gigantesco programa duplo de cinema! «Arizona» e «Enfrentando o perigo»! Esta noite, às 21 e 30

Um espectáculo imenso e arrebatador! Na mais vasta tela panoramica, dois filmes empolgantes — «Arizona», com Jean Arthur e William Holden, a epopeia da criação de um estado, e «Enfrentando o perigo», com Robert Frances, Douna Reed e May Wynn, as aventuras de um punhado de heróis no Oeste americano. Dois «westers» poderosos que arrebatam as multidões. Esta noite, ás 21 e 30.

Amanhã, ás 16 horas e ás 21 e 30.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

dinastia, no Egipto, quatro mil anos antes de Cristo, segundo a lenda, fez dissecções e amontoou apontamentos de anatomia. Plínio, por exemplo, afirma que os médicos egípcios, tentando desvendar o segredo da eternidade e as causas de certas mortes obscuras, julgaram encontrar estas nas autópsias. A Bíblia refere que o corpo de Jacob fora embalsamado por médicos oriundos das terras do Egipto («Génese» 50 — 2). Há a quem atribua a Aristóteles o grande impulso registado e a Alcméon de Creton, e a Díocles de Atenas, respectivamente quinhentos e trezentos e cinquenta anos antes da actual era, as primeiras investidas sérias, procurando ambos decifrar o grande e insondável mistério.

Osler («Evolution», p. 73) defende, porém, o critério de que os estudos anatómicos no homem (três séculos antes de Cristo) se encontravam totalmente proíbidos e que os sacerdotes, em nome dos deuses, condenavam e perseguiam todos aqueles que, movidos por demoníaca curiosidade, procuravam, mutilando corpos e almas, conhecer os mistérios da máquina humana.

Com Herofile e Erasístrafo, libertos de superstições, tenta-se lançar as bases da nova ciência. Galeno, no entanto, na douta opinião de Singer (cento e quarenta e seis anos depois de Cristo), não se refere aos estudos anatómicos, estudos estes que só recomeçariam volvidos doze séculos.

Na própria India, país que contribuiu com notáveis trabalhos para o desenvolvimento da medicina, da cirurgia e especialidades afins, não eram permitidos estudos no cadáver humano (Puschmann).

Na longínqua China, as primeiras investigações foram realizadas, segundo Sigerist, por Pin-Chi-Ian.

Os Judeus (Filo de Alexandria) fizeram observações nos cadáveres desde a mais remota antiguidade, apoiando tais observações na necessidade de se confirmar o diagnóstico clínico.

O «Talmude da Babilónia» (Israels, «Collectanes Gynaecologica ex Talmud Babylonico», 1845 cita e discute estudos realizados no cadáver, no século III.

Segundo o «Talmude» Cleópatra, rainha de Alexandria, cedeu os escravos condenados à morte para que, nos seus cadáveres se realizassem, livremente, dissecções anatómicas.

Plínio refere que certos reis do Egipto permitiram tais estudos. A opinião de Plínio, contudo, não parece fundamentada.

Samuel, um dos sábios da Babilónia e médico de grande nomeada, conta que os discípulos de Rabi Ismael procederam à contagem dos ossos de uma mulher, meretriz condenada à morte pelo rei. Na opinião daquele médico, foram ainda os Judeus que emprestaram novos alentos às investigações anatómicas, empreendidas por Herofíle e Erasístrafo. A «Michna» («Post-Mortem Examination and Jewish Law», 1945) certifica o número exacto de ossos que constituem o esqueleto humano, sendo esta a primeira nota séria publicada sobre o assunto, devido a uma meticulosa observação.

O «Talmude» refere-se ainda ao sangue, ao fecto humano e à placenta (Simon e Baruk).

Curioso anotar, à margem, que o «Talmude», considerado livro sagrado entre os Judeus e outros povos do Médio Oriente, não encerra nas suas preciosas e riquíssimas páginas qualquer protesto relativamente às observaçõess no cadáver, enquanto que, em muitos países e mesmo entre os que mais contribuiram para o avanço das ciências, era proibido tocar nos mortos, mutilá-los e colher as vísceras para exame. A lei mosaica defende a integridade do corpo humano, na vida e na morte, proíbe as tatuagens e as mutilações (Levítico), considerando-as ofensas ao indivíduo e à religião.

O «Talmude», código sempre vivo de costumes e leis, modelo de simpósio, liberal no conteúdo e na forma, não impede a autópsia, desde que seja feita com o fim de confirmar a inocência do réu.

Só nas provas do Cível não é permitido o desenterramento e o exame pós-morte.

Pode, pois, afirmar-se que o judaísmo (Wolif, pp. 226 e 285) em todas as épocas, mesmo no judaísmo primitivo, base de todas as religiões monoteístas, manteve sempre atitude de tolerância, codificando, como sucede hoje, as intervenções no cadáver.

Na escola de Salerno (Século XI), os estudos passaram a fazer-se em animais, sobretudo no porco.

Federerico II (1238) autorizou a dissecção, uma em cada cinco anos, permitindo-se assim aos médicos assinalar os progressos da ciência.

No ano de 1286, um médico de Cretona, alarmado com a terrível epidemia de peste que grassava na Itália, causando milhares e milhares de vítimas, abriu um cadáver, na esperança de desvendar a causa do mal.

Mais tarde (1302) o Tribunal ordenou um exame pós-morte com o claro propósito de se averiguar se a vítima fora envenenada.

Mondino de Luzzi (1316) escreveu o primeiro moderno trabalho de anatomia macroscópica (Singer, «Anatomy», pp. 71 e 73) com observações anatómicas realizadas na Universidade de Bolonha.

As dissecções foram autorizadas, com todas as restrições, em Veneza (1368), Mompilher (1375) e Lérida (1391).

As demonstrações anatómicas, com interesse científico, só se realizaram mais tarde, no decorrer do Século XV, em Paris, Viena e Praga.

Paracelso, o grande louco, renovador insigne da medicina, pouca importância ligou àqueles estudos, proclamando, numa das suas lições, que «pouco ou nada se poderia aprender num corpo morto».

O «Alcorão», livro sagrado dos Árabes, proíbe a mutilação dos corpos, mesmo que o indivíduo tenha ingerido uma pérola preciosa. Nunca aqueles emprestaram atenção à Anatomia (Friedenwald). Maimónides, em contra-partida, embebido de cultura árabe e judaica, fez dissecções no cadáver, tendo sido, porém, perseguido quando residia em Fez.

Leão X proibiu a entrada de Leonardo de Vinci nos Hospitais de Roma, quando se propunha dissecar cadáveres e fazer desenhos de veias e artérias.

Vesálio, fundador dos modernos estudos anatómicos, queixa-se de não haver obtido autorização para estudar o cérebro humano.

Em plena Renascença, Amato Lusitano procede a doze dissecções, em Ferrara, e confirma a existência das válvulas venosas («Primeira Centúria», cura 25. Vid.: Muenz, Friedenwald e José Lopes Dias), no ano de 1547.

Amato fora educado por seus pais na prática e observância das leis mosaicas e no respeito pelas tradições.

Com Amato, de Castelo Branco, trabalhou Canano, médico do Papa, facto que deu lugar a repetidas confusões.

Só a Renascença, encerrando o período da escuridão, permitiu tais estudos, possibilitando o progresso de toda a medicina.

A. d'E.

HOMENAGENS

Ao contramestre da oficina de reparações e construções eléctricas do Arsenal do Alfeite

Está marcada para amanhã uma homenagem ao sr. Jorge António Nogueira, contramestre da oficina de Reparações e Construções Eléctricas do Arsenal do Alfeite, que se aposentou após 30 anos de serviço, durante os quais soube conquistar a amizade dos seus superiores e subordinados. Esta homenagem culmina com um almoço no restaurante Floresta do Ginjal, durante o qual lhe será entregue uma prenda como prova de gratidão de todo o pessoal que serviu sob as suas ordens.

A uma empregada bancária

A sr.ª D. Maria José de Oliveira, funcionária do Banco Pinto & Sotto Mayor desde há 39 anos foi reformada. Esta manhã, no ultimo dia do seu trabalho, um grupo de colegas homenageou-a, entregando-lhe uma lembrança.

A homenagem ao prof. Galvão Teles

(Continuação da página central)

sagrara também, especial atenção aos problemas do Ultramar. O seu nome — disse — não poderia ser esquecido, ao recordarem-se os antigos alunos de Lisboa que têm servido o Ultramar, mas deve, muito em particular, ser recordado, a propósito do processo da Haia, para cujo êxito tão devotadamente concorreu.

O reitor terminou fazendo votos pelo prosseguimento dos êxitos da carreira do prof. Inocêncio Galvão Teles, que classificou de professor modelar, jurista insigne e português de lei.

Os agradecimentos do prof. Galvão Teles

Agradecendo as palavras do reitor da Universidade, o sr. prof. dr. Galvão Teles disse que o sensibilizava profundamente a ideia do Senado da Universidade de Lisboa e dos professores da Faculdade de Direito, de promoverem uma tão agradável reunião, e que a manifestação de simpatia que ela traduzia, se revestia para ele de especial valor, pois provinha da Universidade á qual se honra de pertencer e que, acima de tudo, procura servir.

E exprimiu o seu reconhecimento a essa Universidade, por lhe ter dado a formação que justamente lhe permitiu lutar em Haia pelos direitos de Portugal.

Prestou depois, o prof. Galvão Teles homenagem aos outros filhos da Universidade de Lisboa que contribuiram para a vitória, salientando o sr. prof. Paulo Cunha, a cuja clarividência — disse — se deve a ideia da propositura da acção.

Por ultimo, agradeceu, também, aos componentes do Senado Universitário e aos professores da Faculdade de Direito, em particular ao reitor da Universidade, sr. prof. Marcello Caetano, personalidade eminente em quem — salientou — se reunem as mais altas qualidades, e que tanto tem contribuido para honrar e prestigiar a Universidade a cujos destinos preside.

No final, foi enviado um telegrama de saudação ao antigo aluno da Faculdade de Direito, sr. dr. Alvaro da Silva Tavares, actual governador-geral de Angola.

ALTOS ESTUDOS MILITARES

Chegou a Lisboa, vindo de Paris, a convite oficial, para fazer uma conferência nos Altos Estudos Militares, o «ás» da Aviação Francesa, tenente-coronel Pierre Clostermann.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Luisa Dias de Oliveira de Moura Lopes

Faleceu a sr.ª D Maria Luisa Dias de Oliveira de Moura Lopes, de 69 anos, natural de Veiros (Estarreja), casada com o sr. Julio de Moura Lopes, comerciante, mãe da sr.ª D Maria Violeta Moura Lopes e do sr. José Luís de Moura Lopes, e sogra da sr. D. Arménia da Silva Lopes e do sr. Norberto Pinto Lopes, comerciante.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 16 horas, da Basílica da Estrela, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

FUNERAIS

D. Maria Amália Pereira de Carvalho

Foi hoje a enterrar a sr.ª D. Maria Amália Pereira de Carvalho, de 85 anos, professora oficial, natural do Barreiro, ontem falecida. A extinta, que em 1947 recebera, pelos serviços prestados ao ensino, a comenda de Cristo, era tia-avó da sr.ª D. Maria Judite de Carvalho Tavares Rodrigues, casada com o nosso camarada de redacção dr. Urbano Tavares Rodrigues e a quem apresentamos os nossos pezames.

O funeral, a cargo da Agência Castanheira & Teles, efectuou-se da residência da falecida para o cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

D. Clara da Costa Pina

Faleceu no passado dia 24, em Vila do Touro, Sabugal, com 97 anos, a sr.ª D. Clara da Costa Pina. Sufragando a sua alma, celebrar-se-á missa de 7.º dia no próximo dia 2 de Maio, pelas 12 e 30 horas, na igreja dos Mártires, em Lisboa.

HOJE ATÉ À MEIA – NOITE

RECHEIO DE PALACETE

SENHORA VENDE PELA MAIOR OFERTA

Por venda da moradia, urgente, mobílias de casa de jantar, quartos de casal e de pessoa, escritório no estilo Renascença inglesa, estante torcidos e tremidos americano e móveis soltos. Salas oriental, Luís XV dourada; tremós, credências, cómodas, cantoneiras, vitrinas maples soltos e em jogo; sofá e maple-cama, lustres, carpetes, cristais, pratas, quadros a óleo, aguarela e gravuras, antigos e modernos; colecção de bronzes assinados e relógios; mármores bibelots, loiças, cristais, roupeiros, arcas, espelhos, ficheiro e secretárias comerciais, fogão eléctrico, outro Gascidla e outro da Comp., esquentador, rádio-gramofone, máq. de costura, televisão, gravador de som e tudo quanto recheia as 20 divisões da Av. Duque de Avila, 139 (Palacete), entre as Avs. da Republica e Cinco de Outubro. Hoje, até ás 24 horas.

VILA DO TOURO – SABUGAL

+

Clara da Costa Pina

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

José Augusto da Costa Pina, sua mulher, Fernanda Rosa Leitão de Oliveira da Costa Pina; José Vicente de Oliveira da Costa Pina, sua mulher Odília Gonçalves Ferreira da Costa, Pina e filhos; Maria Fernanda Leitão de Oliveira da Costa Pina Vieira Borges seu marido, Carlos Alberto Vitorino Vieira Borges e filhos; Prazeres da Costa Pina; Beatriz da Costa Pina Ladeira e seu marido, José Maria Ladeira; Elvira da Costa Pina; Rosa da Costa Pina Lobo; Ascenção da Costa Pina Brojo da Silva e seu marido, Joaquim Brojo da Silva, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações e amizade o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, avó, bisavó e parente, e que o seu funeral se realizou no passado dia 25 da sua residência no Vila do Touro — Sabugal para o cemitério desta localidade. Mais comunicam que na segunda-feira, 2 de Maio, ás 12,30 horas na Igreja dos Mártires, em Lisboa, se celebrará missa do 7.º dia em sufrágio da sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

VILA DO TOURO – SABUGAL

+

Clara da Costa Pina

FALECEU

A firma J. A. DA COSTA PINA, cumpre o doloroso dever de participar aos seus Ex.mos Clientes e Amigos o falecimento da mãe do seu titular, José Augusto da Costa Pina, e que o funeral se realizou no passado dia 25 da sua residência, em Vila do Touro — Sabugal, para o cemitério desta localidade. Na próxima segunda-feira, 2 de Maio, pelas 12,30 horas, na Igreja dos Mártires, em Lisboa, celebrar-se-á missa do 7.º dia.

VILA DO TOURO – SABUGAL

+

Clara da Costa Pina

FALECEU

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA., do Porto, participa aos seus Ex.mos Clientes e Amigos o falecimento da mãe do seu sócio e querido amigo, Snr. José Augusto da Costa Pina, e que o seu funeral se realizou no passado dia 25 da sua residência, em Vila do Touro — Sabugal, para o cemitério desta localidade. Na próxima segunda-feira, 2 de Maio, celebrar-se-á missa do 7.º dia, pelas 12,30 horas, na Igreja dos Mártires, em Lisboa.

O vestido de casamento da princesa Margarida

(Continuação da página central)

Jones encomendou um vestido de organdi de seda branca com modesto decote em «V», corpo cingido, mangas a tres-quartos. A ligeira amplitude da saia termina por uma cauda curta. Para acompanhar este modelo, a princesa escolheu entre as jóias da Coroa, um diadema de brilhantes que prenderá um véu de tule clássico».

Além do próprio costureiro e da princesa, apenas uma dezena de pessoas teve possibilidade de conhecer os pormenores do vestido de noiva. Norman Hartnell, que se empenhou a fundo em evitar que fosse o que fosse transpirasse do que devia ser a grande surpresa da cerimónia nupcial, teria aberto inquérito, afirma o «Daily Mail», para descobrir a origem das inconfidências.

No entanto, terá realmente havido inconfidências ou tratar-se-á de uma suposição audaciosa? Para o «Daily Sketch», o conhecido costureiro, interrogado a respeito da exactidão dos pormenores descritos por aquela revista americana, teria olhado atentamente para os desenhos, sem emitir, porém, qualquer comentário. A sua secretária, o seu director comercial e as duas costureiras-mestras conservam-se igualmente caladas a este respeito. A opinião que parece prevalecer e que, no que respeita o feitio em geral, pelo menos, a descrição da «Women's Wear Daily» não está nada longe da realidade. Um exemplar da revista em causa será apresentado hoje á princesa Margarida. Serão decididas, dada a indiscrição, algumas modificações da ultima hora? Neste caso, o costureiro Hartnell seria chamado imediatamente á Clarence House.—(F. P.).

DE TODO O MUNDO CHEGAM PRESENTES

LONDRES, 30.—Grande variedade de presentes — incluindo um bolo gigantesco — chega de todas as partes do Mundo a esta capital, com destino á princesa Margarida e a Antony Armstrong-Jones.

O bolo é oferta de um fornecedor de Nova York, Nathan Trotzky, e está ainda a ser manufacturado. Terá cerca de dois metros de altura, aproximadamente, 70 centímetros de diametro e pesará 100 quilos.

Descrito pelo seu fabricante, Jerry Steponatos, como um rico bolo de frutas, inglês, será coberto com creme gelado branco e terá as iniciais da princesa e do noivo.

O presente da Rodésia do Norte será uma caixa para cigarros de cobre, tendo gravado o escudo de armas do território. O da vizinha Niassalandia será uma pequena urna, feita de madeira e marfim, cheia com chá da região.—(R.).

+

Maria Luisa Dias de Oliveira de Moura Lopes

FALECEU

Julio de Moura Lopes, José Luís de Moura Lopes, sua mulher Arménia da Silva Lopes e filhos, Maria Violeta Moura Lopes, seu marido Norberto Pinto Lopes e mais família participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Basílica da Estrela para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA BARATA

VILA DO TOURO – SABUGAL

+

Clara da Costa Pina

FALECEU

OS EMPREGADOS DAS FIRMAS J. A. DA COSTA PINA, de Lisboa, e COSTA PINA & VILAVERDE, LDA., do Porto, têm o desgosto de participar o falecimento da extremosa mãe do seu querido Chefe e Amigo, Snr. José Augusto da Costa Pina, e que o seu funeral se realizou no passado dia 25 da sua residência, em Vila do Touro — Sabugal, para o cemitério desta localidade. Na próxima segunda-feira 2 de Maio, pelas 12,30 horas, na Igreja dos Mártires, em Lisboa, celebrar-se-á missa do 7.º dia.

VILA DO TOURO – SABUGAL

+

Clara da Costa Pina

FALECEU

F. H. D'OLIVEIRA & C.ª, LDA., participa aos seus Ex.mos Clientes e Amigos a infausta notícia do falecimento da sogra da sua sócia, Sr.ª D. Fernanda Rosa Leitão de Oliveira da Costa Pina, casada com o seu devotado e grande amigo, Snr. José Augusto da Costa Pina, e que o seu funeral se realizou no passado dia 25 da sua residência, em Vila do Touro — Sabugal para o cemitério desta localidade. Na próxima segunda-feira, 2 de Maio, pelas 12,30 horas, na Igreja dos Mártires, em Lisboa, celebrar-se-á missa do 7.º dia.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» anunciava no dia 30 de Abril de 1930 que iam acabar «as meninas dos telefones», porque estes passavam a funcionar automàticamente, e comentava no «Chá das Cinco» «Acontece, porém, que ao termos conhecimento da desaparição, nós todos, que tanto nos zangávamos com «as meninas» e que as maldiziamos e insultávamos, todos nos temos saudades delas. E' que nos haviamos habituado a descarregar nelas as nossas cóleras. Com quem havemos de desabafar agora sem que nos vejam?».

EFEMERIDES

No dia 30 de Abril de 1951 foram pelo Irão nacionalizadas as suas fontes petrolíferas

No dia 1 de Maio de 1852 nasceu o sábio espanhol Ramon y Cajal.

PROGRAMAS DE RADIO

(HOJE)

EMISSORA — *Programa «A»*: 451 m — 665 Kc/s. *Programa «B»*: 397 m. — 755 Kc/s.

Programa «A» — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Musica de piano, por Georges Liberace; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A orquestra de Franck Pourcel; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção de emissores; 21 e 20: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo: Duas gerações; 23 e 30: Musica de dança; 23 e 45: Junção de emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra de Maria de Carvalho; 19 e 10: Amore Traditore de Back; 19 e 27: Interpretações de Enrico Mainardi e Zara Nelsova; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica sinfónica jugoslava, em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Jugoslava, de Belgrado; 20 e 30: Musica de tecla: Fantasia em dó menor, de Bach; Fantasia em fá menor Kochel n.º 608, de Mozart; Sonatina para piano, de Bela Bartok; 21: Junção de emissores; 21 e 20: Concerto pelo coro «Philippe Caillard» «Missa Sine Nomine», de Guillaume Dufay; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo de sonatas: «Sonata para flauta, viola e harpa», de Debussy; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?, discos pedidos pelos ouvintes. Aria, de Bach-Stokowsky; Sinfonia n.º 1 em dó menor, op. 68, de Brahms; o Corsário, abertura op. 21, de Berlioz; 23 e 45: Junção de emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Cançonetas; 17 e 46: Teatro de brincar; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua inglesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Baile; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Gwen Catlev; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 17: Musica pelo caminho; 17 e 50: Viagens na nossa terra; 18 e 18: Cançonetas; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Trechos de operetas; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Variedades.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Musica ligeira; 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: A cultura brasileira; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 35: Melodias; 22 e 50: Noticiário; 23: A 23.ª hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

(AMANHÃ)

EMISSORA — *Programa A*, 451 m. — 665 kc/s; *Programa B*, 397 m. — 755 kc/s.

Programa A — Às 18, Noticiário e danças; 18 e 45, Canções de Paris; 19, Album musical; 19 e 20, As nossas canções; 19 e 40, Domingo desportivo; 19 e 50, Conjuntos típicos; 20, Instrumentistas; 20 e 20, Vedetas em voga; 20 e 40, Orquestras ligeiras; 21, Noticiário; 21 e 15, Ontem e hoje; 21 e 40, Vinte minutos com o Trio Odemira; 22, Radiodesporto; 22 e 40, Fados, por Maria Teresa de Noronha; 23, Crónica tauromáquica; 23 e 15, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa B — Às 18, História do teatro; 18 e 40, «Trio n.º 4», em mi menor, K 452», de Mozart, pelo Trio de Trieste; 19, Concerto de domingo. Programa pela Orquestra Sinfónica de Boston, dirigida pelo maestro Charles Münch, em gravações cedidas pela embaixada americana em Lisboa — 1.ª parte: «Sinfonia Incompleta», de Schubert; «Adagio e Allegretto Moderado», da «Sinfonia n.º 10», de Mahler; 19 e 50, Noticiário regional; 20, «Um poema pagão, segundo Virgílio, op. 14», de Loeffler, em piano zihera, corn'inglês por Soyer e a Orquestra Sinfónica de Boston; 20 e 25, Musica de Strawinsky, 21, Noticiário; 21 e 15, Programa de musica portuguesa; 22, Concerto em órgão, por Eduardo Simões; 22 e 10, Musica coral sinfónica; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — Às 18, Domingo musical; 18 e 50, Danny Kaye; 19, Era uma vez...; 19 e 15, Conjuntos; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Comentários desportivos; 20 e 45, Lendas da nossa terra; 21, Cançonetas; 21 e 30, Leitura, semanário radiofónico; 22 e 15, Fados e guitarradas da Toca; 22 e 30, Zarzuela; 23 e 30, Baile; 23 e 45, Noticiário; 2, Fecho.

Estação de Miramar — Às 18 e 35, Campeão português; 19, Cruzeiro; 19 e 30, Boletim desportivo; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Melodias; 20 e 30, Orquestras e vocalistas; 21, Noticiário; 21 e 15, Conjuntos vocais e instrumentais; 21 e 30, Imagens por musica; 22, Trechos de zarzuela; 22 e 30, Fados da Nau; 22 e 45, Solos de guitarra; 23, Trechos recreativos; 23 e 30, Cançonetas; 0, Baile.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 ás 19 e 30, Club Radiofónico de Portugal; 19 e 30 ás 22, Rádio Graça; 22 á 1, Rádio Peninsular; 1 ás 2, Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 17 horas, transmissão de mira técnica; 17 e 15, transmissão da telegravação integral do jogo de futebol Alemanha Ocidental-Portugal, disputado em Ludwigshaven; colaboração da TV alemã; comentários de Alves dos Santos (1.ª parte); 18, intervalo; 18 e 5, segunda parte do encontro de futebol Alemanha Ocidental-Portugal; 18 e 50, continuação da transmissão de mira técnica; 19, encerramento. Ás 20 e 30, reabertura; 20 e 32, telejornal; 20 e 50, programa juvenil: «Juventude no Mundo», actualidades para a juventude; texto de Carlos Rodrigues; locução de Lídia Franco; «Combinando uma aventura», «O pai de Joey», mais um episódio de «Fury», o cavalo selvagem; 21 e 45, «Diagnóstico: Primavera», de Armando Vieira Pinto, com Adelina Campos, Fernanda Bosatti, Maria Alberta e Rodolfo Neves; cenários de Hernani Lopes; realização de Pedro Martins; 22 e 5, Coral da Faculdade de Letras de Coimbra (transmissão directa do Teatro da Faculdade); realização de Helder Mendes; 22 e 35, actualidades desportivas; 22 e 55, telejornal; 23 e 10, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

FARMACIAS DE SERVIÇO

(HOJE)

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648. Tel 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431. Tel 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro 98-A. Tel 764629. Leal de Matos — Rua Neves Costa 33-35. Carnide. Tel 780181. Universitária — Rua O. 29-D. Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) Tel. 778953. Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B. Tel 790912 Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. (Junto á Avenida Brasil). Tel 765262. Farmácia—Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Água). Tel 710131; Carrasco — Avenida da Igreja, 21-C, Tel 776358, Avis — Avenida de Roma 56-B-C. Tel 776070 Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12. Tel 727721. João XXI — Avenida João XXI, 16-A. Tel 726462; FÁTIMA — Aven. de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima). Tel. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Ávila 203-B. Tel 41961; Cardeira — Avenida Duque de Ávila, 32-C. Tel 43495. Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel. 48966 Mundial — Largo D. Estefania 9. Tel 45578; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação). Tel 389216, Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel 389237. Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21. Tel 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65. Tel 381185; Luzmar — Rua 2 16-A Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel P. P. C 728395-720703. Oriente — Rua Lopes, 12c. Tel 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32. Tel 42756. Europa — Avenida General Roçadas, 25-A Tel 843880. Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C. Tel. 862338; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente 31. Tel 864351. Nacional — Rua de S. João da Praça, 26. Tel 863632. Matos — Rua Álvaro Coutinho 10. Tel 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A. Tel 682333. Salutar — Rua B, 75-A/B Bairro da Liberdade Tel 683694 Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras). Tel 680627; D. João V — Rua D. João V 16-C. Tel 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A Tel 688857. Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B. Tel 671667. Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54 Tel 662246. Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisto — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 631958. Teles — Rua João de Barros, 2, Tel 638249. Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel 631635. Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39. Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo). Tel 27896. Véritas — Rua da Misericórdia, 132. Tel 24554, Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A. Tel 52076 Nacional — Rua do Salitre, 7. Tel 46858; Costa — Praça da Figueira 6-B-C, Tel. 28381, Barral — Rua Aurea, 126. Tel 31535.

(AMANHÃ)

TURNO A — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E. Tel. 782532 Santa Cruz — Rua 15, 2-A — á Avenida Gomes Pereira — Tel 784838 Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel 782606 Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B. Tel 780511 Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B. Tel 780841. Prates & Mota — Rua da Beneficência, 91 — ao Rego — Tel 773728 Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 790480 Marbel — Avenida de Roma, 131-A. Tel 776235. Líbia — Avenida da Igreja, 4-B/C. Tel. 776681. Alcantara Avenida da Republica, 74-A—Junto a Entre-Campos — Tel 771379 Vale—Avenida Marquês de Tomar 45-49 — Tel 773043 Estados Unidos — Avenida Estados Unidos da América, lote 373. Tel 725859 Bentosinho — Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A. Tel 774920 Lungenit. Lda. — Avenida da Republica 55-A — Tel 772132. Dalva — Avenida Duque de Ávila, 125. Tel 45225 Sousa Martins — Rua Sousa Martins, 25, ao Matadouro. Tel 53468 Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel 389216 Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel 389237 Freitas—Rua Zófimo Pedroso, 11-13. Tel 381136 Banha — Estrada de Chelas, 173-175. Tel 382241 Frazão Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90-92 Tel 847019 Ziler — Rua de S. Tomé, 54-56 Tel 862835 Central da Penha — Rua da Penha de França, 58-60. Tel 849245 Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703 Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B á Praça do Areeiro. Tel 727300 Imperial — Avenida Guerra Junqueiro 30-B, Tel 726860 Veral — Rua Morais Soares, 108 Tel 40632 Estefania — Rua Pascoal de Melo, 90. Tel 44438 Confiança — Avenida Almirante Reis 46. Tel 42453 J. Ribeiro, Lda — Largo das Olarias, 33. Tel 864343 Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade. Tel 683694 Pátria Rua de Campolide, 11. Tel 682610 Britanica — Travessa da Légua da Póvoa, 5-B — Tel 689250 Lobet —Rua de Infantaria 16, 98-B—Tel 688807 União — Rua Saraiva de Carvalho, 119. Tel 663643 Castro Suc — Rua de S. Bento 199-A Tel 660513 Restelo (Do) — Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C. Telefrouços. Tel. 610741 Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz 20-C/D Moura — Travessa da Memória, 55. Tel 630944 Biotifar — Rua D. João de Castro, 27-B. Tel 638824. Correia de Azevedo — Rua Luís de Camões, 48-50 Tel 638625 Bairrão — Rua Prior do Crato, 25. Tel 661321 Andrade Ribeiro — Avenida Infante Santo, lote particular 4-B, Tel. 666971. Paiva da Costa, Lda — Rua da Lapa 105 Tel 664414 Lys — Rua da Esperança, 17-19, Tel. 660913 Barreto — Rua do Loreto, 30. Tel 27284 Fernandes — Rua de S. José 187 Tel 26476 Teixeira Lopes — Rua Áurea 154. Tel 24816 Oliveira — Rua da Prata, 240. Tel 21415—A—

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e vários atractivos, entre outras, nas seguintes agremiações, esta noite: Casa Pia Atlético Clube, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Casas do Minho (37.º aniversário), de Ovar, dos Senenses, de Ferreira do Zêzere, da Comarca de Figueiró dos Vinhos (organizada pela Comissão de Melhoramentos de Esporão — Góis), da Comarca de Arganil (organizada pela Comissão de Melhoramentos de Pinheirinho — Oliveira do Hospital) e do Concelho de Gouveia, Clube Atlético de Campo de Ourique, Lisboa Clube Rio de Janeiro. Amanhã, á tarde: Casa Pia A. C., Clube Estefania e Casa dos Tabuenses; á noite: Casas do Concelho de Tondela e da Comarca de Figueiró dos Vinhos, Sporting Clube da Penha, Casa Pia A. C.

CONFRATERNIZAÇÃO

Na cantina da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, jantar de confraternização dos antigos alunos, ás 20 e 30, e na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, banquete comemorativo do 20.º aniversário, ás 21 e 30.

REUNIÕES CIENTIFICAS

Na Faculdade de Ciências, do Centro de Estudos Humanísticos, com uma lição pelo sr. prof. dr. Herculano de Carvalho, ás 18 e 30.

CONFERÊNCIAS

No S. N. I., pelo sr. conde de Rochefort, ás 21 e 45.

TEATRO DE AMADORES

Na Casa de Ferreira do Zêzere, récita pelo grupo cénico, variedades e baile, e na Academia de Santo Amaro, estreia de uma comédia, ás 21 e 30; no Belém Clube, espectáculo pelo Teatro de Ensaio, ás 21 e 45.

SARAU CULTURAL

No Pavilhão dos Desportos, ás 21 horas.

ACTO DE POSSE

No Nucleo dos Antigos Alunos da Escola do Ateneu Comercial de Lisboa, Rua da Fé, 23-1.º, posse dos corpos gerentes, ás 18 e 30.

SERÃO PARA TRABALHADORES

No salão de festas de A Voz do Operário efectua-se hoje, á noite, um serão para trabalhadores dedicado á classe dos construtores civis. O serão é organizado pela Emissora Nacional e pela F. N. A. T.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 30 — 18 e 18 (3,64 m.).
Dia 1 — 6 e 39 (3,35 m.); 18 e 57 (3,48 m.).
Dia 2 — 7 e 24 (3,19 m.); 19 e 43 (3,35 m.).

BAIXA-MAR

Dia 1 — 0 (1,31 m.); 12 e 12 (1,43 m.).
Dia 2 — 0 e 50 (1,47 m.); 13 e 4 (1,60 m.).
Dia 3 — 1 e 48 (1,61 m.); 14 e 8 (1,75 m.).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 30 — «A visita da velha senhora».
TRINDADE — A's 21.30 — «Leonor Teles»
MONUMENTAL — A's 21,45 — «Eu não sou eu».
AVENIDA — As 20 e 45 e ás 23 — «Está bonita a brincadeira».
MARIA VITÓRIA — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Taco a taco».
ABC — Ás 20 e 45 e ás 22 e 45 — «Acerta o passo».
S. LUIZ — A's 21 e 30 — «Un ange passe».

CINEMAS

TÍVOLI — «Bruscamente no Verão passado».
S. LUIZ — «O ultimo comboio de Gun Hill».
S. JORGE — «Gente de má nota».
IMPÉRIO — «O que elas querem... é casar».
EDEN — «Inferno debaixo de água».
MONUMENTAL — «A bela mentirosa»
POLITEAMA—«Kasim, o bandido»
ODEON — «O pequeno saltimbanco»
CONDES — «Cantinflas no inferno».
ALVALADE — «O ultimo comboio de Gun Hill».
AVIS — «Operação Montgomery».
ROMA — «O inspector Maigret».
RESTELO—«Mulheres perigosas».
COLISEU — «Arizona».
OLIMPIA — «O rei da pradaria».
IDEAL — «Zarak».
JARDIM — «O grande inimigo».
PROMOTORA — «A cidade perdida».
ODIVELENSE — «Quo Vadis».
S. JOSÉ (Sacavém) — «Preciso de dinheiro».
CINE MOSCAVIDE — (Watusi) — «O gigante africano».

Semana do contribuinte

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS, SECÇÃO B

— Os dividendos, juros, lucros e interesses *distribuidos* e que estão sujeitos ao imposto, não se tornando necessário que estejam pagos ou entregues para só então se pagar o imposto.

O artigo 47.º e alíneas a), b), c), d) e e) são terminantes, fixando o prazo do pagamento do imposto sem atender a lucros e quaisquer outros rendimentos pagos ou por pagar.

Incidência do imposto

Ficam compreendidos nesta secção:

Os *dividendos*, ou outros quaisquer *lucros*, seja qual for a sua designação, *atribuidos ás acções de sociedades anónimas ou de comanditas por acções.*

(a) *Os lucros dos sócios não gerentes* das sociedades por quotas.

Os *lucros dos sócios comanditários* das sociedades em comandita.

Os *juros das obrigações* emitidas por qualquer sociedade ou empresa.

Os *juros dos suprimentos* feitos a qualquer sociedade ou empresa.

Os *juros de depósitos* de qualquer natureza confiados a pessoas singulares ou colectivas legalmente autorizadas a recebê-los. (Redacção do Decreto n.º 21 755, de 21 de Outubro de 1932).

(a) Atribuidos ou creditados, in Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo, no Recurso n.º 9182 *Diário do Governo* n.º 101 a 104 de 1955.

Decreto n.º 8719, de 17 de Março de 1923, artigo 44.º.

JURISPRUDÊNCIA

— Dos lucros dos sócios não gerentes, na compropriedade de quota social indivisa.

Se os comproprietários de uma quota social indivisa nomearam válidamente um seu representante na sociedade e a este foi conferida a gerência que exerceu efectivamente, os lucros correspondentes á dita quota *não são passíveis de imposto.*

E:

Enquanto a herança permanecer *por partilhar*, não adquirem a qualidade de sócios, pessoalmente, nem, nestas condições, os lucros lhes pertencem, por serem de atribuir á quota englobada na universalidade da herança, não sendo também de tributar os correspondentes lucros.

Acórdão no Recurso n.º 14 125, de 14 de Janeiro de 1959, do Supremo Tribunal Administrativo.

Informações importantes

transmitidas pelo «Pioneiro V»

levaram os sábios a rever

muitos conceitos admitidos

WASHINGTON, 30. — O satélite solar «Pioneiro V» revelou que o espaço interplanetário tem por vezes radioactividade suficiente para pôr em perigo os futuros astronautas — informa-se após uma conferência de imprensa realizada ontem, quando a nave espacial lançada em 11 de Março tinha percorrido a distancia de mais de 10 milhões de quilómetros desde a Terra e em volta do Sol.

Durante a conferencia, que se realizou na sede da N. A. S. A., um grupo de cientistas discutiu as descobertas do «Pioneiro V», algumas das quais põem de parte teorias existentes, e que abrirão caminho ás viagens a Vénus.

As informações radiodifundidas para as estações terrestres pelo satélite indicam que depois das erupções gigantescas do Sol, a radiação no espaço exterior pode atingir 50 Roentgens por hora. A poucos milhares de quilómetros da Terra a radiação atinge cerca de 100 Roentgens por hora.

A conferência revelou também que será possivel manter comunicações de Rádio com o «Pioneiro V», além de cerca de 150 milhões de quilómetros da Terra, em vez dos 70 milhões de quilómetros previstos

Os instrumentos do satélite revelaram que o campo magnético da Terra vai até cerca de 90.000 quilómetros no espaço, em vez de 30 a 40 mil como se julgava primeiramente.

O «Pioneiro V» confirmou que uma gigantesca corrente tubular «em anel», constituida por ondas eléctricas, circula em redor da Terra permanentemente. A corrente, avaliada em cerca de 5.000.000 de amperes tem a largura de 38.500 quilómetros e o seu centro está a perto de 60.000 quilómetros acima da Terra.

Durante uma fase de explosões solares intensas, quando estava a cerca de 5 milhões de quilómetros do nosso planeta, registou grandes nuvens de gás electrificado, conhecido pelo nome de nuvens de plasma, vindas do Sol. Estas nuvens devem fornecer os electrões que produzem a «corrente em anel».

Encontra-se permanentemente no espaço interplanetário um fraco campo magnético, não produzido pelas explosões solares. A sua origem é desconhecida mas deve tratar-se de um campo que se estende por todo o sistema estelar da Via Láctea. Crê-se que estes campos possuem uma fracção da energia do Universo.

A maior parte das camadas da radiação da Terra não é composta de partículas directamente provenientes do Sol, conforme se pensava ántes. Parece contudo que as nuvens de plasma emitidas pelas explosões solares vêm chocar com o campo magnético da Terra provocando a libertação na atmosfera, de partículas anteriormente absorvidas. Estes factos dão origem, por exemplo, ás auroras boreais.

O grupo de cientistas que tem seleccionado os dados coligidos e transmitidos pela cápsula revelou que gravações magnéticas, obtidas pela sonda a cerca de 4.500.000 quilómetros da Terra, pareciam levantar duvidas sobre a teoria há muito mantida, de que as tempestades magnéticas eram causadas por correntes eléctricas em ou próximo da atmosfera terrestre.

Foi ainda encontrada uma forte corrente de electricidade envolvendo a Terra a uma distancia de cerca de 50.250 quilómetros e descobertos os primeiros raios cosmicos puros — isto e, raios cósmicos encontrados a altitudes totalmente livres da atmosfera terrestre. — (A. N. I. e R.).

EXPERIMENTADO COM ÊXITO O FOGUETÃO «SATURNO»

HUNTSVILLE (Alabama), 30. — Foi experimentado com pleno exito o gigantesco foguetão «Saturno», que poderá transportar ate Marte e Vénus, duas toneladas de carga e levar o homem até á Lua e reconduzi-lo á Terra.

Os oito propulsores desenvolveram uma energia de cerca de 500,000 quilos de impulsão.

O «Saturno» permitirá lançar em órbita satélites com 20 toneladas. — (A. N. I.).

NOVO ENSAIO COM O «POLARIS»

CAPE CANAVERAL, 30. — A Marinha americana lançou com êxito, na noite passada, um missil «Polaris» que descreveu um voo de cerca de 1.500 quilómetros.

A Marinha anunciou que o projéctil balistico, que poderá ser adquirido pela Grã-Bretanha, conseguiu todos os objectivos da experiência e atingiu o seu alvo, perto de Porto Rico, com um «focinho» cónico simulado.

Foi o segundo ensaio com êxito de um missil «Polaris».

O foguetão, destinado a ser lançado de submarinos, foi disparado de uma rampa terrestre regular fixa. — (R.).

«OBSERVADOR» RUSSO FOTOGRAFADO POR UM FOGUETÃO

WASHINGTON, 30. — A Marinha dos Estados Unidos publicou uma fotografia, tirada de um dirigivel, que mostra um navio de pesca russo, o «Vega», observando experiências de lançamento simulado de foguetões «Polaris» pelo submarino americano «George Washington», há pouco posto em serviço. — (F. P.).

EM FRANÇA, ESTUDAM-SE AS CONDIÇÕES BIOLÓGICAS DO VOO ESPACIAL

PARIS, 30. — O general Grand Pierre, que dirige os centros de estudos médicos da Aviação, disse que os investigadores franceses enviarão em breve animais ao espaço.

Estas experiências, que se farão com um foguetão «Verónica», destinam-se a verificar os efeitos da ausência de gravidade no organismo de pequenos roedores que, durante minuto e meio, escaparão á gravitação terrestre. Verificar-es-á também se a privação do labirinto do ouvido dá de facto melhor resistência aos efeitos da ausência de gravidade. Estas experiências inscrevem-se num programa de estudos que estão a fazer-se presentemente em França, para definir as condições biológicas do voo espacial.

Enquanto não são concedidas verbas mais substanciais para estudos deste género, lançar-se-ão alguns foguetões «Verónica» em Julho e Setembro. Desta vez não se usará o sódio, mas sim outros elementos, como o césio, para efectuar medidas da propagação das ondas hertzianas reflectidas em nuvens ionizadas artificialmente. Se no próximo Orçamento se inscreverem as verbas necessárias, poderá então construir-se um engenho capaz de enviar material científico a milhares de quilómetros de distancia da Terra. — (F. P.).

AÇORDA DE SÁVEL

FAMOSO PRATO

do Ribatejano de Salvaterra

Cérebros electrónicos

«conversam» pelo telefone

sobre astronáutica

NOVA YORK, 30. — Os «cérebros» electrónicos começaram a «falar» uns com os outros pelo telefone e em microgravação. Além disso ajudam a desenvolver alguns dos maiores foguetões norte-americanos.

A secção de foguetões da Aviação dos Estados Unidos fez ligações entre os seus laboratórios de engenharia e gabinetes de experiência da Califórnia, Texas e Missouri e dois grandes «cérebros» do quartel general de Nova York. Os «cérebros» comunicaram pela rádio com os da Aviação norte-americana de Los Angeles.

«Conversam» todos eles acerca do desenvolvimento de misseis e «tagarelam» para saber se está marcado algum programa, quais as partes que faltam, como é que vai a produção e se o projecto cabe dentro do orçamento.

Estas «Cabeças-Falantes» usam termos próprios. «Conversam» em linguagem matemática á média de 75.000 palavras por minuto.

Com «cérebros» inteirados a respeito dos pormenores da construção de misseis como o «Thor» e o «Atlas», calcula-se que o Estado poupará 50.000 dólares por mês. — (A. N. I.).

A dr.ª Moore

deixou-se ultrapassar

pelos dois sargentos

SALT LAKE CITY, 30. — Dois sargentos do Exército britanico que são «concorrentes» da dr.ª Bárbara Moore, imitando-a na travessia a pé do território dos Estados Unidos, passaram-na ontem e levam-lhe já um avanço de mais de 5 quilómetros.

A dr.ª Moore caminhava ontem a cerca de 30 quilómetros desta cidade.

Os dois sargentos, Patrick Moloney e Mervyn Evans, depois de ultrapassarem a médica-andarilha, tomaram por estrada diferente, rumo a San Francisco — (A. N. I.).

A U.R.S.S. garantiu aos Ocidentais

que na reunião de Paris não insistirá

na solução imediata dos problemas da Alemanha

(Continuação da 1.ª página)

campanhas que interferem nos assuntos internos daqueles países.

O comunicado acrescenta que os países membros serão mantidos ao corrente das negociações a realizar na conferência no mais alto nível e que lhes digam respeito.

O comunicado salienta ainda que o grupo permanente militar, recentemente criado, tem feito trabalho muito util em relação á organização de um comando unico e que prosseguem os estudos neste sentido.

A próxima sessão ministerial do C. E. N. T. O. realiza-se em Ankara no dia 1 de Fevereiro de 1961. — (R.).

OS AMERICANOS E A CONFERÊNCIA LESTE-OESTE

TEHERÃO, 30.—O secretário de Estado norte-americano, Christian Herter, afirmou na reunião ministerial do C. E. N. T. O., ao referir-se aos preparativos para a conferência no mais alto nível, que os Estados Unidos insistem no ponto de vista de que deve haver firme acordo entre as potências ocidentais, quanto á necessidade de serem sondadas as intenções dos Russos, incluindo as interpretações que Moscovo pretende dar á «coexistência pacífica».

Referindo-se aos problemas internacionais que serão discutidos, em Paris, entre os «Quatro Grandes», Herter, depois de frisar que o de Berlim era uma «questão explosiva», afirmou que os Estados Unidos manter-se-ão firmes na sua decisão de proteger a liberdade dos Berlinenses na zona ocidental.

O secretário-geral do Conselho Ministerial do C. E. N. T. O. declarou que a conferência foi, de entre todas as realizadas até agora, a que alcançou «maior êxito» e salientou que não foram abordados os disturbios registados na Turquia, visto tratar-se de um assunto de ordem interna. — (A. N. I.).

A CONFERÊNCIA DA N. A. T. O.

ISTAMBUL, 30. — Apesar de se manterem, ainda, os ecos das manifestações anti-governamentais dos ultimos dois dias, círculos autorizados declararam, esta manhã, que o Governo turco está decidido a prosseguir com os planos para a realização, na próxima semana, da reunião do Conselho Ministerial da N. A. T. O.

Funcionários consulares norte-americanos informaram que o secretário de Estado, Christian Herter, é esperado esta tarde, a fim de tomar parte na reunião.

A RUSSIA DEU GARANTIAS

PARIS, 30. — Informam de origem fidedigna que a U. R. S. S. garantiu ás potências ocidentais que não insistirá, na Conferência Leste-Oeste, solução imediata das questões litigiosas de Berlim e da Alemanha.

Isto explicaria o optimismo manifestado pelo general de Gaulle e também a posição assumida pelo presidente Eisenhower na conferência de Imprensa da ultima quinta-feira. — (F. P.).

OS PERIGOS DO NEUTRALISMO ALEMÃO E ITALIANO

PARIS, 30. — «O maior perigo para o futuro de uma Europa unida não é o comunismo, mas sim o neutralismo alemão e italiano» — declarou ontem de Coudenhovekalergi, numa conferência de Imprensa, dada num grande hotel parisiense, acerca da «Europa, a Alemanha e Berlim»

«O Partido Socialista Alemão — acrescentou o presidente-fundador da União Pan-Europeia — aceitou agora um novo programa referente a um sistema de segurança europeia que englobaria não só a Inglaterra, mas também a Russia e os seus satélites. Ora uma Alemanha Federal neutra, não é verdade que se tornaria indiscutivelmente uma aliada dos Sovietes, visto ser destes que depende a reunificação da Alemanha?».

Abordando as perspectivas da conferência no mais alto nível, afirmou que «o problema de Berlim deveria ter prioridade sobre o do desarmamento» e prosseguiu: «A Alemanha Oriental anexou Berlim-Leste. O Ocidente deveria exigir que Berlim-Oeste seja integrado na Alemanha Federal».

Sugeriu, por fim, que uma ponte seja construída por cima do território de uma Republica federal alemã, reconhecida pelo Ocidente. — (France Presse).

ADENAUER DEFINE A POLITICA DE BONN

BONN, 30 — «Desde 1949, a Republica Federal tem assente, continuadamente, a sua política, no facto que a unica ameaça que paira sobre ela, vem de Leste. Há dez anos que praticamos esta política, e não creio que viremos a modificá-la, nem amanhã nem mais tarde» — escreve o chanceler Adenauer num artigo publicado hoje pelo «Boletim da Republica Federal Alemã». Prossegue: «Esta política sempre teve duas finalidades: garantir a liberdade dos milhões de Alemães que se encontram na parte livre da Alemanha e reconquistar a liberdade pelos milhões de Alemães que, desde 1945, são obrigados a viver, sob a dominação soviética».

Considerando estas afirmações necessárias nas vésperas da conferência no mais alto nível, a fim de apresentar claramente a política do seu Governo e as esperanças do povo alemão, o chanceler acrescenta: «Nos Alemães, esforçamo-nos por nos alhearmos de todas as ilusões, e temos esperanças de que os delegados soviéticos á conferência de Paris pensarão e agirão com realismo. — (F. P.).

CAIU UM AVIÃO

militar canadiano

e morreram seis pessoas

MILWAUKEE, 30 — Um bimotor canadiano, que se anunciou transportar seis pessoas, incluindo um comodoro da Aviação, despenhou-se e explodiu a noite passada no Lago Michigan, perto desta cidade.

Duas horas após o desastre, brigadas de salvamento da Guarda Costeira não tinham ainda encontrado vestígios do avião ou dos seus ocupantes.

O bombardeiro — um «B-25» — procedia do Canadá e dirigia-se para uma base aérea norte-americana. — (R. e A. N. I.).

UM «JACTO» CAUSOU SETE MORTOS

MINNEAPOLIS (Minnesota), 30. — Um avião militar a jacto explodiu no ar e despenhou-se em chamas, sobre um grupo de casas de madeira, perto de Minneapolis.

Morreram carbonizados os três tripulantes do aparelho e quatro moradores de seis casas que foram destruidas pelo fogo ateado pelo avião. Outros dois moradores sofreram queimaduras de gravidade. — (A. N. I.).

O «relojoeiro-voador»

desapareceu

no Pacífico

HONOLULU (Hawai), 30. — Aviões da Guarda Costeira e do Corpo de Fuzileiros navais continuaram hoje a procurar Peter Gluckmann, o «relojoeiro-voador», que desapareceu no Pacífico ao tentar estabelecer um «record» de voo solitário.

Gluckmann esperava voar sem escala de Tóquio a Nova York batendo assim o «record» de 7.688 milhas estabelecido por Max Conrad — o «avô-voador».

O ultimo sinal recebido do aviador foi na quarta-feira de manhã quando Gluckmann contava já sete horas de voo depois da partida de Tóquio.—(R.)

NOVA VACINA

CHICAGO, 30. — Uma nova vacina contra o tracoma está a dar resultados positivos — informa o Centro de Pesquisa da Marinha dos Estados Unidos.

Mais de 450 pessoas foram vacinadas sem apresentarem reacções sérias. O tracoma, que leva á cegueira, ataca para cima de 400 milhões de pessoas em todo o Mundo. — (A. N. I.).

DE GAULLE

terminou a visita

aos Estados Unidos

e regressou à França

NOVA ORLEÃES, 30. — O presidente de Gaulle partiu, durante a noite — á 1 e 20 (T. M. G.) — desta cidade, num avião especial fretado á «Aair France», com destino á Guiana Francesa ,ao concluir a sua visita oficial de oito dias aos Estados Unidos.

O general de Gaulle entrou no avião á 1 e 09. O Presidente e sua esposa pararam por momentos no cimo da rampa, antes de entrarem para o avião, para dizerem adeus á multidão que se aglomerava no aeroporto.

O presidente assistiu a uma festa de despedida na Praça de Jackson, no bairro francês, e foi saudado com brindes de champanhe pelos convivas. De Gaulle não bebeu, porém. Quando partiu para o aeroporto, começou um espectáculo de fogo de artifício. Uma figura monumental do Presidente apareceu em fogo preso, enquanto a multidão gritava: «Vive de Gaulle».

De Gaulle abandonou a festa devido a uma tremenda tempestade que flagelou Nova Orleães. — (R. e A. N. I.).

PIRILAMPO

RESTAURANTE FRANCÊS

SIMPLE DÎNER OU DÎNER D'APPARAT

PIRILAMPO EST TOUJOURS LE PIRILAMPO

RUA DOS SAPATEIROS, 168

(A DOIS PASSOS DO ROSSIO)

VA TODOS OS DIAS AO

Restaurante «Imperial» do Carregado

Prato da casa: «Ensopado de enguias»

Diferente de tudo

Telef. 21

O LÁPIS [redacted]ES

Eis uma foto que documenta como pode nascer uma loucura colectiva. A melhor forma de propalar uma mentira é repeti-la diàriamente. Esta receita tem também efeitos na verdade e naquilo que não é verdade nem mentira — o «Lápis do Lopes», por exemplo: Este jovem da foto ouviu falar tanta vez no «Lápis do Lopes» que acabou por não pensar noutra coisa. Sonhava com ele. Via-o em todo o lado. E acabou por ficar atoleimado. Queria fazer-se alpinista de lápis. O leitor pode observar uma das suas tentativas. E' uma versão moderna do entremez quichotesco dos moinhos de vento. Claro que entre meninos e borrachos as coisas ás vezes acabam bem. Onde o alpinista julgava encontrar o bico do lápis deparou com uma língua de fora.

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 93 Diario de Lisbôa

Ainda a Europa

A velha Europa continua na vanguarda quanto á educação humana. Segundo elementos da UNESCO a taxa de analfabetismo mundial atinge ainda aproximadamente 43 a 45 %. A maior proporção de eletrados encontra-se na Africa com 80 a 85 % seguida da Asia com 60 a 65 % e das Américas com 21 %. Na Europa essa mancha negra está já reduzida a 7 a 9 %.

ONDE O MAR ACABA E A TERRA COMEÇA

A luta encarniçada e prodigiosa dos Holandeses contra o mar prossegue. Vastas e fertilíssimas áreas de terras cultiváveis continuam a surgir do fundo do mar que, sob a acção «milagrosa» do braço humano, se cobrem de estradas e se transformam em prósperas e modernas explorações agrícolas, criadoras de riqueza. As fronteiras vão-se alargando, neste sereno país dos moinhos e das bicicletas, para albergar uma população que nasce,

(Continua na 9.ª página)

[redacted] sempre her foi do lar

A ideia de que a mulher foi criada para «anjo do lar», está um pouco recuada de nós. Mas analisando a História, a traição a este conceito não é produto dos «teddy-boys» dos nossos dias. É, simplesmente uma... velharia, se considerarmos que cem anos marca muito na vida de uma pessoa...

Em meados do século XIX, a Inglaterra deu o toque a rebate, isto é, uma senhora inglesa tomou as rédeas do sufragismo feminino — o que equivale dizer: a rédea solta. Foi caso de uma bonita mamã, jovem mãe de três crianças, se viu, um dia, privada do afecto dos filhos, raptados por seu marido, homem violento e debochado. Raptados sem possibilidade de resgate. Carolina — era a graça da senhora — vendo que os seus direitos de mãe eram nulos e que, pior ainda, continuava a ser pertença do marido, embora este tivesse abandonado as doçuras do lar conjugal. Não se conformando com lei tão injusta, Carolina qualquer coisa, meteu pés ao caminho, resolvida a lutar com as armas que a Natureza tinha dado á sua fragilidade — com unhas e dentes — armas brancas com uma certa eficácia.

Felizmente, os seus meigos processos de persuassão encontraram eco no coração bondoso de um juiz, Talford, que logo toma a peito a sua defesa. Mesmo assim, tão bem apoiada, a senhora teve de dar muito á língua, aos calcanhares, teve de provocar escandalos tremendos, gastou muito papel selado (não sabemos se já o havia nesse tempo), e... venceu.

Esta vitória, embora pareça paradoxal, foi o grito de guerra. As mulheres, com filhos ou sem eles, com maridos fugidos ou não, resolveram lutar pelos seus direitos, a que os bons puritanos, chamavam com imenso espírito, as «pretenções revoltantes».

Estas lutadores encontraram um deputado pronto a gritar, com elas, o mais alto possível, que tinham direito, pelo menos não era pedir demasiado — o direito de voto.

Voto legítimo que aquele «danado imbecil» (são ainda os puritanos que falam) defendeu e conseguiu impor.

(Continua na 4.ª página)

BELMONDO e JEAN SEBERG

O grande ruído feito ultimamente á volta da «nova vaga» confunde ainda muita gente, sobretudo aquelas pessoas que gostam sempre de saber o porquê das coisas. Os próprios arautos desse importante movimento, chamado a renovar tanto a concepção económica como artística do cinema, não têm ajudado a esclarecer o problema, com os seus alaridos impetuosos.

Estaremos de facto perante uma verdadeira batalha como outras que tem havido? É «coisa» realmente nova a realização de filmes como «400 coups», «Beau Gerge», «Cousins», «Le mitiene jour», «On n'enterre pas de dimanche», etc., considerados filmes típicos dessa «nova vaga».

Até certo ponto sim.

Mas uma batalha talvez mais económica do que artística. O cinema, tal como o concebe Hollywood, tal como ainda há pouco tempo era concebido em Paris, Roma e Londres, era um cinema prisioneiro dos estudios, das vedetas e das casas distribuidoras.

Expliquemo-nos melhor:

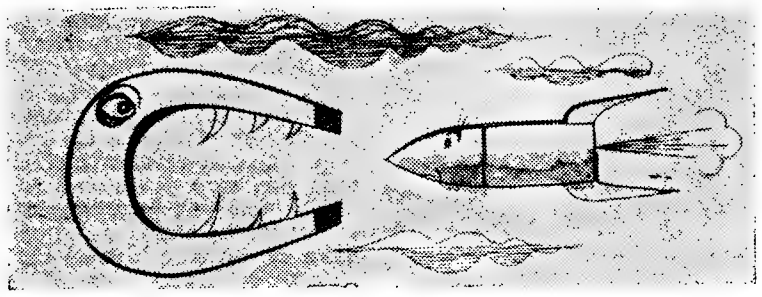
Ao falar-se num filme pensava-se implicitamente nos numerosíssimos dias indispensáveis para a filmagem dias caríssimos que ocupavam grandes equipas de técnicos, e, evidentemente a construção de cenários cada vez mais complicados e grandiosos, e portanto, também cada vez mais custosos!

Os riscos a que os produtores se submetiam eram tais que para assegurar o rendimento futuro dessa enorme máquina era preciso conseguir o apoio comercial de uma ou de várias grandes vedetas como uma B. B., um Fernandel, ou uma Gina Lollobrígida. Mas essas vedetas, dando-se do seu valor de compra e de venda, tinham as suas exigências que se traduziam na maioria dos casos no direito de ler e escolher a história. Assim, muitos

(Continua na 3.ª página)

É o motor magnético que irá conquistar o espaço?

UMA verdadeira revolução está em curso no campo, já de si revolucionário, da astronáutica. Muito em breve será possível equipar as naves espaciais — além dos foguetões químicos, muito potentes mas pouco precisos — de novos foguetões magnéticos que permitirão deslocar-se no espaço com toda a precisão, corrigindo erros de lançamento e aptos a poisar na Lua, Marte e Vénus, no local escolhido.



A boa condução da corrente eléctrica

Há mais de um século que se sabe que em determinadas condições de polaridade, uma corrente eléctrica «devora» outra corrente, podendo logo a seguir «cuspi-la» em perfeito estado, se se inverter a polaridade da corrente na sua origem. É este o princípio empregado nos numerosos interruptores eléctricos e, sobretudo, nos disjuntores cujo modelo doméstico é cada vez mais aconselhado em substituição do clássico «fusível». Num disjuntor uma bobine é aspirada por uma outra quando a intensidade ultrapassa um certo limite. E' quando isto se dá que a corrente é cortada. Restabelece-se a corrente carregando num botão que faz a bobine maior «cuspir» a que «engulia». O funcionamento do disjuntor é, evidentemente devido a efeitos magnéticos. Uma corrente eléctrica é como um sentimento amoroso: Tal como ele também em matéria de magnetismo dois polos iguais se repelem enquanto os polos contrários se atraem. E' com base nesta lei simples que se constroem todos os disjuntores existentes, grandes e pequenos.

Do disjuntor às viagens interplanetárias

Várias vezes tem sido proposta a substituição dos actuais foguetões por bobines capazes de «cuspirem» limalha de ferro. Mas no estado actual das técnicas isso só seria viável fornecendo ao novo foguetão uma energia eléctrica considerável, só possível com ele ligado a uma rede de distribuição terrestre. Tinhamos chegado, ao que parece, a um beco sem saida. Acontece, porém, que alguns trabalhos recentes permitiram vencer essa dificuldade. Em vez de fazer uma bobine «cuspir» limalha de ferro, fazem-na «cuspir» um gás a altas temperaturas. Esses gases são um condensador num gás inerte de mercurio super-aquecido, bom condutor de electricidade que pode, portanto, comportar-se como um material «cuspido» constantemente por uma outra corrente de polaridade oposta.

O primeiro motor a plasma foi proposto pelo sábio soviético Morozov, em 1957. A corrente injectada nesse plasma circula no motor por meio de carris. Descarregando um condesador num gás inerte obtém-se esse plasma que se escoa entre os carris. Com carris de 7 metros de comprido, afastados 20 centimentros um do outro, consegue-se injectar plasma a 50 quilómetros por segundo. Injectando 0,16 gramas em cada segundo obtém-se, num ultimo andar de um foguetão, uma velocidade de 35 quilómetros-segundo durante três dias seguidos, o que permite encarar o transporte até á Lua, Marte ou Vénus, de dois ou três passageiros.

Não se conhecem pormenores das experiências feitas na Russia com o motor Morozov, mas as sociedades americanas Avco e Gianini-Plasmadine publicaram os resultados dos seus ensaios feitos com motores desse tipo, desenhados por Bastick, do Instituto Stevens. Nessa experiência foram conseguidas velocidades de ejecção de duzentos quilómetros por segundo.

Da teoria à prática

Há evidentemente numerosas dificuldades experimentais a vencer antes de ser possível ir até aos planetas em foguetão magnético.

Em primeiro lugar esse sistema de propulsão só funciona no vácuo. E' necessário, portanto, colocá-lo no ultimo andar de um foguetão multiplo. Depois, é preciso evitar que o plasma, cuja temperatura ultrapassa os cem mil graus, não fenda os electrodos que servem para o gerar. Evita-se essa fusão fazendo descargas rápidas e próximas, no caso em questão, da ordem dos 3.700 vezes por segundo.

Petschek e G. S. James, dois sábios americanos que trabalham na Companhia Avco, propuseram uma solução original construindo um motor de plasma sem nenhum electrodo, injectando a corrente á distancia e sem condutor por um efeito de indução. As experiências de laboratório permitiram realizar, com o motor magnético sem electrodos, velocidade de ejecção de 120 quilómetros por segundo. Esta velocidade, convém recordar, é dez vezes a velocidade necessária para vencer a atracção terrestre.

Podemos, portanto, pensar que muito em breve se pode dispor de um motor que colocado no ultimo andar de um foguetão ou de um satélite lhe dê suficiente autonomia para fazer em alguns dias, viagens entre planetas. As massas de plasmas a expulsar são fracas não passando de 44 quilos de mercurio para atingir 25 quilómetros por segundo num foguete de 5 toneladas. A potência também não é muito grande, cerca de duzentos quilovátios, durante três dias. Finalmente a aceleração, é baixa, suportável, portanto, pelos passageiros.

Uma duvida existe: de onde virá a energia?

O motor magnético tem de ser alimentado por corrente para funcionar. A bordo não é possível montar um motor a gasolina ou Diesel porque consomem oxigénio e por causa do peso. No estado actual da técnica não parece vantajoso utilizar a energia nuclear, até porque o gerador portátil mais potente só produz 5 watts e são precisos 200.000!

A solução seria talvez uma bateria eléctrica muito potente queimando hidrogénio no oxigénio com um rendimento próximo dos 100 %. Esses descendentes modernos da pilha de Volta estão em estudo na Inglaterra. Mas um satélite americano parece ter trazido a solução: — a energia solar.

Motor Solar e acumulador magnético

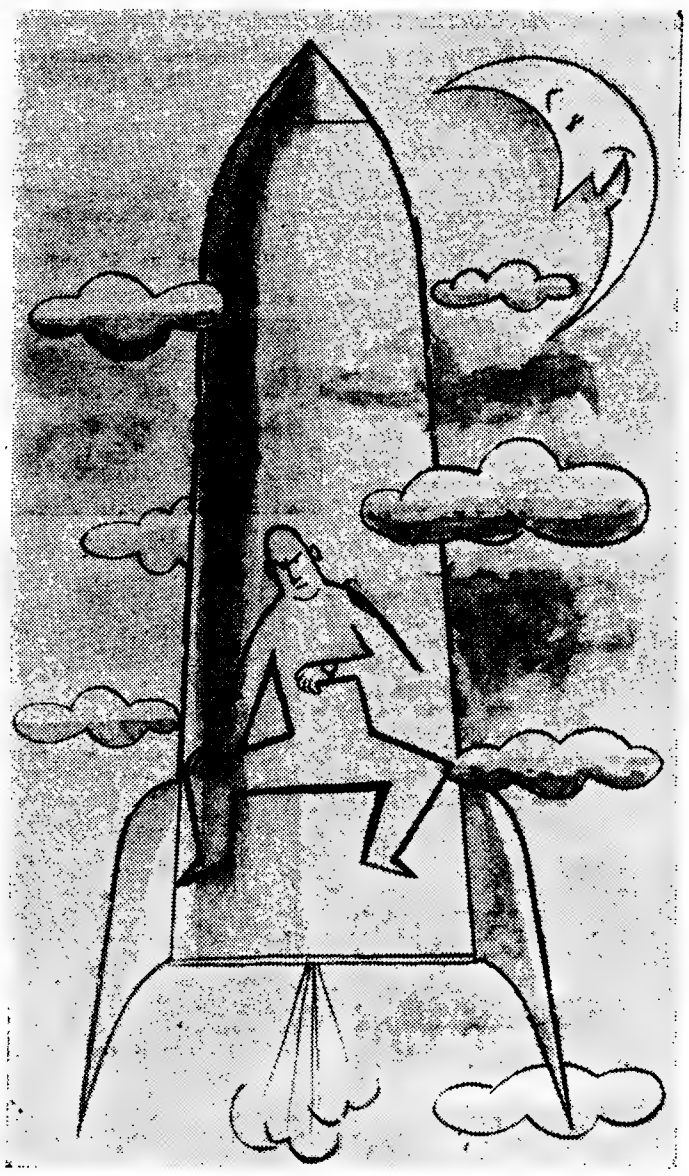
O satélite americano recolhe no vácuo mais de um quilowatt de electricidade solar por metro quadrado de superfície exposta. Com umas asas de cem metros quadrados, um foguetão de 5 toneladas recolheria, gratuitamente, suficiente energia para fazer andar o seu motor.

Uma só dificuldade: o motor movia-se por impulsos e seria, por isso, necessário armazenar energia. Mas os condensadores eléctricos vulgares são demasiado pesados. Felizmente que dois sábios americanos construiram, um super-condensador magnético que utiliza precisamente o plasma.

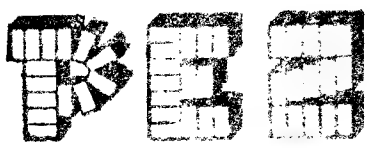
E' portanto razoável esperar que dentro de alguns anos estas máquinas possam ser realizadas. Até lá os foguetões químicos permitirão colocar em orbita super-«Sputniks» de várias toneladas carregando passageiros, materiais e motores magnéticos. Desdobrando as suas asas esses super-«Sputniks» irão beber a energia solar, carregando as suas reservas de plasma, podendo depois pôr em andamento os seus motores magnéticos.

Deixarão então a sua orbita, para se dirigirem á Lua, e para as pequenas luas de Marte — os pequenos Phobos e Deimos onde é fácil poisar. Outros irão até mesmo a Marte e Vénus.

Tudo isto será certo, podemos acreditá-lo...



agora



em toda

a parte!

PEZ contém o mais fino Peppermint do mundo. Preparado com substáncias naturais de alta qualidade, PEZ é um refrescante concentrado, de gosto agradável. PEZ reconforta, purifica o hálito e fornece boa disposição.

OFEREÇA AOS SEUS AMIGOS UMA PASTILHA PEZ COM O DISTRIBUIDOR PEZ!

Representantes exclusivos: **IRMAOS COSTA DIAS, LDA.** — R. António Enes, 21 — LISBOA

DEFESA E ILUSTRAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

belos assuntos acabaram por ser estragados.

Emmanuela Riva em «Le 8e Jour»

Vedetas exigentes, cenários fabulosos, produtores sobrecarregados com produções caríssimas — tudo conduzia a procurar as mãos «salvadoras» dos distribuidores. E quem são eles?

São estas eminências pardas do cinema que asseguram a projecção de um filme mesmo antes de ele ser realizado. Há filmes notáveis que ficaram vários anos sem encontrar um distribuidor que aceitasse programá-los.

Ora os distribuidores quando são solicitados sentem que também devem dar uma opinião sobre o filme; e o resultado são essas monstruosas superproduções sobrecarregadas ao máximo de vedetas que artísticamente pouco lhes acrescentam mas servem de atractivo á bilheteira.

Foi perante estas limitações e estas loucuras financeiras que alguns jovens cineastas decidiram ao que se pode considerar o «artesanato» no cinema.

O realizador é na maioria dos casos também o autor do guião. Filma em qualquer lado, na rua, nos parques, no seu próprio quarto ou na casa de um amigo. A equipa técnica é reduzida ao mínimo. Evita os estudios e a construção de cenários. Contrata jovens comediantes desconhecidos ou pouco conhecidos que aceitam sem exigências as suas opiniões e o papel que lhes destina. Filma á sua vontade o que quer. A história não sofre nem censura, nem cortes nem deturpações...

O «Beau Gerge», realizado graças a uma herança que Chabral recebeu recentemente e que investiu totalmente, custou 35 milhões de francos. «On n'enterre pas de dimanche», que acaba de ser premiado com o «Prémio Louis Dellus», custou 25 milhões.

Jovens para quem o cinema não devia ser uma linguagem rebuscada, mas sim natural, armaram-se de uma camara portátil e meteram mãos á obra, recusando-se a «apodrecerem» 10 ou 15 anos como assistentes dos grandes realizadores. Eles próprios escolhem os seus assuntos. Não têm complexos, nem receiam medir-se com aqueles que desde há longo tempo frequentam os estudios e as empreitadas cinematográficas. Atiram-se de cabeça para o barulho.

Críticos jovens que aprenderam a linguagem do cinema frequentando as cinematecas decidiram, por seu turno, exprimir-se pela imagem. E vencem pois «Le Beau Suge», «Les Cousins», «400 coups», «L'eau á la bouche» entre outros são grandes êxitos.

Comediantes que teriam normalmente esperado e marcado passo durante cinco ou dez anos como figurantes, tornaram-se célebres dum dia para outro.

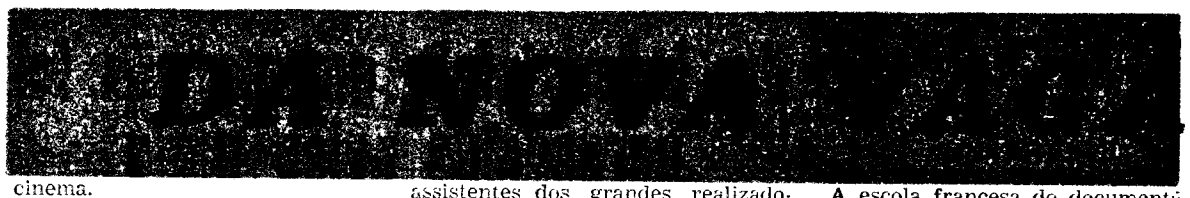
Michelle Merritz notabiliza-se no «Beau Gerge», Jean-Claude Brialy e Gerard Blain impõem-se. Phillippe Mory, «barman» para poder prosseguir os estudos de arte dramática, é o heroi de «on n'enterre pas de dimanche», e obtem imediatamente um papel importante num palco.

Entretanto, os não profissionais são muitas vezes preferidos aos próprios principiantes. Todos os intérpretes de «Pickpocket», de Bresson assim como ao ultimo filme de Jacques Becker «Le Frou» não são profissionais. Trata-se, contudo de um caso particular pois não se pode falar realmente de «concorrência desleal».

Todavia é curioso o facto de, segundo o Sindicato dos Actores de França, é comediante todo o acto capaz de «dizer» o seu papel. Nada mais lhe é exigido.

*

Mas o movimento «nova vaga» não se limita aos filmes chamados de ficção. Vai até ao documentário. Um etnógrafo chamado Jean Rouch filma «Moi, un Noir» com uma camara de 16 mm. Olho no visor, vai registando o som num magnetofone portátil. O seu objectivo é passar o mais despercebido possível entre os Negros ao Abidjan, confundindo-se com eles, amigávelmente, discretamente ,para os surpreender o mais que lhe for possível na sua vida natural. Quer ser um branco descobrindo o pitoresco dos negros. Quer identificar-se com ele e descrevê-lo, de dentro para fora.



A escola francesa do documentário etnográfico afastando-se do modelo «museu do homem» combate todas as mistificações e mentiras dos filmes como «O continente perdido».

*

A nova vaga pode realmente ser considerada como uma etapa essencial da libertação artística do cinema, um passo mais para a verdade profunda tanto das faces como dos corações e isso a despeito da existência já de alguns exageros como «La main chaude» como um exemplo de quase sempre o melhor estar perto do peor.

Mas claro que o peor existe sempre. E' apenas do melhor que devemos falar como «Moi em Noir» e «Loo coups» que tanto gortaria ros de ver nos cinemas de Lisboa.

Graças de facto á «nova vaga» e sem que por isso Hollywood e a Cinetá renunciem aos seus espectáculos de Folies-Bergère cinematográficos, o homem verdadeiro aproxima-se cada vez mais dos seus problemas. O autêntico e também os verdadeiros e reais ambientes dos países, dos campos e das cidades.

Com ele também os horrores dos ódios raciais e da segregação são combatidos humanamente.

Falemos, portanto, da «Nova vaga» e vamos aplaudindo tudo quanto, como esse util movimento, ajude o homem a melhorar-se e a conhecer melhor o seu irmão.

TRAGÉDIA DUM PATRIOTA QUE ERA "ESTRANGEIRADO"

Já nos finais da guerra, quando o poderio napoleónico começou a esboroar-se, Gomes Freire de Andrade foi feito prisioneiro pelos austríacos, em Dresde. Era então comandante desta praça forte. O cativeiro durou seis meses; a 10 de Junho de 1814, restituem-no, finalmente, a Paris, «roto, esfrangalhado e pobre como Job». De Paris passa a escrever com assiduidade ansiosa ao seu maior amigo, António de Sousa Falcão, pedindo-lhe ajuda financeira e informações sobre os obstáculos com que, porventura, depararia o seu projecto de regresso a Portugal. Numa dessas cartas, das ultimas, senão a ultima, encontramos documentada a hipótese posta no final do meu ultimo artigo sobre as causas que levaram Gomes Freire a seguir na Legião Portuguesa; os leitores recordarão o caso: admitia eu que Freire de Andrade fora fulminado pela desorientação ou indiferença que as palavras de D. João, principe regente, dirigidas ao país, antes de o abandonar, provocaram.

Vale, pois, a pena seguir a parte da carta de Gomes Freire que se refere aos acontecimentos anteriores á sua saída de Portugal, rumo a França. Diz ele:

«Pouco antes que o Duque de Sussex voltasse de Lisboa para Inglaterra, fui por via delle convidado pelo Governo Inglez de pôr por escripto as minhas idéas sobre o modo de defender Portugal contra uma invasão e qual seria o partido que se poderia tirar do exército portuguez, no estado de decadencia em que se achava; fiz o que se me pedia, o Duque levou a memoria que eu tinha feito para Londres e, pouco depois da sua chegada ali, mandou-me dizer que a tinha entregue ao Ministro Pitt, e que a seu tempo me mandaria noticias circunstanciadas a este respeito! Eu tinha uma correspondencia seguida com o Duque de Sussex e bastante interessante; porém elle recomendou-me que tivesse cuidado de queimar as suas cartas, o que sempre fiz. Continuei a corresponder-me com elle até a epocha em que os Inglezes sahiram de Lisboa, e, com elles, a pessoa por via de quem recebia as suas cartas e mandava as minhas.

«Desde esta epocha deixei de escrever-lhe, e de receber noticias suas; porém, pelos movimentos do exercito Inglez e Portuguez, que tiveram depois lugar, vim no conhecimento (particularmente pela sua marcha a Madrid) que o meu plano não tinha sido esquecido, pois era o meu parecer que os exércitos entrassem em Herpanha primeiro que o inimigo entrasse em Portugal, e, debaixo desta disposição, tinha indicado todas as posições que deviam tomar a fim de se dirigirem a um mesmo tempo para a capital, tanto do Alentejo, como de Traz os Montes e da Beira, e, finalmente, indicava, caso que Portugal fosse invadido, as posições que deviam ocupar para cobrir Lisboa, e, portanto, fiquei na certeza que se tinha aproveitado do meu plano aquillo que podia servir, nas circunstancias em que se achava então Portugal.

«Em 1807 fui mandado para Setubal, encarregado da defesa da margem esquerda do Tejo; pouco depois foi-se o Principe para a América e fiquei sem instruções, e a tropa que tinha comigo sem ser paga: como pensava que os Inglezes fariam um desembarque, procurei conservar a tropa que tinha, e como o Governo proporcionava a ocasião de poder mexer nas tropas que se achavam nestas duas provincias, e saber quanta gente havia, e aonde se achava; mas como tanto os Hespahois como os Portuguezes eram pagos pelos Francezes, e que estes queriam para si todo o dinheiro, lembraram-se de mandar dar licenças registadas aos Portuguezes e de não pagarem senão poucas vezes aos Espanhoes, de que resultou que, dos primeiros, não ficassem senão os officiaes, e que os segundos andassem pingando de miseria. Foi-se o General Solano com a sua tropa e sucedeu-lhe em Setubal o General Kellermann, quando recebi ordem de voltar a Lisboa, pois tinha sido nomeado General da 2.ª Divisão das tropas que marchavam para Espanha.

«Conheci que esta nomeação não era senão um meio de que se uzava para tirar-me de Portugal; porém, como até então os Inglezes não tinham dado sinal de si, e em Portugal toda a gente andava como pasmada e com uma tal desconfiança uns dos outros que teria sido imprudente abrir-se a alguem, assentei que, para não separar-me da tropa, não me restava outro meio senão seguil-a; mas, fosse acaso ou fosse premeditado, não me deixaram partir com ella, e fui mandado a Extremoz e Elvas para inspeccionar a tropa que ali se achava. Acabada a inspecção, voltei para Lisboa, aonde finalmente recebi ordem para seguir a Divisão.

«Parti! Porém demorei-me, sob varios pretextos, perto de 8 dias em Aldéagalega, e, não podendo já ficar ali sem cauzar suspeita, encaminhei-me para o Alemtejo, gastei 6 para 7 dias até Badajoz (esperando que os Inglezes fizessem algum movimento), passei dali para Alcantara, aonde estive 4 dias, etc., etc.».

OS MANDARINS, O TARTARO e o Chinês

por AUGUSTO DA COSTA DIAS

não cuidava em pagal-a (para evitar que me desertasse) consegui do Corregedor de Setubal 6 mil cruzados que elle devia mandar a Lisboa, do rendimento da comarca. Esta providencia foi depois aprovada pela Regencia. Chegaram os Francezes a Lisboa, fiquei quasi 15 dias sem receber ordem alguma, nem da Regencia nem do General Junot; deixei-me estar, até que finalmente recebi uma carta do Conde de Sampaio, pela qual me ordenava que entregasse o comando da tropa ao official meu imediato, e fosse, immediatamente a Lisboa apresentar-me ao General Junot, pois os Senhores Governadores do Reino esperavam da minha pessoa que executaria esta ordem! (logo me achavam com cara e vontade de faltar a ella). Falei com o General Junot, que me tornou a mandar para Setubal, dizendo-me que esperasse ali o General Solano com a tropa hespanhola e vivesse com elle em paz e harmonia! Chegou a Castelhanada e logo vi que não vinha senão para fazer papel de velho de entremez, que, no fim da peça, sempre fica logrado! Incumbio-me o General Solano das tropas do Alemtejo e Algarve; estimei esta comissão que me

(Continua na 10.ª página)

No seguimento desta longuíssima carta, Gomes Freire de Andrade relata as diligências que fez em Espanha para que os «resistentes» (já nessa altura se chamavam (partisans») do país vizinho lhe dessem transito para regressar a Portugal; indica-nos, igualmente, os contactos que, em Paris, manteve com o Imperador da Russia, por intermédio do Conde Strogonoff, a fim de que lhe «facilitasse os meios de tornar para o seu exército, esperando poder voltar, por este modo, para Portugal».

Nenhuma destas tentativas alcança qualquer êxito e, de futuro, só lhe resta negar-se a que o incorporem nas tropas francesas que in-

O LIVRO DE BOLSO

Uma biblioteca completa de obras de ficção, de viagem, de história, de arte e literatura

Livros de grande categoria, em textos integrais e a baixo preço

Volumes publicados:

O HOMEM E O RIO
por Wm. Fauiknev
(prémio Nobel)

2 — A VELHA FRANÇA
por R. Martin du Gard
(prémio Nobel)

3 — O ATALHO DOS NINHOS DE ARANHA
por Italo Calvino
(prémio Bagutta)

4 — SERIOJA
por Vera Panova

5 — UM HOMEM DO POVO NA REVOLUÇÃO
por Roger Vailland
(prémio Goncourt)
primeiro volume da série **O LIVRO DE BOLSO HISTÓRICO**

PRÓXIMOS VOLUMES:

IDA E VOLTA (A PROCURA DE BABBIT)
por Ilse Losa
O CORREDOR — por Jean Reverzy
CONSIDERAM-SE MORTOS E MORREM
por Elio Vittorini
AMOR E DINHEIRO — por Erskine Caldwell
SUÃO — por Antunes da Silva
O RETRATO — por Nicolau Gogol

PORTUGÁLIA EDITORA

MODERNO

Tendo prestado pequenos serviços a Hitler na época em que este vagabundeava por Viena, um comerciante israelita austríaco beneficiou, após o Anschluss, de um tratamento de favor da parte dos nazis.

Suspeito por esse facto aos olhos dos seus correligionários, a vida tornou-se-lhe insustentável e foi obrigado sucessivamente a abandonar a América, a Austria e Israel.

Um judeu infeliz porque não foi perseguido pelos nazis

VIENA, 1959 — Do correspondente particulr:

Seis milhões de Judeus foram exterminados na Europa pelos Nazis, outros perderam os seus bens e a situação que disfrutavam; outros ainda sairam moribundos dos campos de concentração.

Há, no entanto, um israelita cujo drama consiste — por mais extraordinário que isso pareça — em não piores aborrecimentos e há 20 anos ter sido perseguido pelos Nazis. Pelo contrário, foi tratado por eles com todo o respeito. Esse «tratamento de excepção» valeu-lhe da parte dos seus correligionários, os que o heroi desta bizarra aventura procura saber o motivo da sua infelicidade.

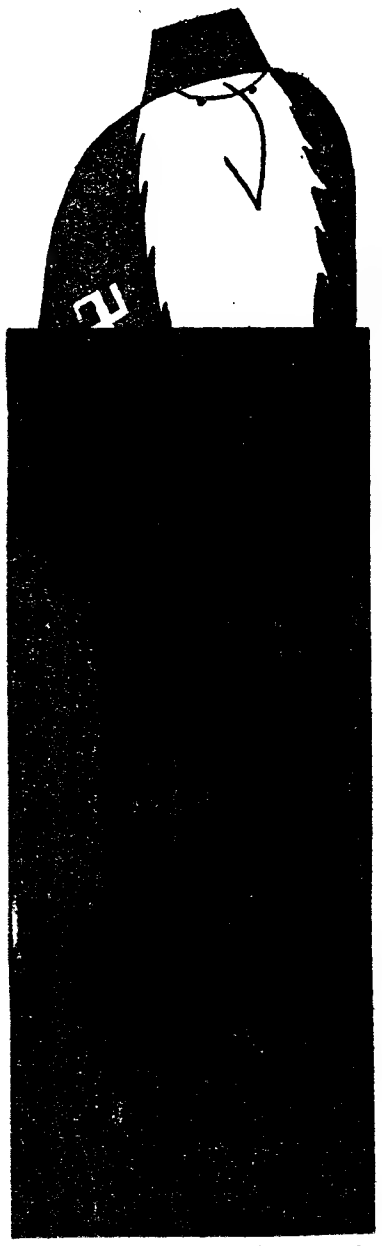
O processo está em ordem, pode prosseguir na sua profissão

Chama-se Adalbert Weissberg e até ao Anschluss era comerciante em Viena, sua cidade natal. Desde aquele dia de Março de 1938, em que a cruz gamada flutuou sobre a antiga capital da dupla monarquia, Weissberg, como todos os Israelitas, começou a viver cheio de receio. Mas quando a primeira inspecção de licenças de comerciantes e artífices judeus foi levada a cabo pelos «camisas castanhas» o nosso homem recebeu sem qualquer dificuldade a autorização necessária.

...E os seus filhos nos estudos

— Weissberg, Adalbert, — disse o funcionário nazi examinando os seus documentos e depois de olhar uma lista que se encontrava em cima da secretária — o processo está em ordem. Pode continuar a exercer a sua profissão.

O comerciante nem queria acreditar no que ouvia e saiu estupefacto da sala, perguntando-se se aquele favor não seria devido ao seu tempo de serviço durante a guerra 1914-18.



Tinha cumprido apenas honestamente esse serviço, sem nada de especial, enquanto outros correligionários, feridos várias vezes em combate e com várias condecorações, não tinham escapado aos vexames.

Na semana seguinte, foi a vez dos liceus serem «expurgados» dos alunos israelitas. Weissberg estava persuadido de que os seus dois filhos estariam entre os primeiros eliminados.

Nada disso se passou. O professor nazi encarregado dessa missão quando chegou aos seus nomes consultou subitamente uma lista antes de perguntar.

— O vosso pai é, com certeza, o comerciante Adalbert Weissberg?

— E' sim senhor.

«Liberto-o porque ele é seu amigo»

— Então de futuro passarão a sentar-se na ultima fila da aula, mas podem continuar os estudos.

Intrigado com estes factos, o comerciante conversou com os correligionários e um deles, preso uma noite pela Gestapo, telefonou-lhe, suplicando-lhe que o tentasse salvar.

— Senhor Obersturmtuber — disse Weissberg, acorrendo á sede da Gestapo, N... é boa pessoa, que perdeu um braço na guerra de 1914.

— Quero lá saber! Não cedeu o seu negócio a um ariano como deveria ter feito.

Weissberg saia já quando o nazi, levantando a cabeça, lhe perguntou:

— E' seu amigo?

— O meu melhor amigo.

— Então vou libertá-lo, mas diga-lhe para se pôr em regra com a lei dentro de 24 horas.

Perseguido pelo ódio

A notícia destes «milagres» deu a Weissberg uma reputação de suspeito. «Anda metido com os nazis» — diziam, todos, salvo quando tinham necessidade dele. Mas evitavam-no proibindo os filhos de brincar com os dele.

— Vamos emigrar — decidiu então.

Ainda desta vez teve tratamento de favor e nos princípios de 1939 obteve o passaporte num tempo «record». Partiu para os Estados Unidos, via França. Mas a sua fama de «suspeito» e «amigo dos nazis» acompanhou-o.

Voltando a Viena em 1947 a vida aí tornou-se-lhe impossível. Os sobreviventes judeus receavam dirigir-lhe palavras. Não queriam falar-lhe. Voltou a emigrar agora para Israel, mas o ódio continuou a segui-lo.

O Judeu errante

Desesperado Weissberg que tem agora 65 anos e chegou á conclusão da impossibilidade de continuar em Israel, voltou a Viena e contratou um detective particular. Este depois de um demorado inquérito descobriu a provável explicação dos «milagres» de 1938-39.

*

Antes de 1914, o comerciante tinha conhecido em Viena Hitler e tinha-lhe prestado alguns favores, emprestando-lhe dinheiro que nunca mais tinha sido pago. Sabe-se que Hitler, aliás bastante ingrato para os seus amigos nos dias maus, fez sempre uma excepção para os ex-companheiros dos tempos de Viena. Tudo leva a crer, portanto, que um dia tenha indicado o nome de Weissberg como devendo ser «poupado», indicação que seria suficiente para lhe garantir um regime de favor.

Esta explicação, que não deixa de parecer verosímil, terá bastado para pôr ponto final na hostilidade que persegue há 20 anos o infeliz comerciante, garantindo-lhe finalmente uma velhice tranquila?

NEM SEMPRE A MULHER FOI O ANJO DO LAR

(Continuação da 1.ª página)

As «garotas» da época subiram as escadas do Parlamento.

Não mais foi preciso para que um grupo de mulheres cheias de entusiasmo se formasse. E contra todos os protestos, elas ocuparam, estratégicamente, diga-se de passagem, as cadeiras da Universidade. Os homens formavam alas. Não deitaram no chão as suas capas para que elas passassem... Não. Receberam-nas com furia e apupos, impropérios que nos envergonhamos de escrever aqui e... bolas de lama. Tudo isto usado e abusado, sob os olhares complacentes da Polícia que preferiam simplesmente não tomar partido e apenas ver em que ficavam as modas.

Mas a moda estava lançada. A plácida Inglaterra viu-se e desejou-se com tal movimento feminista. Nada menos que 3.000 representantes do sexo frágil aderiram ao movimento. E um belo dia, sob os olhares estupefactos dos homens, elas saíram para a rua, formadas militarmente, ao som do rufar de tambores. Nesta altura... surge a Polícia. Pânico entre as fileiras: algumas, agarrando as compridas saias, saltam os gradeados dos jardins, em busca do fresco do arvoredo; outras, um pouco mais animosas, não tendo gradeamentos para escalar, atacam os polícias; algumas atravessam o Tamisa, a nado e uma outra, cheia de espírito de sacrifício, lança-se debaixo das patas de um cavalo... e morre.

Os jornais, já então ávidos de notícias sensacionais, alimentam-se destas reportagens, durante anos.

Contudo, apesar dos protestos, o movimento continua. A bem ou a mal, as mulheres iam coleccionando vitórias. Como vingança, os homens iam recuando estratégicamente, representando estas lutadoras como mulheres feias, velhas e incasáveis, de sapatos cabados e roupas masculinas, como qualquer inglesa de exportação que se preza. E vingavam-se, considerando que estavam «ganhando moralmente» como no futebol.

Mas, nem todas elas eram feias e incasáveis como os homens as queriam representar. Algumas casaram com esses mesmos «botas de elástico» e fizeram-nos comer lume, como é o caso da senhora a quem o marido tirou os filhos.

Feias ou lindas, velhas ou jovens, prosseguiram no caminho justo encetado, empunhando as unicas armas que tinham licença para usar: os inofensivos chapéus de chuva. E tão bem os usaram que depressa viram abrir-se-lhes as portas dos teatros, das reuniões políticas, dos museus, dos «cafés».

Algumas delas, detidas, fizeram a greve da fome. Libertadas, voltam a fazer-se prender.

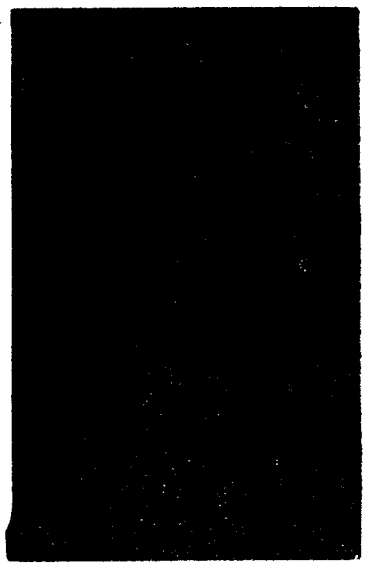
O tempo passa. Em 1913 são já 40.000, só na Inglaterra, percorrem o país, entoam canticos de guerra e levam estandartes. Eram já tantas, que um ministro, histérico, grita esganiçadamente: «Ou as matamos todas ou damos-lhes razão!».

Deram-lhes razão, prudentemente.

Por esta altura —, poderosa aliada — a Grande Guerra explodiu. Todas essas insuportáveis mulheres, acusadas de perpetrar a decadência do país, vão revelar-se as pessoas capazes de substituir os homens em todas as suas tarefas. Exortam as mulheres a deixar os lares e a fazer as tarefas dos maridos mobilizados. O Governo sabe que precisa destes frágeis braços, para que o trabalho prossiga, para que se lute pela vitória. O próprio Lloyd George, velho adversário das sufragistas, confessa-se vencido. «Noblesse Oblige» — teria ele confessado, ao ver aquelas saias invadirem todos os escaninhos da nação, até aí apenas permitido aos homens. Fazem-se deputadas, ministras, o diabo que lhes dá na real gana. Vão a todos os cargos e desempenham-nos com perfeito á vontade.

Acaba a guerra. E aí temos o «sexo forte» cheio de reconhecimento, de compreensão e boa vontade, reclamando, de resto com autentico espírito de cavalheiros, que voltem á tranquilidade dos lares, a fim de evitarem o desemprego. Este mesmo argumento é usado, com equivoca eficácia, no final da segunda Guerra Mundial. E porque algumas tenham feito ouvidos de mercador e continuem a lutar pelos seus direitos, o homem vai perdendo terreno. Por vezes, com íntimo regozijo, porque nem todas são velhas, feias e incasáveis. Muitos, confiados pelo menos na comida desidratada, auxiliam este movimento de libertação; não receiam que elas lhes façam sombra ou, simplesmente... sopa com bispo.

M. H. C. D.



Conforme a Imprensa de todo o Mundo se fez eco a encantadora pequena de 11 anos que vemos, tão contente, na foto, conheceu, no prazo restrito de meia hora, duas vezes a morte e também por duas vezes foi ressuscitada, graças á equipa médica da clínica francesa de Val d'or, em Saint-Cloud.

A pequena Ana Maria tinha naquele dia ficado em casa para fazer um certo tratamento que sua mãezinha cuidadosamente, lhe indicara ao sair:

«Tomas apenas três comprimidos»...

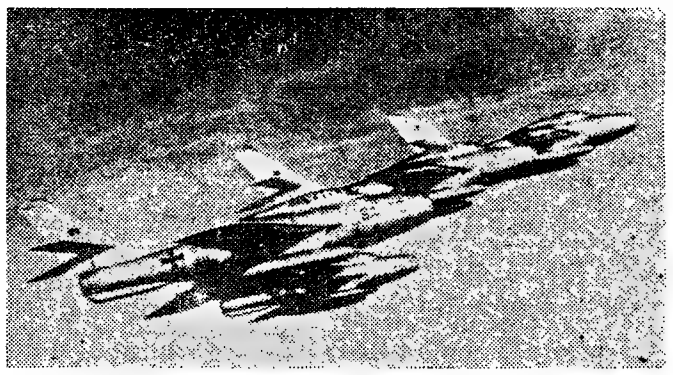
Mas a criança, que não compreendera bem a recomendação, engoliu todo o conteudo do tubo. Passados alguns minutos caiu com uma síncope.

Transportada de táxi á clínica, a criança deixou de viver quando acabava de chegar; ás 9 horas e 30 minutos o seu pequeno coração deixou de bater. Quando um enfermeiro entrou na sala das operações transportando o pequeno cadáver, um cirurgião estava precisamente a preparar-se para fazer outra operação. Rápidamente rasgou com o bisturi os vestidos da criança, abriu a caixa toráxica e começou a maçajar o coração enorte. A's 9,41 h. o musculo pulsava e retomava pouco a pouso o seu ritmo fraco. Mas ás 9,55 parava de novo. O cirurgião continuou a maçagem e aplicou um pouco de adrenalina no próprio coração.

E ás 9,59 h. a vida reaparecia, mais uma vez, naquele corpo jovem. Mas o sangue da criança estava envenenado e por isso foi preciso fazer uma lavagem completa (transfusão total).

A encantadora Ana Maria está agora completamente restabelecida e brinca já, normalíssimamente, com a sua irmãzinha Chantal para encanto de sua mãe, dos seus e glória da ciência.

Segunda edição



Segunda edição de uma obra de terror de que se consumiram milhares de exemplares, entre 1939 e 1945

Folhetim semanal do Diario de Lisboa

REGRESSO PERIGOSO

Novela do Oeste por WHIT HARRISON

VI CAPITULO

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Quando Nick Baylor regressa a casa, ansioso por tornar a ver a mulher, após um período de ausência e trabalho árduo, é confundido com um assaltante do Banco de Deer Lake e metido na prisão. Enquanto Nick se encontra preso, ocorre um segundo assalto. O xerife Cardel permite que Nick acompanhe o grupo que persegue os assaltantes. Os bandidos são localizados, finalmente, mas ninguém se pode aproximar, sem risco da vida, do celeiro onde se refugiaram. Não há grandes esperanças de poder apanhá-los tão cedo, até que Nick propõe um plano que envolve o uso de papagaios de papel.

OS ASSALTANTES

Cardel passou a mão pelo queixo, repetidas vezes.

Olhava os dois papagaios de papel e as suas caudas embebidas em alcool... Depois, desviou a vista para os seus homens que esperavam, dispostos em círculo, e acabou por relancear o celeiro.

— Como é que espera fazer subir os papagaios?

— Amarrados no fim de uma corda! — respondeu Nick.

Cardel contraveio. — No entanto, eles têm de subir e de se manter, no ar. Para isso, terás de entrar no campo aberto.

— Os bandidos matam-no, se ele se atreve a entrar no campo aberto — disse o dono do jornal.

— Provàvelmente — concordou Nick. — No entanto, aí é que está a esperteza dos Chineses que inventaram este processo! Se eu me dirigir para um lado... longe do celeiro e através do campo, e o xerife se colocar no outro lado, também suficientemente longe do celeiro, para não estar ao alcance das suas armas, eles não dispararão. Não dispararão, até avistar os papagaios de papel, no ar... e, então, será demasiado tarde!

O xerife resmungou. — E' como se estivesses a vender um cavalo coxo... E como se eu o fosse comprar!

Montaram os cavalos menos estafados e amarraram as cordas aos seus pulsos.

— Vamos deixar que o vento transporte os papagaios de papel até ao celeiro e que sobrevoem o telhado — disse Nick. — E temos de andar depressa.

— Estou impaciente por isso — declarou o xerife.

Nick olhou os homens que deveriam segurar os papagaios até ao limite das árvores. — Logo que nós fizermos subir as cordas, deitarão fogo ás caudas dos papagaios. O vento impedirá que os trapos ardam depressa e quando estiverem sobre o celeiro... — ele levantou os ombros.

Cardel olhou-o. — Boa sorte, rapaz.

— Com certeza — disse Nick. A sua voz era amarga. Os seus vizinhos em Dry Lake chamavam-lhe o homem dos livros: o homem que sabia a data em que os Vikings tinham chegado, pela primeira vez, á América e a maneira como os Chineses combatiam — mas não como dirigir um rancho, em tempo de seca.

Chegaram ao limite das árvores. Nick olhou para cima. Os papagaios de papel começavam a subir com as suas caudas em fogo.

Não veio nenhum tiro do celeiro.

Os papagaios não avançavam direitos ao celeiro, mas num angulo distante, em voltas errantes.

Nick segurou o papagaio puxando repentinamente a corda. O objecto deu uma reviravolta rápida e impulsionado, bruscamente, como um pássaro incandescente, foi tombar no telhado seco do celeiro.

O incêndio começou, de um momento para o outro. Chamas alaranjadas ergueram-se, tomaram altura.

Fascinado, Nick parou o seu cavalo, observando o fogo que alastrava com rapidez. Os tiros, vindos do celeiro, despertaram-no dessa contemplação. Os bandidos procuravam alvejá-lo.

Puxou o cavalo para trás e dirigiu-se para o arvoredo. Quando chegou junto do grupo de homens, organizados pelo xerife, o fogo consumia gradualmente o telhado do celeiro e começava a atingir as suas paredes.

O xerife dava ordens. — Vamos cercar o celeiro. Estejam de atalaia e não os deixem passar. Eles tentarão «furar» o cerco.

— Dou-lhes mais uns minutos de estadia, naquele celeiro — avaliou Nick. — Depois, preparem-se para a sua saída! Creio que será um «trabalho» árduo.

Cardel inclinou-se. Dispusera os seus homens no limite do arvoredo, em torno do celeiro, em chamas, e mandara-os avançar, a pouco e pouco.

O fogo prosseguia. Erguiam-se espirais de fumo.

O xerife correu para o campo e bateu fortemente as mãos.—Oiçam, vocês, aí! Entreguem as vossas armas e não os mataremos. De outra maneira, não conseguirão romper o nosso cerco!

A resposta veio: uma série raivosa de disparos. No entanto, Nick tinha razão. Pouco depois, a porta do celeiro abria-se. Dentro, avistavam-se nuvens espessas de fumo, cinzento-escuro. Dois cavalos, surgiram esbaforidos, a correr, soltando agudos relinchos.

No instante seguinte, um homem soltou um grito, no celeiro, que os tiros alvejavam, metódicamente. Depois, dois homens sairam aos tropeções, com os seus casacos sobre as cabeças, tossindo.

Cardel soltou um grito de alegria e, com um sinal, mandou avançar os homens. Estes avançaram, com exclamações de contentamento e vitória. No entanto, as exclamações cessaram, instantaneamente, quando reconheceram que um dos homens era Talbot Wells, o banqueiro.

O silêncio prolongou-se. O espanto era enorme. O outro homem correspondia á descrição que as testemunhas tinham feito do quarto assaltante do Banco. Ele próprio disse que se chamava Buck Rawson e que tinha participado em ambos os assaltos.

Lançaram os sacos de dinheiro aos pés de Cardel.

— Mas você, Mr. Wells — espantava-se ainda o xerife. — Não posso acreditar. Nenhum de nós pode acreditar!

— Eu acredito. — Nick passou a mão pelos lábios. — Ele queria ver-me enforcado para que ninguém soubesse que eu não tinha tomado parte no assalto. Pela mesma razão, tentou matar-me na prisão de Deer Lake... para conseguir isso e para nos distrair, enquanto tornava a assaltar o Banco. Ele tinha de conseguir este dinheiro!

O dono do jornal olhava para Talbot Wells. — Mas, porquê? Porquê, Mr. Wells? Um homem como o senhor que quase era dono da cidade!

— Talvez isso fosse o seu problema. — disse Nick.

Talbot Wells não respondeu. Olhava fixamente o grupo de homens.

— Ele possuia muitas coisas, mas pedira muito dinheiro emprestado. Não podia manter o Banco por mais tempo. Não é verdade, Mr. Wells? Não foi por isso que não pôde pagar o que devia á mina de cobre?

— Eu fiz isto — disse Wells, friamente. — A razão não importa.

No escritório do xerife, em Deer Lake, Nick readquiriu a sua sela e os seus quarenta dólares.

Cardel entregou-lhe um envelope, contendo dinheiro. — E' a importancia do prémio. O banco oferecia-o a quem capturasse os seus assaltantes. Mal sabiam o fim disto tudo... As pessoas da cidade acham que o prémio lhe pertence.

Deram-lhe também um novo cavalo. Sabia que era uma superstição, mas evitou o caminho através das montanhas.

Na manhã seguinte, chegou ao seu rancho. Chegaria a tempo? Com nervosismo, apertava as mãos. Agora, podia pagar o médico de que Jeanie necessitava.

A porta da casa abriu-se.

Jeanie corria pelo campo — uma radiosa e bela Jeanie. Trazia alguma coisa nos braços.

Nick saltou do cavalo e foi ao seu encontro. Corria. Não se sentia cansado, nem aborrecido, nem receoso. Estava em casa e Jeanie encontrava-se bem.

Beijou-a, demoradamente.

— O bebé — disse ele, por fim. Soltou uma gargalhada de alegria

— Deixa-me ver o meu filho.

Jeanie sorriu e afastou o xaile que quase cobria o rosto da criança.

— Dê as boas-vindas ao seu pai— murmurou Jeanie. Os seus olhos brilhavam. — E também lhe deves dizer que não és um rapaz turbulento, mas uma bonita menina...

FIM

Lembrança de Jesus

A sombra da imensa Cruz que se ergueu no alto do Calvário, onde o corpo de Jesus expirou — prisioneiro da sua própria vontade — projecta-se, eternamente, sobre o Mundo, sobretudo nos dias tristes e lugubres da Semana Santa, em que a atmosfera se sente mais pesada, em que as aves voam, mais baixo, em que os corações se oprimem presos em seculares cadeias!

A lembrança de Jesus Cristo, a sua extraordinária figura de homem, que legou ao Mundo uma maravilhosa doutrina de paz e de perdão, jamais pode ser esquecida!

Amargurados pelo cansaço, pelo tédio, pelos agravos da vida, quantas vezes nos esquecemos de seguir o seu divino exemplo e nos entregamos ao ímpeto desabrido das nossas revoltas!...

E Cristo é a voz que responde sempre ás nossas mudas interrogações, é a força espiritual com a qual devemos sempre contar, nas horas em que o sofrimento se torna mais intenso.

Mais tarde ou mais cedo, Ele estará connosco.

A simplicidade, a doçura, a resignação com que Jesus aceitou a dor e a ignomínia, deveriam representar — para todas as existências mortais — as páginas admiráveis de uma cartilha unica e divina — cartilha que deveria ser decorada pelas almas com o mesmo firme entusiasmo com que aprendemos a ler.

Não teremos nós a elevação espiritual, de suportar com um sorriso todas as provações que a vida nos oferece?! Certamente, não! A nossa condição humana é rude, impetuosa e exige da vida — imperiosamente — aquilo que ela raramente distribui: — a felicidade!

Julgamos, muitas vezes, alcançá-la mas quando sentimos que ela é uma bola de sabão, rolando e esgueirando-se entre os nossos dedos ávidos, para se perder nos abismos do infinito — blasfemamos, gritamos, revoltamo-nos e, no espaço de um minuto, esquecemos, completamente, a maravilhosa lição de Jesus Cristo!

Se da vida, nada mais exigissemos do que o pão de cada dia e esse pão fosse dividido irmãmente, em quantidades iguais, — que tranquila seria a vida, dando-nos tempo e ambiente para gozarmos os ideais da elevação espiritual, com amor, com justiça e o claro objectivo da existência humana, no seu alto sentido verdadeiramente cristão! A harmonia do Universo, o encanto fascinante dos seus mistérios, as nebulosas do passado, a rota maravilhosa da viagem pelo Mundo — tudo seria motivo para nos encher a vida de encantamento e de beleza!

Para isso, porém, era indispensável que a Humanidade fosse constituida por santos ou poetas!...

Assim, cessariam as inquietações e o desejo de querer ultrapassar o nosso vizinho — esquecendo-nos de que ele é, afinal, nosso irmão, filho do mesmo Deus, feito do mesmo barro frágil, sujeito ás mesmas leis, ás mesmas condições de existência!

O que mais falta, na vida, é solidariedade. De pouco vale frequentar, assiduamente, igrejas, cumprir á risca, todo o ritual religioso, se o coração se põe de parte e se, nas orações, não entra a chama do amor humano!

Jesus Cristo não reclama, apenas, a nossa presença na casa de Deus. Ele quer que o coração, a sinceridade e a solidariedade cristã, nos acompanhem, em todos os actos, em todos os gestos, em todas as atitudes. Ele foi sincero e puro: por isso imortal! Não tenhamos nós a veleidade de querer igualá-lo! Devemos, no entanto, tentar imitá-lo e jamais pensemos que podemos iludi-lo, embora a nossa aparência seja humilde e o nosso olhar contrito...

Ele lê até ao fundo das nossas almas! Ele perscruta o nosso coração, os nossos mais íntimos sentimentos E a nossa humildade só pode ter valor, se representa revelação de verdade divina, aceitada com a dignidade e o respeito que devemos a nós próprios. Se a usamos como vestígio da nossa fraqueza moral ou espiritual, tornando-nos rasteiros e roçando o rosto na poeira dos caminhos — então perde todo o elevado sentido que ocupa no seio das virtudes cristãs.

Quando Jesus adivinha que desejamos, sinceramente, aproximarmo-nos d'Ele, Ele sabe conduzir-nos á Redenção, entrando na nossa própria consciência.

E' profundamente importante que não ignoremos a nossa própria alma. A vida obriga-nos, muitas vezes, a preocuparmo-nos mais com o corpo do que com a parte espiritual que ele encerra!

E assim, esquecemo-nos que os nossos gestos e atitudes censuráveis, são quase sempre, o efeito de uma alma pouco vigiada e pouco orientada! E, no entanto, a alma é a parte mais importante de nós próprios, aquela que subsiste, aquela para cuja vida não existe o limite da morte, pois prossegue para além dela, nos horizontes ilimitados da eternidade, traçando a sua rota de libertação infinita!

* * *

Ofereçamos a elevação das nossas almas e a sinceridade das nossas convicções de humildade cristã, Aquele que, por nós, morreu na Cruz!

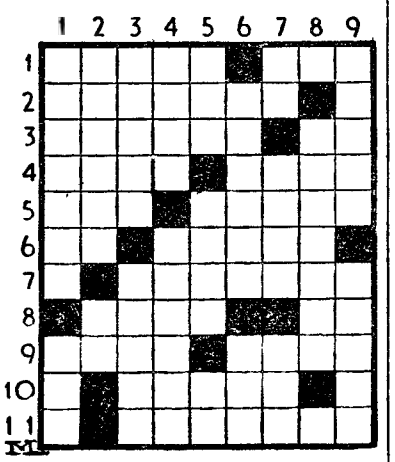
Na Cruz, que foi a reconstrução do nosso Mundo, que nos invoca a vitória do Bem sobre o Mal e a cuja sombra universal é tempo de nos habituarmos a pensar, sèriamente na verdadeira pureza das nossas almas.

GRACIETE BRANCO

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1939



HORIZONTAIS: 1—Nivelar. Partida. 2 — Gabar. 3 — Arremedar. Zomba. 4 — Espécie de enguia. O que. 5 — Reze. Arqueado. 6 — No caso de. Julgo. 7 — Abrasar. 8 — Historiador alemão que em 1787 escreveu a «História dos Jesuítas em Portugal sob a Administração de Marquês de Pombal». Preposição. 9 — Ou. Épocas. 10 — O mais genial poeta da Itália. 11 — Juntasse.

VERTICAIS: 1 — Tímido. O qual. 2 — Torne loiro. Mulo. 3 — Bafeje. Inclinação. 4 — Diferença entre o valor nominal e o real das moedas. Aprisco. 5 — Braço de mar. Supor. Símbolo químico do níquel. 6 — Arrostei. Nome de letra grega. 7 — Frequentar. Adorno usado pelo supremo sacerdote dos Judeus em cerimónias importantes e de interesse publico. Rasteiro. 8 — Bando de aves em voo. 9 — Coragem. Sobre.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1938

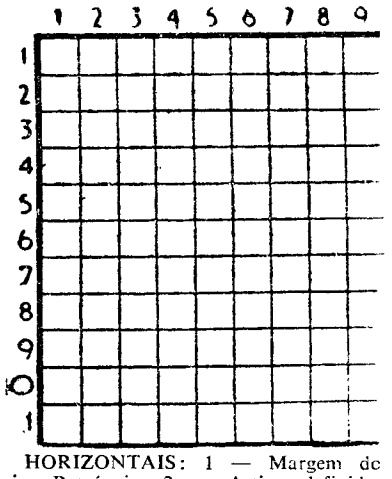
HORIZONTAIS: 1 — Óleo. Afra. 2 — VELHO. Lar. 3 — Ulos. 4 — Pá. Araras. 5 — AMADOR. Me. 6 — Rim. Sem. 7 — Idas. Sulu. 8 — Dos. Rei. 9 — INVERNO. 10 — Dea. Atoas. 11 — Em. Ala. Sá.

VERTICAIS: 1 — Oviparidade. 2 — Lê. Amido. EM. 3 — Elo. Amásia. 4 — Oh. Ad. 5 — Ouros. Aval. 6 — Lares. Eta. 7 — FLOR. Murro. 8 — Rasam. Lenas. 9 — Ar. Sequiosa.

(Provérbio: VELHO AMADOR: INVERNO EM FLOR...)

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3986



HORIZONTAIS: 1 — Margem do rio. Batráquio. 2 — Artigo definido. Sisudos. 3 — Entregas. Deixa de pertencer. 4 — Escudeiros. Utensílio. 5 — Util. Chefe etíope. 6 — Estampilhavas. 7 — Contém. Víscera. 8 — Certo. Arre! 9 — Nome de um astro. Prefixo que designa ar. 10 — Intrujão. Seguia 11 — Céu. Encoleriza-se.

VERTICAIS: 1 — Nome de uma árvore. O povo. 2 — Parti. Preposição. Cidade da antiga Caldeia. 3 — Ascendem. Senhor. 4 — Artigo definido. Nota de musica. Planta do pé. 5 — Entregues. Rio da Suíça. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. 6 — Altares. Caminho. Sufixo de estado. 7 — Segundo. Declive. 8 — Letra grega. Utensílios de padeiro. Monarca 9 — Aversões. Viras.

Solução do problema n.º 3985

HORIZONTAIS: 1 — Sara. Ovas. 2 — Horácio. 3 — Rapar. 4 — As. Dás. Ar. 5 — Mora. Osga. 6 — Ano. III 7 — Rã. Til. Sr. 8 — Ermas. 9 — Irmã. Roem. 10 — Na. Mãe Ló. 11 — Essa. Suar.

VERTICAIS: 1 — Lamartine. 2 — Ah! Soma. Rás. 3 — Ror. Ró. Em. 4 — Arada. Trama. 5 — Apa. Fim. 6 — Ocaso. Lares. 7 — Vir. Si. Só. 8 — Ao. Agir. Ela. 9 — Traíramos.

ELNA

MAQUINAS DE COSTURA

portáteis, bonitas e baratas

Reparações:

Largo da Trindade, n. 17

LISBOA

Jornal
dos jornais

DIÁRIO DE COIMBRA

Carreiras aéreas em Angola

... ...

A D. T. A. suspendeu as suas carreiras para a Cidade de Carmona, **em vista do estado deplorável do seu aeródromo que,** segundo informações técnicas, torna perigosas as operações do respectivo tráfego.

* * *

Nós bem sabemos quão cuidadosos se têm demonstrado os pilotos da D. T. A. a cujo valor este jornal mais de uma vez tem feito referência, e nem um só elemento da população da cidade deseja que se mantenha uma carreira a troco de vidas. Mas em doze anos, só agora se verificou a impraticabilidade de um aeródromo, quando foi precisamente nesse espaço de tempo que se processou o grande e depois em cidade, capital de um distrito? Desenvolvimento da localidade, que se transformou de pequena povoação, em vila. **E** pergunta-se: **está** o nosso campo de aviação em pior estado hoje do que anteriormente?

Resposta: Não! Pelo contrário. Embora muitas vezes se note que foi votado ao desprezo, sem que nele se instale uma brigada permanente de trabalhadores pelo menos para o manter capinado — apesar disso... o aeródromo de Carmona está hoje melhor do que nunca.

De quem portanto a culpa para que um distrito inteiro seja condenado a ver-se privado de um agente de progresso sem o qual não pode viver?

... ...

Há culpas? Certamente. Mas não é a população, não são certamente as actividades económicas que originaram este deplorável estado de coisas. Nem tão-pouco nos interessa procurar culpados. Interessa-nos possuir um campo de aviação condigno a uma região como o Congo, em vista do seu valor económico, político e social.

(*Jornal do Congo*, cidade de Carmona)

COMÉRCIO DE SETÚBAL

O semanário «Gazeta Setubalense», dando conta da situação angustiosa em que se encontra o comércio em Setubal, onde há mais de oito meses chove todos os dias, faz um apelo aos comerciantes fornecedores de Lisboa, a fim de concertarem com os comerciantes setubalenses, tal como fizeram há anos, quando aquela cidade atravessou outra crise, uma situação que lhes alivie as angustias que atravessam, acrescentando «que vários comerciantes de Setubal já não sabem qual a possibilidade de se refazerem dos prejuizos sofridos».

A situação do comércio do Algarve, especialmente nas terras marítimas, é precisamente a mesma dos comerciantes de Setubal, pelo que o apelo feito por aquele colega pode tornar-se extensivo ao Algarve.

(*Jornal do Algarve*, de Vila Real de Santo António).

7 MILHÕES de passageiros viajaram em 1959 nos machibombos de Luanda

Durante o ano passado viajaram nos autocarros dos transportes colectivos perto de sete milhões de pessoas (6.811 milhares); as receitas cobradas, entre bilhetes e passes somaram 8.927 contos, quando a previsão era de 7.100; existem presentemente 33 autocarros, com uma lotação total de 1.389 lugares. Quanto á frequência de passageiros, verifica-se que ela tem vindo a aumentar á razão de um milhão em cada ano.

(O Intransigente, de Benguela)

O maior caçador DO MUNDO está em Angola

Jorge Alves de Lima, Filho, está em Luanda. Veio do Brasil, um dia destes, sem prevenir ninguém. Uma vez cá, teve o cuidado de não dar nas vistas.

Jorge Lima é tido como o maior caçador profissional do Mundo. Essa qualidade apenas faria com que lamentássemos a sorte de umas dezenas de bichezas. Mas, além de grande caçador, Jorge Alves de Lima, Filho, é um grande empresário: um dos maiores empresários individuais do Mundo, de «safaris». A sua organização de turismo venatório no Quénia é célebre em toda a parte: a «Kirongozi».

Encontrámos Alves Lima em companhia do caçador angolano Edmundo Santos, ai numa rua da Baixa. Perguntámos:

— Verdade que vai existir uma «Kirongozi-Angola»?

— Quem sabe...

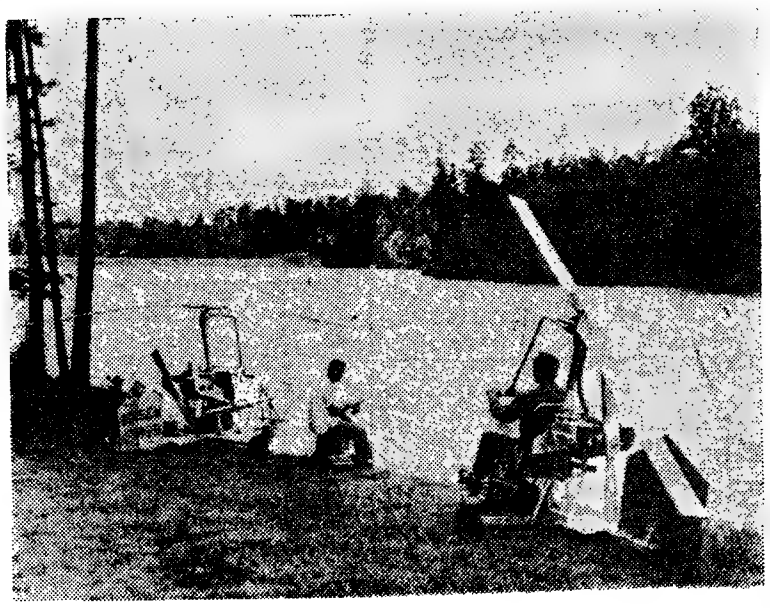
Mentira. Vai haver com certeza. Nós até vimos o papel timbrado.

(*Notícia*, de Luanda)

O EXEMPLO DE EVORA

O vereador dos mercados e feiras levou ao conhecimento da edilidade que, devido aos excessivos rigores da ultima invernia, grande numero de prédios da cidade apresenta as marcas resultadas da dureza do tempo, necessitando por isso de trabalhos de caiação e pinturas exteriores.

Ao abrigo do § 2.º do art.º 1.º do Regulamento de Construções Urbanas, o respectivo vereador propôs que, para facilitar a limpeza do maior numero de edifícios, seja dispensado o pagamento da taxa camarária devida para este género de trabalhos, durante o período que vai de 1 de Maio a 15 de Junho próximo. A proposta teve a aprovação unanime da vereação e o sr. Joaquim Maria Torres propôs ainda que seja pedida á delegação eborense da F. N. A. T., a caiação e a pintura de portas e janelas do seu edifício nesta cidade.



Concretiza-se mais um sonho do homem, que agora já pode voar livremente como as aves, e, como elas, pousar onde mais lhe apeteça, ainda que seja no mais profundo dos desfiladeiros ou no alcandorado pico de uma serra, tornados acessiveis, graças ao novo invento do americano Igor Benseu, descendente de emigrantes russos, Trata-se do «helicopetero-scooter», de que na gravura vemos dois modelos, nos quais um homem pode transportar-se através do espaço á velocidade aproximada de 60 milhas por hora, gastando menos de cem escudos de gasolina por cada hora de voo

Muito boa oportunidade

Restaurante - Hotel

Arrenda-se ou cede-se a exploração da «ESTALAGEM DO SENHOR DA SERRA», Belas (Queluz), a 6 km. de Lisboa, com óptimo acesso, 20 apartamentos (bem mobilados, banho, aquecimento, telefone e rádio) 3 salas de restaurante e banquetes, 2 bars e magnífica esplanada, tudo completo e pronto a funcionar. Negócio de muitas possibilidades para Hotel ou Restaurante de Lisboa, Agência de Turismo ou pessoas idóneas que disponham de recursos ou garantias. Avenida Oscar Monteiro Torres, 32 s/loja, telefone 774182.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

DINHEIRO A 6%

Emprestamos sobre automóveis, no espaço de uma hora, pelo prazo de 3 a 18 meses, c/ amortizações facultativas. Máximo sigilo. Condições unicas, sem imitações possíveis. Fazemos também empréstimos sobre prédios, moradias, quintas e terrenos, em Lisboa e Arredores, no espaço de 24 horas, ao juro da Lei, e nos melhores condições.

NORTENHA
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º
TELS. 32228-366812
LISBOA

ADLAI STEVENSON

FIGURA DA SEMANA

Adlai Stevenson

O candidato infeliz do partido democrático nas eleições presidenciais de 1952 e 1956 está na disposição de tentar mais uma vez a sorte deixando que o seu nome figure entre os competidores á do ano corrente a qual se realizará em Novembro. Esta notícia inesperada causou sensação nos Estados Unidos onde o nome de Adlai Stevenson é justamente considerado pelo seu aprumo e valor intelectual sobejamente afirmado em mais de uma ocasião. A sua recente digressão pelas republicas sul-americanas foi coroada de êxito completo e animador o qual excedeu a expectativa mais optimista.

O vencido das competições anteriores não saiu delas diminuido e, por toda a parte, prestaram justiça ao seu mérito e á sua honestidade de pensamento e de processos. O contraste entre a sua acção e a de um grande numero de politicos americanos, especialmente os que nos quadros partidários têm a seu cargo o funcionamento das máquinas eleitorais, é flagrante e o balanço da sua actividade nos postos que lhe têm sido confiados e na vida politica foi sempre caracterizado por uma perfeita dignidade cívica que pode ser apontada como exemplo.

Na altura em que nas fileiras do partido democrático se trava uma luta viva para a designação do candidato, a qual será feita na Convenção a realizar em Julho próximo, a reaparição de Stevenson pode tornar-se um factor decisivo da escolha do eleitorado americano. O seu prestigio é certamente maior do que o dos candidatos até agora indicados — Kennedy, Humphrey e Symington — embora ninguém o considere um partidário ortodoxo e fiel ás regras ditadas pela máquina partidária. Além disso é, de todos eles, o unico que, no exercício do cargo de governador estadual, revelou excepcionais qualidades na direcção politica e na administração de um dos mais importantes Estados da União o que lhe dá, no consenso geral, superioridade em relação aos outros, todos oriundos do Capitólio, tendo assento no Senado onde ocupam lugares de relevo.

OPTIMAS APLICAÇÕES DE CAPITAIS

Possue a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, em condições vantajosas para os Senhores Capitalistas. Prestamos toda a assistência e garantimos todos os envestimentos. Consultando-nos tem vantagens.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA
«Colham Referências»
LISBOA
Praça da Alegria, 58-2.º
Tels. 366812 - 32228
PORTO
Praça D. João I, 25-1.º
Tels. 26706 - 30181

Em S. João da Madeira

Instale-se no «Monte Belo». (Classificada de 1.ª classe pelo S. N. I.). Restaurante e óptimos aposentos

EM PORTUGAL—Foram presos, acusados de assassínio do capitão Almeida Santos, os seus companheiros de fuga, dr. Jean Jacques Marques Valente e António Marques Gil. ✻ Em Bissau foi inaugurada a nova sede da Associação Comercial da Guiné. ✻ Na Camara Municipal de Lisboa realizou-se uma recepção em honra do sr. Presidente da Republica. ✻ O Presidente do Conselho e o ministro da Presidência foram convidados a assistir ás cerimónias do centenário da cidade de Setubal. ✻ Em Alcobaça foi comemorado o centenário do nascimento de Manuel Vieira Natividade. ✻ Foram presos os fornecedores de carne putrefacta para os barcos bacalhoeiros.

NO ESTRANGEIRO — Em São Paulo, teve imponente recepção o cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira. ✻ O presidente da Republica italiana, Gronchi, rejeitou o pedido de demissão do Governo de Tambroni que se apresentará ao Parlamento. ✻ Em Nova Delhi parece não se chegar a acordo nas conferências entre Nehru e Chu-en-Lai. ✻ Em Washington o presidente de Gaulle propôs que se realize nova conferência de alto nível, depois de 16 de Maio. ✻ Syngman Rhee abandonou a chefia do Governo na Coreia do Sul.

EM PORTUGA
to da Port
festival da
cesa. ✻ A
os detidos,
sínio do ca
tos confess
inaúgurado
gional de N
da Agricul
inaugurar
va de Frei
serão const
cooperativa
la Ferro,
ram oito b
mílias sem
ronel Ant
reira, antig
rior. ✻ No
mo de juni
Julio Fern
metros em
«record» n
categorias.
NO ESTRAN
lento trem
a cidade p
do cerca d
senhower
ram reuni
vid e cheg
a agenda
to nível. ✻
o cardeal
á Virgem,
novo Esta

Comentário In

O regresso do g

e a sua m

O general de Gaulle terminou a sua visita aos Estados Unidos depois de ter estado na Grã-Bretanha e no Canadá, onde teve importantes conversações com os dirigentes destes países. A sua missão, preparatória da conferência de alto nível, revestiu-se de importancia e significação invulgares pela categoria do visitante, pelas homenagens que lhe foram prestadas e pelos assuntos que por ele foram debatidos e avultam neste momento com um relevo que é desnecessário encarecer. O chefe do Estado francês assumiu, voluntáriamente, um duplo papel na cena mundial — restabelecer o prestígio da França, fazendo desta um factor essencial da nova ordem internacional e exercer, entre as teses opostas que andam em circulação, antes daquela conferência, uma acção de mediação procurando os pontos em que é possível pô-las de acordo.

O homem tem para o desempenho dessa dupla missão condições pessoais especialíssimas e não podia ser melhor a oportunidade que escolheu para dar expressão concreta á sua intervenção. Quanto aos resultados desta é legítimo, porém, alimentar justificado cepticismo. Enquanto, por um lado,

**o acolhime
xões lhe fi
do Atlantic
triunfal, o b
versações
gentes dos
rece bastan
nadianos
seus próp
nada indic
posição de
to que, em
os fundam
ousadas co
Estado fran
A primei
os domina,
terna da F
verdadeiros
externa do
quais estão
derar-se co
dos, de forn
truir, com
Durante a
de hostilid
que agora
ao mesmo
cias no par
U. N. R.—
Quer isto
posição
esteja imed
De forma a
que a esm**

**O encontro entre Eisenhower e de Gaul
acontecimento da vida internacional**

...ma semana

DIA 24

EM PORTUGAL — No Aeroporto da Portela efectuou-se um festival da Força Aérea Francesa. ✻ A Polícia informa que os detidos, acusados do assassínio do capitão Almeida Santos confessaram o crime. ✻ Foi inaugurado o hospital sub-regional de Nisa. ✻ O secretário da Agricultura anunciou ao inaugurar a Adega Cooperativa de Freixo de Numão que serão construídas 100 adegas cooperativas até 1964. ✻ Na Vila Ferro, a Campolide, arderam oito barracas, ficando famílias sem lar. ✻ Faleceu o coronel Antonino Raul G. Pereira, antigo ministro do Interior. ✻ No tórneio de atletismo de juniores, Rui Mingas e Julio Fernandes fizeram 1,88 metros em altura, igualando o «record» nacional de todas as categorias.

NO ESTRANGEIRO — Um violento tremor de terra destruiu a cidade persa de Lar, havendo cerca de 3.000 mortos. ✻ Eisenhower e de Gaulle estiveram reunidos em Camp David e chegaram a acordo sobre a agenda da conferência de alto nível. ✻ No Rio de Janeiro, o cardeal Cerejeira consagrou á Virgem, em missa campal, o novo Estado do Guanabara.

DIA 25

EM PORTUGAL — O ministro da Saude entregou os estatutos da Fundação do Patrocínio, estabelecida pelo sr. conde de Vilalba. ✻ Chegou a Lisboa, o sr. Harvey Firestone, presidente da emprèsa que tem o seu nome. ✻ Na Assembleia Nacional continuou a discussão do aviso prévio sobre o mau estado das estradas do País. ✻ Tomou posse o presidente da comissão coordenadora do Serviço Social do Trabalho. ✻ Foi inaugurada pelo ministro da Educação uma exposição de ex-libris italianos na Academia Portuguesa de Ex-Libris. ✻ No Pavilhão dos Desportos na venda de terrenos para construção em Lisboa, houve lotes que atingiram 10 contos o metro quadrado.

NO ESTRANGEIRO — Em Madrid os ministros da Defesa e do Exército de Portugal, foram recebidos pelo generalissimo Franco. ✻ Parece agravar-se a situação na Coreia do Sul, havendo mortos e feridos nas manifestações. ✻ Terminaram as conferências de Nehru com Chu-en-Lai. ✻ O Supremo Tribunal Federal dos Estados Unidos negou novo recurso de Caryl Chessman. ✻ Uma violenta tempestade de areia arrasou duas mil casas no Delta do Nilo.

DIA 26

EM PORTUGAL — O mau estado das estradas de Portugal foi discutido na Assembleia Nacional. ✻ Para a India partiram forças do Exército. ✻ O embaixador dos Estados Unidos visitou a Fundição Mecanica de Oeiras. ✻ O ministro do Interior visitou Santarém, assistindo aos exercicios da Guarda Nacional Republicana. ✻ Tomaram posse os novos componentes da Comissão Central da União de Freguesias do Concelho de Lisboa. ✻ Doutoraram-se na Faculdade de Medicina de Lisboa os drs. Silva Granate e Oliveira Pinto.

NO ESTRANGEIRO — O presidente de Gaulle atravessou a Broadway, em Nova York, em triunfo. ✻ Terminou em Genebra a Conferência de Direito Marítimo Internacional. ✻ O presidente da Coreia do Sul, Syngman Rhee, anunciou que se demitiria. ✻ O governador da Califórnia, Brown, anunciou que não poderia comutar a pena de Caryl Chessman. ✻ Na cidade persa de Lar registaram-se mais quatro abalos de terra.

DIA 27

EM PORTUGAL — Na Assembleia Nacional, o presidente conselheiro dr. Albino dos Reis enalteceu a obra de Salazar, no aniversário da sua entrada para o Governo. ✻ A direcção do Automóvel Clube de Portugal avistou-se com o sr. ministro das Obras Publicas, expondo a necessidade da reparação das estradas. ✻ O Presidente da Republica assistiu ás provas finais do Campeonato Equestre Militar. ✻ Na Liga '28 de Maio foi comemorado o aniversário da entrada de Salazar para o Governo.

NO ESTRANGEIRO — Em Ludwigshaven, em desafio de futebol a Alemanha Ocidental venceu Portugal, por 2-1. ✻ Na Coreia do Sul demitiu-se o presidente Singman Rtee. Sucede-lhe o ministro dos Estrangeiros até ás eleições gerais. ✻ O presidente Eisenhower disse em conferência á Imprensa que não iria a conferências internacionais, sob ameaças. ✻ Nehru disse, em discurso, na Academia Militar, que a India enfrenta o maior perigo da sua história em virtude do expansionismo da China. ✻ O presidente de Gaulle foi aclamado em San Francisco da Califórnia. ✻ O Togo tornou-se independente e declarou manter a neutralidade entre os vários blocos.

DIA 28

EM PORTUGAL — Regressou a Lisboa após a sua viagem á inauguração de Brasília, como delegado do Papa, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa. ✻ Na Academia das Ciências, houve uma sessão plenária consagrada ao Infante D. Henrique. ✻ Atingiu o limite de idade, o almirante Nuno de Brion. ✻ Na Assembleia Nacional foi pedida a restauração da Faculdade de Farmácia de Coimbra. ✻ Vai ser criado o serviço social da Polícia de Segurança Publica. ✻ Está constituida a Comissão Portuguesa do Atlantico.

NO ESTRANGEIRO — Na Suiça apareceram algumas notas do pagamento do resgate do neto de Peugeot. ✻ Nas cidades de Esmirna, Angora e Istambul foi decretada a lei marcial após manifestações ali verificadas. ✻ O vice-presidente da Coreia do Sul Kee Ly Pong suicidou-se com toda a família. ✻ O Ocidente rejeitou uma proposta russa para se associar á nova organização que substituirá a Organização da Cooperação Económica Europeia.

DIA 29

EM PORTUGAL — Terminou a reunião luso-espanhola de defesa civil peninsular ✻ Na Assembleia Nacional foi iniciada a discussão das contas gerais do Estado. ✻ Na Assembleia, o dr. Carlos Moreira evocou o centenário salesiano.

NO ESTRANGEIRO — O papa recebeu o primeiro-ministro neozelandês, Walter Nash. ✻ Foi preso o ministro do Interior de Syngman Rhee, Choi In-Kyu. ✻ A Guatemala cortou relações diplomáticas com Cuba ✻ O general de Gaulle foi delirantemente aclamado em Nova Orleães. ✻ Foi assinado o tratado de paz e amizade entre a China e o Nepal.

O momento culminante do grandioso festival aéreo francês, que se realizou no domingo, no Aeroporto da Portela: os pára-quedistas campeões de França lançados em queda livre, de 4.000 metros de altitude, e com um afastamento de 500 metros uns dos outros, caíram, sucessivamente, numa reduzida zona demarcada, com 20 metros de extensão...

...tário Internacional

...sso do general de Gaulle

...a sua missão diplomática

...terminou ...os Unidos ...a Grã-Bre... ...le teve im... ...com os di... ...A sua mis... ...conferência ...se de im... ...invulgares ...ante, pelas ...am presta... ...ue por ele ...ltam neste ...evo que é ...r. O chefe ...niu, volun... ...papel na ...abelecer o ...endo desta ...a nova or... ...rcer, entre ...andam em ...ela conle... ...mediação ...em que é ...lo. ...o desempe... ...condições ...e não po... ...nidade que ...ressão con... ...lo. Quanto ...é legítimo, ...ficado cep... ...um lado, o acolhimento que os Anglo-Saxões lhe fizeram dos dois lados do Atlantico, pode considerar-se triunfal, o balanço político das conversações que teve com os dirigentes dos povos que visitou parece bastante magro. Ingleses, Canadianos e Americanos têm os seus próprios pontos de vista e nada indica que estejam na disposição de abdicar deles, por muito que, em princípio, reconheçam os fundamentos de algumas das ousadas concepções do chefe do Estado francês.

A primeira duvida legítima que os domina, resulta da situação interna da França, a segunda dos verdadeiros objectivos da política externa do general de Gaulle, os quais estão longe de poder considerar-se completamente esclarecidos, de forma a sobre eles se construir, com segurança e eficácia. Durante a sua ausência a corrente de hostilidade á solução argelina que agora preconiza, acentuou-se, ao mesmo tempo que as dissidências no partido da fidelidade — a U. N. R.—se tornaram insanáveis. Quer isto dizer que no seu país a posição do general de Gaulle esteja imediatamente ameaçada? De forma alguma. Mas é evidente que a esmagadora maioria que lhe deu os seus votos nos dois anos que decorreram desde o seu regresso ao Poder, no Parlamento e no país, tende a rarefazer-se e a atenuar-se. Quanto aos verdadeiros objectivos da sua política externa não há duvida de que eles visam dar á França um papel preponderante nas negociações em curso e em preparação, jogando nas divergências dos seus aliados e adversários das quais procura colher o maior numero possível de benefícios.

Eisenhower e de Gaulle foi um grande da vida internacional desta semana

Até que ponto poderá ser conduzido esse jogo é difícil dizê-lo neste momento. Na Europa, a política do general de Gaulle procura, simultaneamente, integrar a Alemanha na comunidade ocidental e tranquilizar os Russos, dizendo-lhes que eles nada têm a recear dessa integração. A dificuldade está em que, até agora, lhe não foi possível realizar esse fim, e não se vê bem como o alcançará num prazo de tempo limitado. Por um lado, o general afirma que favorece a reunificação da Alemanha e dá como prova da sinceridade dessa intenção a sua atitude na questão de Berlim. Por outro, proclama que a linha Oder-Neisse será a futura fronteira oriental da Alemanha reunificada. As duas coisas são contraditórias e nenhuma delas é de molde a sossegar aqueles a quem especialmente se dirige.

Esta impressão pairou á volta das suas diligências, somando-se ás divergências que há alguns meses separam a França dos seus aliados ocidentais: com a Grã-Bretanha por causa da sua política alemã, com os Estados Unidos por causa das suas aspirações a entrar no clube atómico e da sua pretensão a figurar num directório da N. A. T. O. em pé de igualdade com os países anglo-saxónicos. Da leitura dos comunicados dos seus encontros com o primeiro-ministro da Grã-Bretanha e o presidente dos Estados Unidos nada consta de onde possa inferir-se que elas foram aplanadas e muito menos resolvidas definitiva e satisfatóriamente.

Notícias

ainda não publicadas

Deve ter-se como certa uma visita á índia, no corrente ano, da rainha Isabel de Inglaterra. O convite ser-lhe-á pessoalmente feito pelo chefe do Governo da União Indiana, Nehru, quando da sua estadia em Londres para assistir á conferência dos primeiros-ministros da Comunidade britanica, marcada para Maio. E' possível que nessa digressão a soberana visite igualmente o Paquistão e o Ceilão.

Num congresso de cientistas chineses, que se realizou em Pequim no mês passado, os dirigentes do país fizeram-lhes saber que deviam abandonar os estudos teóricos e consagrar os seus esforços e talento a assuntos mais práticos e actuais. Entre estes citaram concretamente os seguintes: «mísseis, veículos espaciais, armas atómicas e nucleares, voos supersónicos, etc. Falar de desarmamento sem associar aos trabalhos para o conseguir a China, parece cada vez mais uma aspiração sem consistência.

A visita do presidente de Gaulle aos Estados Unidos foi precedida de outra de um dos seus antecessores no Eliseu, á qual se não fizeram referências publicas. O antigo presidente Vincent Auriol também atravessou o Atlantico para conversar com os seus amigos americanos sobre a situação política em França e sobre a situação internacional. Nada indica que os seus pontos de vista sejam idênticos aos do seu actual sucessor.

Outro antecessor do general de Gaulle que se não mostra inactivo é o antigo presidente René Coty que facilitou o caminho ao general de Gaulle para lhe suceder. Como Auriol, não parece que Coty esteja satisfeito com a acção do chefe da V Republica, mas, ao contrário de Auriol, prefere escrever as suas memórias que, quando aparecerem, devem constituir um justificado sucesso de livraria.

A escolha do Prémio Nobel da Paz de 1960 será particularmente movimentado. O primeiro candidato cotado foi o general de Gaulle, pela publicação das suas memórias, mas a ideia teve de ser posta de parte. O tratamento desdenhoso que o chefe do Estado francês infligiu á O. N. U., recusando-se a visitá-la e a falar ali durante a sua viagem aos Estados Unidos, suscitou-lhe muitas inimizades, não sendo das menores a do secretário-geral daquele organismo que, habitualmente, tem influência para a escolha do premiado. Pensa-se, agora, em atribuir o prémio aos interlocutores de Camp David, Eisenhower e Kruchtchev. Mas Chruchill reclama-o para o seu protegido, o primeiro-ministro MacMillan, a quem classifica de «quebra-gelos da guerra-fria».

A visita ao Iraque do ministro do Comércio Externo soviético e vice-presidente do Conselho da U. R. S. S., Mikoyan, não teve o êxito que certamente esperavam em Moscovo. Foi na altura da sua realização que o coronel Kassem adoptou severas medidas de repressão em relação aos comunistas iraquianos que assim viram malograda a intenção de fazerem daquela visita um instrumento de propaganda.

Na Alemanha Ocidental o escândalo levantado á volta do ministro dos Refugiados Oberlaender, acusado de crimes graves praticados na era nazi, está longe de se considerar terminado. Esperam-se novos episódios desse filme sensacional. O ministro depois de pedir a demissão decidiu o contrário, o que deu lugar a que a propaganda soviética explorasse a fundo o seu caso que é visto com inquietação nas capitais ocidentais, especialmente em Londres.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.

Av. da Liberdade 3—Tel 24449

O RISO DA SEMANA

Tapete impróprio

— Meu Deus! Este tapete está vivo! Deu-me uma dentada no pé!

A linhagem

Aquela senhora tinha uma grande vaidade nas filhas, porque, sendo fidalgas, se dedicavam inteiramente a obras de caridade, andando de casa em casa pelos bairros da lata a fazer o bem, sem quererem saber da sua linhagem. E numa ocasião em que falava nisso alguém do lado exclamou:

— Agora é serapilheira. Nada de linhagens.

Definições

A parreira é o guarda-fato de Adão e Eva.

*

A diplomacia é a arte de não dizer o que se sente nem sentir o que se diz.

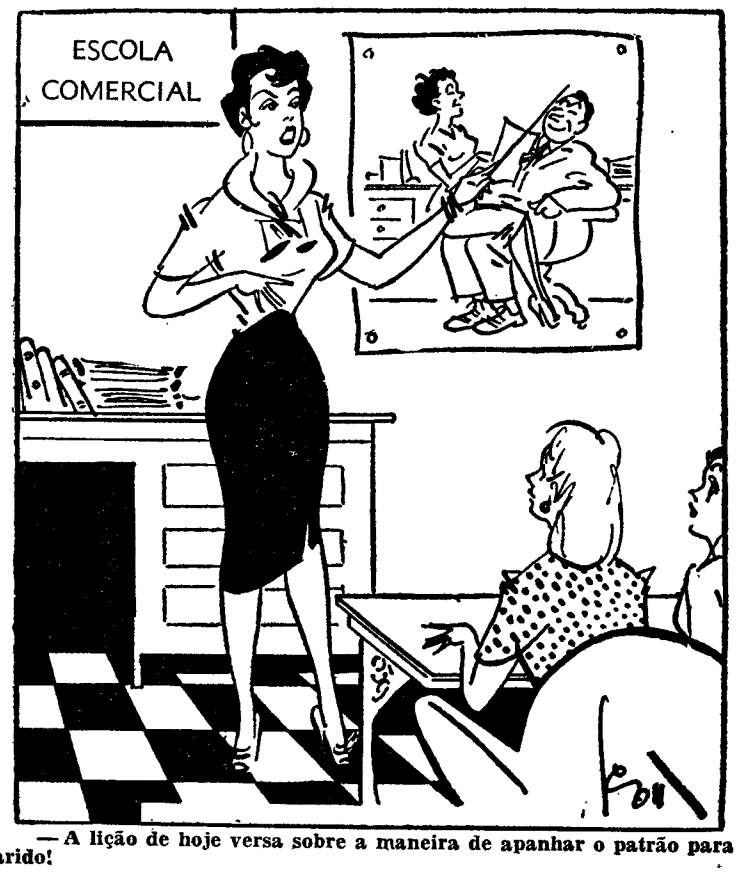
*

Parada é uma data de soldados a passar uma avenida onde a gente só vê as costas das pessoas que estão á nossa frente.

Amor eterno

— Como quer você que eu acredite no seu amor eterno se você pode ser demitido dum momento para outro?

Boas lições



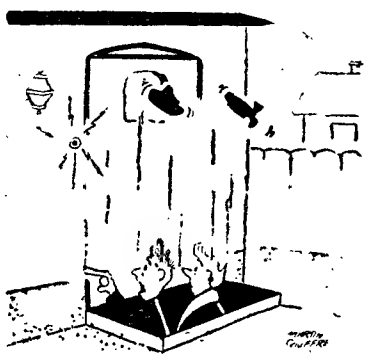
— A lição de hoje versa sobre a maneira de apanhar o patrão para marido!

A modéstia

Morava numa barraca de lata, mas era tão modesto, tão modesto, que confessava a toda a gente a sua desgraça:

— Vivo ali só para que não se diga que sou tão vaidoso, que até moro num 5.º ou 6.º andar com elevador.

Meninos engraçados



— Vais gostar do Henrique. Faz partidas com uma graça...

O ATAQUE

O homem teve um ataque e caiu para o lado, como morto. Todos se precipitaram sobre ele na intenção de lhe acudir. E a mulher, que era muito esperta, teve o cuidado de verificar se o coração lhe batia.

E foi um momento de euforia porque ela verificou que se ouvia nitidamente o tique-taque do coração, batendo compassadamente.

Banharam-lhe as fontes com água fria, deram-lhe um frasco de sais de amoníaco a cheirar, e o homem continuava como morto! Mas batia-lhe o coração e enquanto o médico, chamado telefónicamente, não chegava, fizeram as maiores diligências para o reanimar.

E, senão fosse que lhe batia o coração, todos julgariam tratar-se dum caso perdido.

Finalmente chegou o médico:

— Senhor doutor, veja se o salva, porque ainda está vivo. Sente-se-lhe perfeitamente bater o coração.

O médico não demorou um segundo a socorrê-lo, mas teve um gesto de desalento:

— Está morto!

— Morto com o coração a bater com tanta força?

— Não, fez o médico, sem uma hesitação. Aquele tique-taque é do relógio da sala...

Coragem para morrer

A maior homenagem até á data prestada ao nosso vinho da Madeira foi, sem duvida, a do duque de Clarence, no século XV.

Vencido na guerra das «Duas Rosas», foi encarcerado nas masmorras da Torre de Londres. Condenado ao cadafalso, o duque preferiu afogar-se num tonel de Madeira Velho — famoso Malvasia —, do qual bebeu, antes evidentemente, numerosos cálices para ganhar coragem... E morreu cheio de coragem e de Malvasia.

Longevidade

Os homens vivem sempre muito mais do que as mulheres porque morrem sempre com a idade que têm.

Assim um homem de 80 anos tem 80 anos mesmo e uma mulher de 80 anos tem pelo menos 95, mas os 15 não se contam.

NO BRASIL

Na repartição de admissão d colonos:

O funcionário: — Como se cha ma você?

Ela: — Xícara da Conceição.

Ele: — Chico Águas.

O funcionário: — Que raio d nomes vocês têm!...

Ela: — Não tem qadmirá; nã há ministo Café Filho?!...

Na maternidade

NA PAREDe: SALA DE ESPERA

— Cigarros?

A verdade dos provérbios

A palavra é de prata, mas o silêncio é de oiro, especialmente para o gatuno que assalta um Banco.

*

Não há mal que sempre dure porque um dia a gente morre.

*

Para judeu, judeu e meio, se ele deixar, o que é muito duvidoso.

*

Grão a grão enche a galinha o papo, mas é preciso que lhe dêem o milho.

*

Dá se queres receber um coice.

*

Nada se faz sem dinheiro senão dívidas.

*

Quando falta o dinheiro falta tudo, até a vergonha.

*

Dívidas velhas não se pagam; as novas deixam-se envelhecer.

*

Teima mas não apostes se não tiveres a certeza de ganhar.

*

Quem empresta não melhora se não pedir emprestado áquele a quem emprestou.

*

Largos dias têm cem anos depois que a gente aprendeu a fazer contas á nossa moda.

Jantar com atracções

— As atracções são tão boas que nos fazem esquecer a má qualidade da comida...

QUAL?

— Qual é o grito que mais agita as multidões, com que o publico mais vibra. e que toda a gente deseja ouvir para que a Humanidade seja feliz?

— Paz!!!

— Nada disso. Qual é a exclamação com que toda a gente delira, e faz calar todas ás outras?

— Vamos ter aumento de ordenado!

— Nada disso.

— Vai baixar o custo da vida!

— Qual história, nada disso! Isso só interessa aos pouco abastados!

— Então, não há nada que possa alegrar toda a gente sem excepção.

— Gooooooooolo!!!

PERGUNTAS...

1.ª — A água da banheira sairá mais depressa se estivermos lá dentro?

2.ª — Porque é que o bule do chá tem o bico em baixo e a cafeteira do café o tem em cima?

(Respostas nesta página)

Espécies de cigarros

Há três espécies de cigarros: Os recomendados pelas companhias de tabacos que são os que se fumam por si próprios.

Os recomendados pelas companhias dos fósforos, que são os que se estão constantemente a apagar.

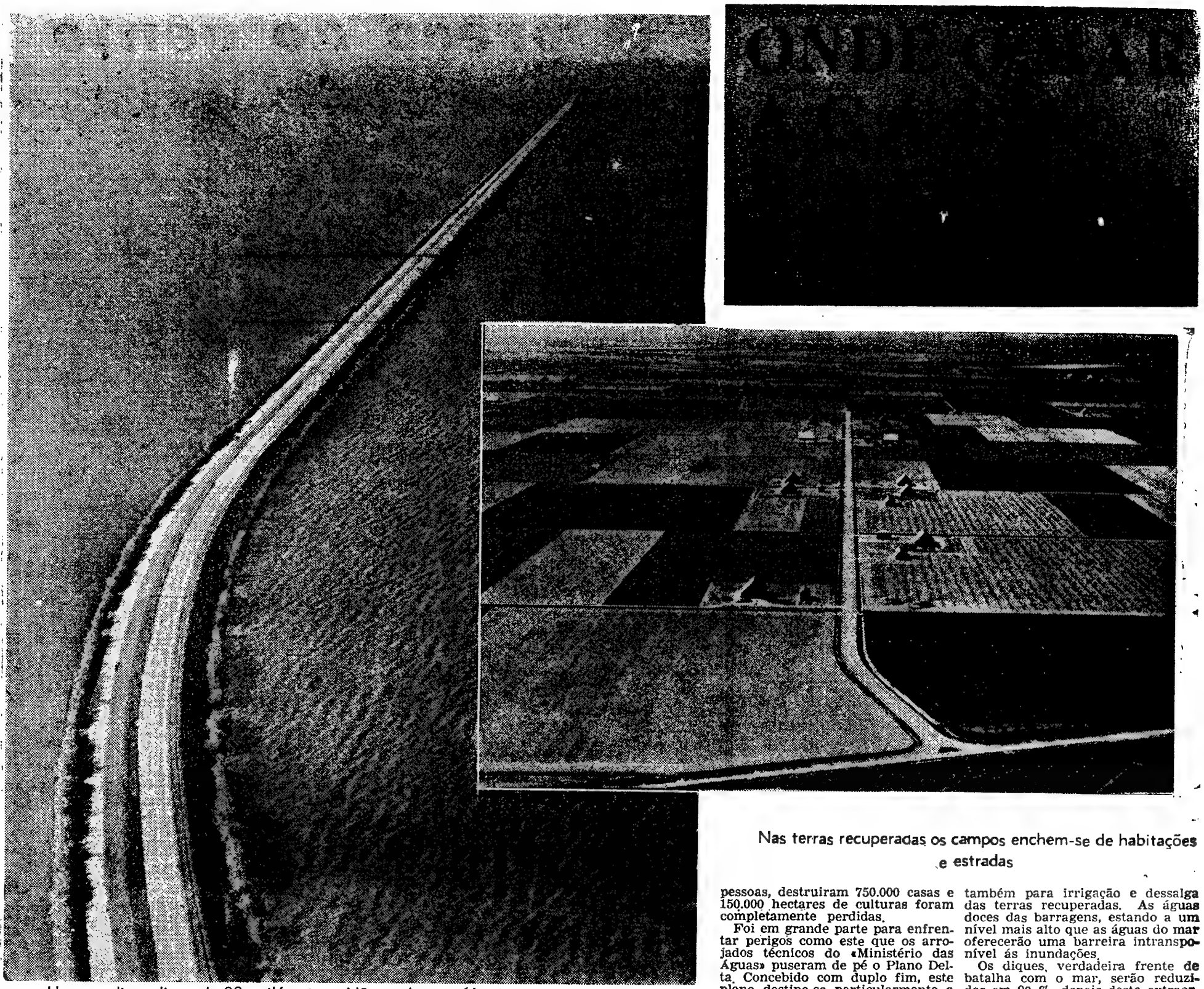
Os recomendados por quem os fuma, que são os que não se apagam, nem se fumam a si próprios.

Todos estes, claro, são recomendados pelos cangalheiros.

...E RESPOSTA!

1.ª — Sai porque o nosso co po aumenta a pressão no liquid

2.ª — Como as folhas do ch estão suspensas na água ferve te, o bico do bule é em baixo p ra que elas não saiam; como pó do café se deposita no fun da cafeteira, o bico destas é e cima.



Um grandioso dique de 90 quilómetros. Não tarda que férteis terras surjam

Nas terras recuperadas os campos enchem-se de habitações e estradas

(Continuação da 1.ª página)

ntinuamente, a uma média de 30.000 almas por ano.

Foi, unicamente, porque os seus abitantes se lançaram nesta luta icessante contra a Natureza que Holanda se transformou no país m a mais densa população da uropa e onde a duração média da da humana é maior.

Concretamente desde o início ste século a população da Holan- duplicou e novas fontes de tra- lho teriam, necessàriamente, de r encontradas. A Holanda é um ís de tradições marítimas e colo- alistas, mas os azares da sorte em sinal dos tempos que vive- os teve de conformar-se em per- r todo o seu império indonésio. m vez dele, lançou-se com um otável realismo no prosseguimento colonização das suas águas — m novo tipo de colonização que em z de protestos e de lutas fratici- das lhe proporciona proveito e nras.

* * *

O mar era verdadeiramente o es- ço natural que os limitava. Uma ttensa área de baixios coberta la água do mar separava entre si istos territórios e os seus limites rrestres formavam, frente ao mar, na linha tortuosa de «fiords» em ie terra e mar se entrelaçavam, prichosamente.

A grande batalha

A grande batalha dos Holande- s contra o mar começou, verda- iramente, depois da grande guer- , quando o engenheiro Lely teve suprema satisfação de ver final- ente os seus planos aprovados.

O primeiro grande dique sepa- ndo o Zuyderzeé do Mar do Nor- , numa extensão de 30 quilóme- os, foi construido de 1827 a 1932, ndo-se na mesma altura início á cagem dos primeiros 20.000 hecta- s de baixios. Desde 1936 a 1942, apesar dos contratempos da se- nda grande guerra mundial, cou- a vez á região Nordeste, com uma área de 48.000 hectares que foi quase inteiramente recuperada.

A grande zona de Flevoland começou a ser conquistada em 1950, quando se iniciaram as grandes obras do dique. Os trabalhos duraram 6 anos e só ao fim deles se iniciaram os trabalhos de secagem. Para se fazer uma ideia da grandeza da obra basta ter presente que ao fim de 8 meses de trabalhos contínuos as bombagens tinham expulsado nada menos que 1.500 milhões de metros cubicos de água e foram necessáários ainda mais 7 anos de trabalho ao mesmo ritmo para que os 54.000 hectares pudessem finalmente, ser postos em cultura.

Foi exactamente a 13 de Setembro de 1955 que a rainha Juliana, rodeada por todos os seus ministros, assistiu á cerimónia solene do fecho do dique que delimitava toda a grande área de terras a Este de Flevoland, o terceiro «polder» a ser conquistado ao reino do mar.

A secagem e recuperação de toda a zona de Zuyderzeé durou 20 anos, conquistando-se nesse espaço de tempo cerca de 220.000 hectares de terra, ou seja, um pouco mais da vigésima parte de toda a superfície dos Países Baixos.

Trezentos mil camponeses trabalham agora nas novas terras conquistadas. Todos estes importantes trabalhos são dirigidos pelo «Ministério das Águas», que transformou a imensidade líquida, paraíso das aves migratórias, das ervas aquáticas e do paludismo, numa nova e próspera provincia da Holanda.

As terras recuperadas continuam como propriedade estadual, sendo entregues aos camponeses para exploração até a um limite de três gerações. Em casas de habitação e instalações agrícolas pré-fabricadas, postas de pé em menos de 5 dias, erguem-se as modernas granjas ao longo das novas estradas para as quais não faltam nunca escolhidos candidatos a arrendatários.

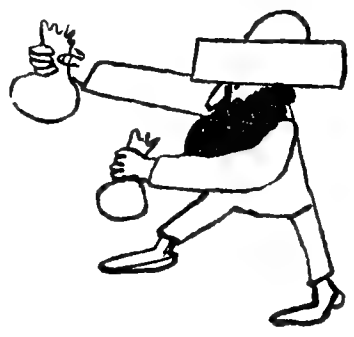
* * *

Nem tudo tem sido vitórias nesta batalha gigantesca. As terríveis inundações de Fevereiro de 1953 afogaram, numa unica noite, 1835 pessoas, destruiram 750.000 casas e 150.000 hectares de culturas foram completamente perdidas.

Foi em grande parte para enfrentar perigos como este que os arrojados técnicos do «Ministério das Águas» puseram de pé o Plano Delta. Concebido com duplo fim, este plano destina-se particularmente a evitar catástrofes como as de 1953, criando por meio de uma série de barragens um imenso lago de água doce de 80.000 hectares, que servem também para irrigação e dessalga das terras recuperadas. As águas doces das barragens, estando a um nível mais alto que as águas do mar oferecerão uma barreira intransponível ás inundações.

Os diques, verdadeira frente de batalha com o mar, serão reduzidos em 90 %, depois deste extraordinário plano previsto para dentro de 5 anos, e que vai transformar, verdadeiramente, a geografia do Sudoeste do país.

CUBA EM CALDA DE AÇUCAR (7)



Os anos foram passando e os Cubanos, sem chefes destacados, que todos foram mortos nos combates da independência, esperam com alguma inquietação a hora da liberdade. A vitória, qué chegaram a sentir nas mãos, foi-lhes arrebatada pelo amigo do Norte.

Ao fim de quatro anos os Estados Unidos acabaram por se resignar e a 20 de Maio de 1902 é proclamada a Republica e promulgada uma constituição.

Pouco tempo depois dá-se uma modificação, a modificação de Platt, segundo a qual os Estados Unidos tinham o direito de intervir quando lhes parecesse, a fim de manter a ordem na «Republica independente». Os Cubanos bem protestam mas nada lhes valeu e foi ao abrigo destas modificações que o general Crowder e as forças armadas americanas intervieram nos conflitos eleitorais de 1920 e impuseram á pequena republica as reformas financeiras que lhe interessava.

Entretanto, em S. Domingos e Haiti, mais ou menos na mesma época, outros generais faziam o mesmo. A tartaruga, o crocodilo e o caranguejo tinham encontrado um novo dono.

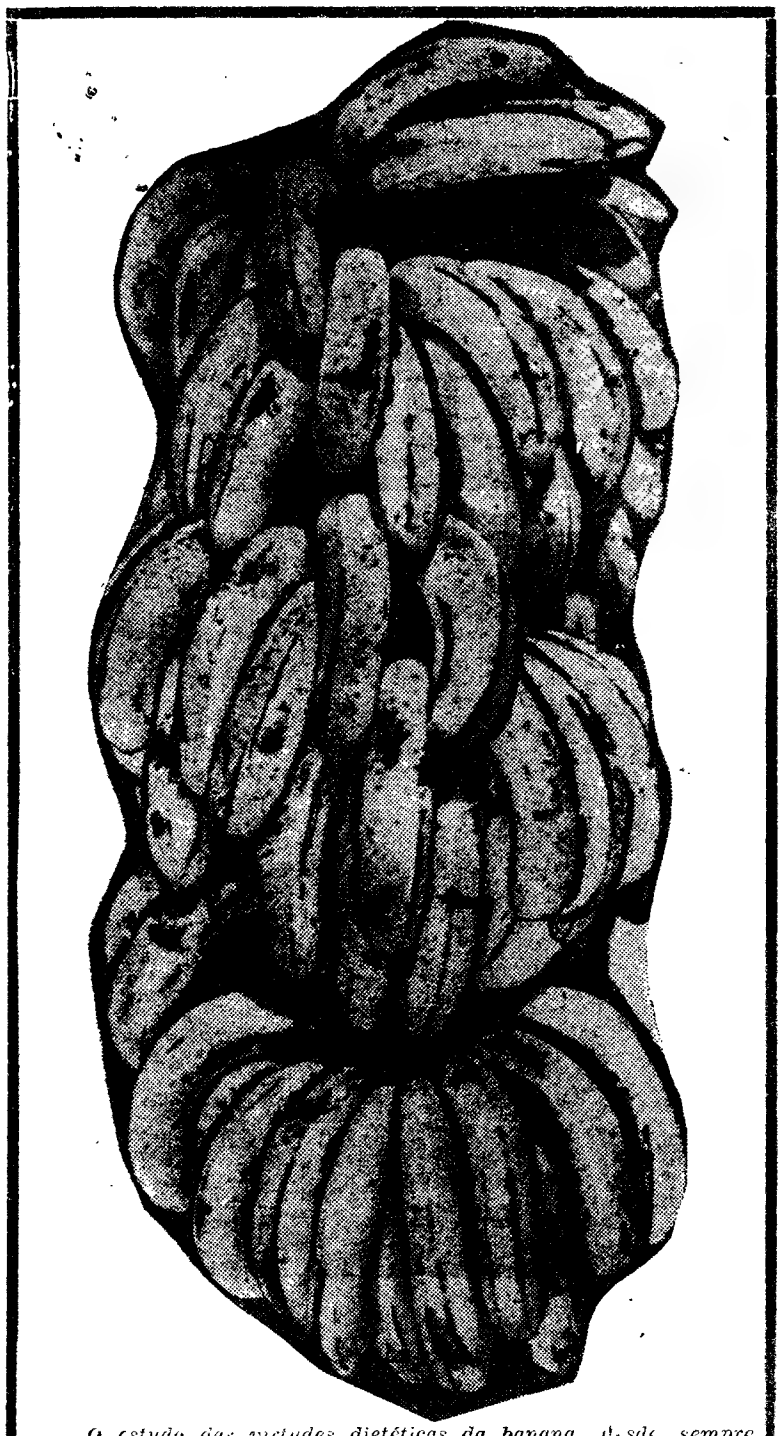
*

Os capitais norte-americanos são nesta data que se investem em massa em toda a ilha de Cuba. Havana torna-se o local preferido e ideal para repouso dos milionários. Uma carreira de lindos barcos liga a capital á ilha americana de Rey West. Passarelas e outras formas de comunicação ligam as várias ilhas entre si. Um vaivém constante de comboios e de luxuosas limousines se movimentam nestes lugares escolhidos pela alta finança ianque.

Naturalmente que dentro da ilha se dá toda uma profunda modificação resultante desta influência. O açucar cubano passa a ser americano. Em 1930 um quinto das terras pertencia a companhias ou a cidadãos americanos. Sessenta por cento das refinarias eram americanas. Oitenta por cento das restantes viviam graças, apenas a créditos bancários americanos.

Estes numeros avizinhavam-se actualmente dos 80% pouco mais ou menos em todos os ramos da economia. As minas ainda há pouco postas em exploração, os petróleos cujas reservas não são propositadamente exploradas pelas companhias concessionárias americanas, tudo isso reunido faziam com que Cuba continuasse ainda nos nossos dias tributária das refinarias, isto é, a grande parte da vida de Cuba funda-se dos resultados que pode colher das suas culturas açucareiras.

Mas Cuba produz mais açucar que todo o Mundo reunido. O seu potencial industrial é de cerca de 8 milhões de toneladas. O Governo cubano foi obrigado a reduzir a sua produção e a mantê-la em cerca de 5 milhões. Basta um desvio de uns cêntimos na tabela da Bolsa de Nova York para que milhares de famílias cubanas sejam reduzidas á mendicidade. Basta que os Estados Unidos recusem a compra da totalidade de dois terços da colheita cubana para que a ilha fique arruinada. —Esta era a situação de facto...



O estudo das virtudes dietéticas da banana, desde sempre considerada como alimento de alta qualidade nutritiva, tem sido objecto de inumeros trabalhos e análises de sábios e médicos de todo o Mundo.

Todos estão de acordo em declarar que a sua riqueza em calorias, açucares, vitaminas e oligo — elementos minerais fazem da banana, um alimento de primeira escolha, energético para o trabalho manual e intelectual. Protegidas pela pele grossa, são alimentos assépticos, afastados de riscos de intoxicação e contaminação de doenças.

O preço do génio

POR
ALFREDO BRAZ

Quanto vale hoje, para um financeiro ávido de conseguir boa colocação dos seus capitais, o quadro de um pintor que foi desprezado e escarnecido no seu tempo? Qual a cotação, na bolsa mundial do snobismo, da tela de um artista que morreu na miséria? Por quanto estão dispostos a pagar os felizes do Mundo as alucinações de Van Gogh, as angustias de Gauguin, os desesperos de Modigliani?

Tudo isso depende de variadíssimos factores: da oferta e da procura no mundo dos negócios, da moda, do clima «espiritual» do momento, da decoração duma das salas do palácio...

Vejamos. Uma pequena tela de Cézanne, o «Rapaz do Colete Encarnado», sómente 92×73 cms, foi vendida no ano passado, em Londres por 14.250 contos. Altíssima cotação para um pintor que, enquanto vivo, nunca foi tomado a sério.

Poucos artistas terão sido tão injuriados como o mestre de Aix-en-Provença. Para a crtiica do tempd, Cézanne era «um artista de retina doente» e as suas obras não ultrapassavam «a medida das mistificações legalmente autorizadas». Ao avistarem-se os seus quadros, dizem, só uma atitude era aconselhável: «fugir, fugir muito depressa, a fim de escapar á visão de pesadelo dessas atrocidades a óleo».

O pintor que é hoje considerado «o mais caro do Mundo», teve uma triste existência. E' certo que a herança de seu pai o pôs a coberto da miséria, mas não conheceu um unico êxito e chegou a duvidar do seu talento. Todos os anos ele submetia um dos seus quadros ao «Salon» e sempre era recusado. E quanto trabalho representava para esse forçado da pintura a mais pequena tela! O retrato de Ambroise Vollard só foi concluído após 115 sessões de 3 horas e meia cada uma e, apesar disso, quando o retratado lhe perguntou se estava satisfeito com a sua obra, Cézanne respondeu-lhe: «Não estou descontente com o peitilho da camisa».

Se o artista oferecia um quadro a um amigo, este apressava-se a escondê-lo no sotão. Salvo se o amigo era também pintor, porque, nesse caso, raspava a pintura e aproveitava a tela.

Quantas obras-primas, ou melhor, quantos «milhares de contos» se perderam desse modo!

Eduardo Monet, de quem recentemente se vendeu uma obra — «La Rue de Berne pavoisée» — pela bonita soma de 9000 contos, foi o mais escandaloso pintor de todos os tempos. «Le Déjeneur sur l'Herbe», apresentado em 1863 no célebre «Salão dos Recusados», levantou os mais indignados protestos. Da «Olympia», exibido dois anos mais tarde no «Salão Oficial», escreveu um dos mais conceituados críticos desse tempo: «Nunca se viu semelhante espectáculo e de efeito mais cínico. As mulheres em véspera de serem mães e as donzelas, se fossem prudentes, faziam bem em fugir dele». Um unico crítico tomou ostensivamente a defesa de Manet, no «L'Evénement», mas esse chamava-se Emílio Zola e estava também muito mal visto...

Hoje o Louvre guarda trinta telas do chefe dos «impressionistas», do pintor que se reunia com o seu «bando» no Café Querbois e escandalisou toda a gente «boa» por ter pintado em azul a água do Sena. Entre essas trinta telas encontra-se «Le Déjeneur» e «Olympia». Que preço alcançariam agora estes dois escandalosos quadros se fossem leiloados?

Um dos quadros de Renoir, «Les Filles du Durand-Ruel», foi há pouco tempo adjudicado. em New York, por 7.650 contos. Mas o pintor da alegria conheceu dias difíceis, misérias e injustiças.

Também ele fazia parte do famoso «bando» de Manet e expôs, como os restantes, na primeira exposição impressionista, de 1874, no salão do fotógrafo Nadar, do «boulevard des Capucines».

O crítico Alberto Wolff tinha-se referido á exposição nos seguintes termos: «E' esse monte de coisas grosseiras que se expõe ao publico, sem pensar nas consequências fatais que elas podem arrastar! Ontem foi preso um pobre homem que mordia os transeuntes depois de sair desta exposição». Mas o «conceituado» crítico não quis deixar de ministrar ao «pobre» Renoir uma lição de pintura: «tentei explicar-lhe que o dorso duma mulher não é um monte de carne em decomposição com manchas verdes e violáceas, que denotam o estado de absoluta putrefacção no cadáver».

Não, certamente que não havia nada de macabro na obra do pintor que afirmava: «Para mim, um quadro deve ser uma coisa amável, alegre e linda!». Nem de imoral. O macabro e o imoral estavam nos olhos do sr. Wolff.

Deve dizer-se em abono da verdade que o Louvre, um ano antes da morte de Renoir, acolheu um dos seus quadros. Já então o artista estava paralisado pelo reumatismo e, para não abdicar da «deliciosa voluptuosidade da pintura», era com os ombros que ele conseguia imprimir os toques de pincel. E essa consagração quase póstuma não compensa dos insultos, da fome e do retrato da mulher dum sapateiro executado a troco de um par de botas. Porque os comerciantes, nessa altura, ainda não davam mais que um par de botas por um quadro de Renoir...

No dia 25 de Novembro do ano passado — noticiaram os jornais — num leilão aberto na Galeria Sotheby, em Londres, foi arrematada uma tela de Gauguin pela astronómica quantia de 11.600 contos.

Todos sabem a vida horrorosamente miserável que foi a deste grande artista, que tudo abandonou pela pintura. Desesperado, decidiu fugir para as ilhas da Oceania; mas aí a sua miséria foi maior ainda. «Hoje — escrevia ele — estou por terra, fraco, meio gasto pela luta sem tréguas que empreendi, ajoelho-me e dispo-me de todo o orgulho. Sou um falhado».

Quanto desespero não é preciso para um homem de génio chegar assim a descrer de si próprio! Mas ninguém acreditou nele, enquanto vivo. Um amigo a quem Gauguin ofereceu uma tela, dizendo-lhe: «eis alguma coisa que te renderá alguns vinténs depois da minha morte», não sabendo o que fazer dela, colocou-a na casa de banho, de onde, pouco tempo depois, sua mulher a retirou para muito simplesmente a destriur. Um missionário de Taiti, o padre Xavier, a quem ofereceu toda uma série de madeiras esculpidas, embaraçado com toda essa madeira, serviu-se dela para fazer uma pocilga. Que os artistas perdoem a estes ignorantes tais crimes de lesa-arte, porque os herdeiros, certamente, não lhes perdoarão...

Qual é a cotação actual de Van Gogh, «o genial artista maldito entre todos», talvez a figura mais trágica da arte moderna? Esse forçado da pintura, que em dez anos fez a sua aprendizagem artística e pintou cerca de mil quadros, era quase completamente desconhecido na altura da sua morte. No decurso da sua carreira, vendeu apenas uma tela, «As Vinhas Vermelhas», que um amador comprou por 400 francos. Sem o fraterno auvílio de Théo, Vicente Van Gogh teria soçobrado na mais atroz das misérias. Recentemente, um unico dos seus quadros atingiu, no leilão de Londres, o preço fantástico de 9300 contos.

Quando Van Gogh abandonou a Holanda para ir viver em Antuérpia, deixou ficar em casa de seus pais várias centenas de quadros. Mas sua mãe teve de mudar-se e os quadros foram arrecadados em caixotes e confiados á guarda dum salsicheiro. Como ninguém reclamasse o depósito, o salsicheiro vendeu os caixotes a um adeleiro que, por sua vez, queimou algumas telas e vendeu as restantes, á razão de 10 cêntimos cada, a um alfaiate de Bréda. E assim se salvaram algumas obras do ultimo período holandês de Van Gogh.

Pior destino tiveram os quadros com que o artista havia decorado um café parisiense, o «Tamborin», os quais foram vendidos em hasta publica, no próprio passeio, em lotes de dez, ao preço de 50 cêntimos, e acabaram por desaparecer.

Também as telas pintadas no hospício de Saint-Rémy, onde Van Gogh esteve internado, tiveram um triste fim. O artista, em sinal de reconhecimento, deixou-as ao médico-chefe, dr. Peyron, e este entregou-as ao filho, que delas se serviu como alvo de tiro á carabina...

E porque não falar, também, de Amedeo Modigliani, um dos maiores pintores do nosso século, finado de miséria, em 1920 (!), num leito de Hospital da Caridade, em plena «capital do espírito», quando apenas contava 36 anos de idade?

O artista, que vira encerrada a primeira exposição das suas obras na modesta Galeria de Berthe Weil por um chefe de polícia pudicamente imbecil, sob a acusação de pornografia, já não teve ocasião de presenciar as enormes bichas que, em 1958, se formaram em frente da Galeria Charpentier, a mais célebre de Paris, para olhar os seus quadros.

As telas de Modigliani valem hoje milhões, mas o pintor «maldito» que habitava numa sórdida mansarda de'Montparnasse, era sustentado pela caridade dos amigos e pelo trabalho da sua mulher, a fiel e apaixonada Jeanne Hebuterne que, sem coragem para sofrer mais, se lançou pela janela de um quinto andar no dia seguinte ao da morte de «Modi».

E' este o preço do génio: a incompreensão, o insulto, a angustia, a miséria, o desespero e a morte prematura. E' certo que, pouco tempo depois, chega a reabilitação, mas disso já sómente aproveitam os comerciantes de quadros. Porque até lá há tempo de sobra para um Van Gogh desfechar um revólver no peito, um Gauguin morrer na mais atroz miséria e um Modigliani sucumbir de fome.

OS MANDARINS, O TÁRTARO E O CHINÊS

(Continuação da 3.ª página)

vadirão o seu país, por três vezes.

Todos estes argumentos e alguns documentos comprovativos serão apresentados aos Governadores do Reino de forma a que o julguem e o ilibem de qualquer suspeita de traição. Seu desejo era regressar á pátria; temia-se, todavia (e declara-o ao amigo bem por claro) da política despótica e raccionária dos Governadores. Chega a pensar em seguir directamente para o Brasil, para junto da Corte «e não voltar senão com o Principe».

Entretanto, o amigo (Sousa Falcão) escreve-lhe uma carta cujo conteudo só conhecemos indirectamente através da resposta que lhe dá Gomes Freire; nela falar-lhe-ia na necessidade do seu regresso a fim de ajudar, com o seu prestígio, a instaurar uma nova situação política. Andrade, ou por simulação (não fosse a carta cair nas mãos da Polícia portuguesa) ou porque o corpo lhe estivesse a pedir descanso (tenção difícil de manter num carácter irrequieto como o seu), manifesta-se pela negativa. O que afirma, porém, tem muitíssimo interesse, sob dois aspectos: de um lado, porque documenta indirectamente (como atrás se disse) a continuidade das manifestações revolucionárias da burguesia liberal; do outro, porque é uma profética visão do fatal destino de Gomes Freire, a que, por momentos, teóricamente, procurou furtar-se. Eis as suas palavras:

«Achei muita graça no teu sonho, e fez-me tanta impressão que sonhei outro, na mesma noite, que te vou contar, e em que acharás talvez alguma analogia com o que tiveste. Sonhei que me achava na China, aonde uma grande provincia tinha sido invadida pelo inimigo, e, achando-se esta desprovida de tropas, o Imperador chamou em seu socorro os Tártaros, seus aliados; estes vieram promptamente, deitaram fora os taes inimigos dos Chinas e, como o Imperador tinha tido pouco cuidado no seu exercito, deram-lhe um cabo, escolhido entre elles, para lhe organizar e disciplinar as suas tropas; o Imperador agradou-se tanto deste Tartaro que, além de muitas honras e poderes que lhe concedeu, fel-o mandarim, escreveu-lhe uma carta em que lhe dizia que *ilustrasse com os seus conselhos os 4 mandarins e os animasse;* **e portanto, pol-o acima delles, de que os Mandarins Chinas não gostaram e, para lhe fazer pirraça, lembraram-se de mandar chamar á Pérsia um China que ali militava e que elles tinham em conta de tão grande militar como era o tal Tartaro; porem este, que era muito vivo, fiado nos seus poderes, que eram os mesmos que algum dia se concediam aos Ditadores Romanos, arma uma trempe ao pobre China, prende-o e põe-o em conselho de guerra, e vendo os mandarins que o Tartaro pugnava pela sua authoridade, calaram-se todos muito bem calados, e o pobre China foi fuzilado, sem que ninguém punisse por elle, e eu, acordando ao estrondo dos tiros, assentei de nunca jogar as cristas com Generais Tartaros, mas sim de pendurar, logo que chegasse a Lisboa, a minha espada á parede, para a deixar enferrujar, bem á sua vontade!... Que me dizes do sonho?».**

E que dizemos nós, hoje? Parece que se esboçava entre os 4 Mandarins do Rocio (os Governadores) uma tentativa de resistência ao General Tártaro (Beresford), feito Mandarim (Marquês de Campo Maior) e que, nesta conjuntura, se lembravam de recorrer a qualquer general china (Gomes Freire, por exemplo) para cimentar o seu poder, num «putchezinho» de caserna. Gomes Freire, porém, não estaria interessado em «putches», mas numa revolução liberal, ainda que moderada. E alheia-se do «sonho».

AUTOMÓVEIS
DE ALUGUER
Para todo o País e Estrangeiro
Serviço permanente
Humber, Vauxall e Mercedes Benz
Epifânio Soares Correia
Vila Real St.º António — Telef. 10
Tavira — Telef. 180

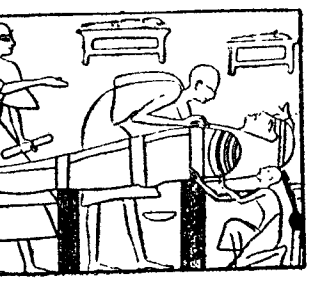
No centenário do petróleo

Os 3.000 anos (pelo menos) desse jovem centenário

EM sem duvida um certo lirismo a evocação que por toda a parte se faz do centenário do petróleo. Compreende-se aliás, que se queira uma data de nascimento «civilização petrolífera», que ocure o ponto de partida da eia do petróleo». Nesse sentido também próprio da natureza ma a satisfação de se poder qualquer dos seus grandes ros. Até agora esse homem do Edwin Laurentine Drake.

O «coronel» Drake

ia 27 le Agosto de 1859 caiu sábado. A meio da tarde, um ureiro de quarenta anos que feitava com o título de «coro- — título comprado pela com- para impressionar as rudes ações florestais das colinas ensilvania onde iniciadas as isas — deu-se conta de que a menta empregada na brocacomeçava a fazer menos ruíandou suspender os trabalhos

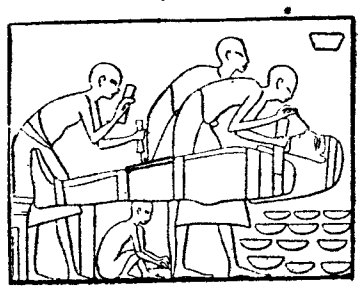


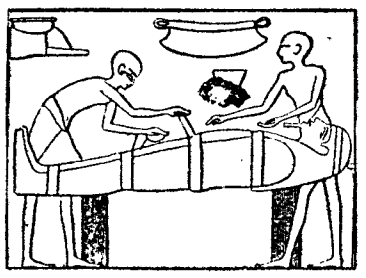
e aos operários que voltassem abalho na segunda-feira de ã.

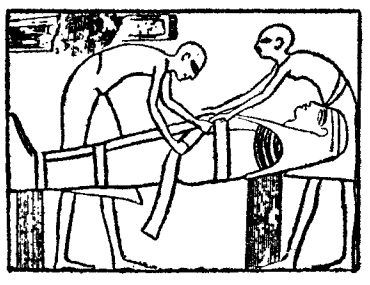
*

mais de um ano que esta es- personagem se encontrava rviço da Pensilvania Rock Oil any. Um ano difícil, utilizanrramentas rudimentares: um de árvore servia de alavancbalanço e um outro tronco curto estava equipado com aste de ferro onde se adaptabroca. Numa das pontas deste pendia uma correia com um o onde a brocador metia o broca era accionada por meio ções bruscos com os braços. sto o «Ricking down». A cafanão a broca bate na rocha e, para de novo cair sob o peso do ramo mais comprido da alavanca.

Este furo é a sua ultima esperança. Todos os seus anteriores esforços foram vãos. A companhia tinha-o chamado para lhe comunicar que era ilutil prosseguir. Mas Drake era um homem voluntarioso. Pede emprestado 500 dólares e prossegue nas pesquisas. Dão-lhe um prazo até fim de Agosto. Não é sem dificuldades que aquele furo tem prosseguido. Foi necessário esgotar todo um grande lençol de água. Os lenhadores da região chamam-lhe o «Drake maluco». Mas não era preciso ser-se maluco para se teimar em furar a rocha até







encontrar... petróleo. Por toda a parte, nos vastos espaços do Novo Mundo se encontravam homens que se cansavam a cavar em busca de água salgada e que consideravam uma catástrofe quando em vez do sal procurado encontravam esse liquido escuro e mal-cheiroso.

Nessa tarde de 27 de Agosto de 1959, o poço tinha atingido a profundidade de 23 metros (alguns dizem 30) e a sonda acusava um som cavo. Devia ter encontrado uma fenda... No domingo de manhã, inclinando-se sobre o poço, Drake verificou que o petróleo subia até a cima.

Era a vitória!

Foi este acontecimento que se comemorou no ano passado com grandes cerimónias, nos Estados Unidos com a emissão de um selo especial e em vários países com inumeras publicações alusivas. Em França foi mesmo aberta uma exposição de «pintores do petroleo» sob o patrocínio da Shell naturalmente também em intenção do dito centenário.

Ora não é justo esquecer os predecessores do famoso «coronel» Drake, nem ignorar as várias explorações desse óleo de pedra «petra oleum» levadas a efeito em toda a parte e desde a antiguidade.

*

Desde os tempos mais remotos que nas margens do Jordão e do Mar Morto se recolhe uma substancia mole, espécie de pès ou betume que servia para calafetar os embarcações. Já na Biblia se faz referência a esse uso ao falar-se na construção da famosa Arca de Noé.

«Então, Deus, disse a Noé: faz uma arca de madeira, dividirás essa arca em compartimentos e a untarás por dentro e por fora» (Génese VI-14).

Segundo se diz, teria sido desta forma que a Humanidade se salvou do Diluvio. Há ainda uma outra lenda contando que Mojsés teria escapado á matança ordenada pelo rei do Egipto porque sua mãe não sabendo mais onde escondê-lo «Fez uma cesta de junco que untou com betume e pês» (Exodo II-2).

Ainda hoje os barcos utilizados na navegação no Tigre, em Bagdad e Bassorá não serão muito diferentes das embarcações daqueles tempos. São verdadeiros cestos redondos, feitos de fibras de palmeira entrelaçadas, cobertos de uma camada de betume.

Todos os navegadores mediterranicos conhecem as qualidades dessas substancias para estancar as águas nos navios, e talvez fosse

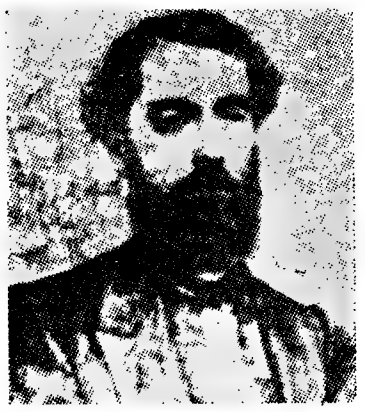
por LLOYD THOMAS

por razões de natureza técnicas que os Fenícios se tornaram ousados marinheiros, capitães de longo curso e comerciantes extraordinários. Nos seus barcos velozes transportavam nafta até ás «Colunas de Hercules», utilizavam o betume na fabricação de joias e deram ao velho petróleo um lugar destacado nos seus rituais funerários.

Os piratas das costas argelinas tinham o costume de calafetar os seus barcos com produtos betuminosos que encontravam perto da embocadura do Chélif ou em Ain Zeft.

*

Bizarro produto era esse betume.



«O CORONEL» DRAKE

Só aparecia em terrenos tornados estereis, onde as flores e as searas morriam. Era apenas fonte de fogo, e de fogo inapagável. O que era a sarça ardente de Moisés senão um archote impregnado de betume? «Moisés olhou, e eis que a sarça ardia sem se consumir» (Exodo III-2).

Um dos lugares mais célebres da antiguidade foi certamente a península de Apchéron. Situava-se na costa ocidental do mar Cáspio. O terreno era impregnado de nafta, aqui e ali com jactos de gás e por toda a parte nascentes de óleos minerais, de água quente e vulcões de lama. Foi nessa região que, mais

tarde, se fundou a cidade de Baku.

As fontes naturais de gás, acesas outrora, eram motivo de grande espanto e por toda a parte espalhavam o terror. Plutarco conta na sua «Vida de Alexandre» que «Desses abismos saiam continuamente grandes bolas de fogo que fluiam como uma nascente inesgotável. Muitos conquistadores como Pompeu vieram propositadamente contemplar o fogo eterno que ardeu muito tempo ainda depois deles no Santuário de Atesb-Gab. Strabon fala dos estranhos homens que viviam nessa região: «são sagrados e inatacáveis mesmo pelos povos

(Continua na página seguinte)

DISCO DA SEMANA

DUETO

A LUCINDA CAMAREIRA ENCONTREI A MARCELINA

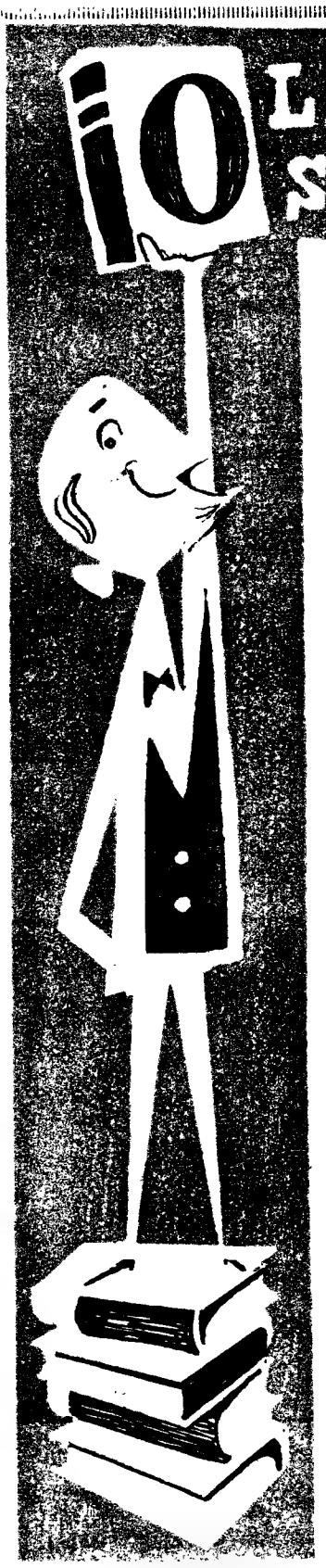
Fernanda Maria
Alfredo Duarte Júnior

Dois conhecidos artistas que dispensam já apresentação, gravaram estes duetos que lhes valeram considerável êxito, no restaurante típico «A SEVERA». A história, algo intrincada mas colorida e, ao que parece, verídica, da Lucinda Camareira

«A camareira que fugiu por amor
Com um cigano alquilador
Que andava de feira em feira»

serve de traço de união aos dois números, que são cantados no estilo do fado «rigoroso».

ESP. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
R. Nova do Almada, 97



A VIDA QUOTIDIANA

grande colecção de reconstituições históricas uma visão nova do passado

1
A VIDA QUOTIDIANA DOS AZTECAS NAS VÉSPERAS DA CONQUISTA ESPANHOLA
por Jacques Soustelle

2
A VIDA QUOTIDIANA NO EGIPTO NO TEMPO DOS RAMSÉS
por Pierre Montet

3
A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO
por Émile Mireaux

4
A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DOS ÚLTIMOS INCAS
por Louis Baudin

5
A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO
por Jérome Carcopino

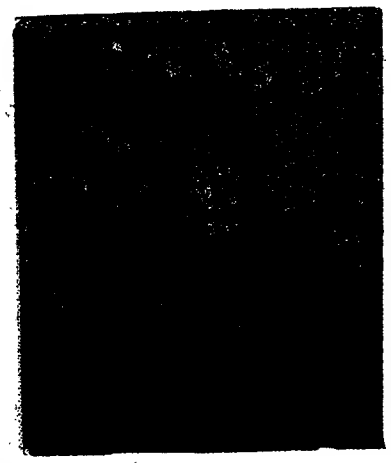
6
A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC
por Marcelin Defourneaux

7
A VIDA QUOTIDIANA EM CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL
por Gilbert e Colette Charles-Picard

8
A VIDA QUOTIDIANA NA RÚSSIA NO TEMPO DO ÚLTIMO CZAR
por Henri Troyat

9
A VIDA QUOTIDIANA NA ALEMANHA NA ÉPOCA ROMÂNTICA
por Geneviève Bianquis

LIVROS DO BRASIL



Foi com bastante dificuldade que conseguimos encontrar casa; contudo não lamentei o tempo perdido a procurá-la pois era verdadeiramente a casa que sempre tinha sonhado: Paredes baixas, muito branca, quase quadrada, com um grande jardim e uma encantadora vedação em madeira pintada de verde. O proprietário não pôs grandes entraves. Estava em dificuldades de dinheiro e fez mesmo todo o possível para nos demonstrar que era apenas por isso que concordava em a alugar a nós. Para mim, esse género de humilhação não era inédito, mas sentia-me demasiado feliz para lhe dar importancia.

Instalámo-nos rápidamente. Tinha tantas vezes imaginado como devia arranjar a minha casa que as coisas se ordenaram quase que

mágicamente: Cortinas alegres, tecidos garridos para os divãs e poltronas e, depois de tudo em ordem, um pouco de flores por toda a parte, nos meus vasos de cobre avermelhado que sempre me acompanhavam como se fossem outros tantos pequenos sois.

Quando fazia as compras, os comerciantes não eram muito amáveis comigo, mas mostravam-se correctos. Estávamos em Julho, as crianças estavam em férias e todas as tardes ia esperar John á chegada do comboio. Era ele sempre quem conduzia o carro no regresso a casa e eu apoiava a minha cabeça no seu ombro. Viviamos felizes e tranquilos.

Feliz, próprimente, sempre o fui desde o primeiro dia do nosso casamento, dez anos antes, e nunca tinha deixado de o ser, mas o sossego era para mim uma sensação raramente experimentada. Desta vez sentia-o em todos os momentos da minha vida. Era uma sensação deliciosa. Cantava de manhã ao levantar-me e cantarolava todo o dia fazendo o comer ou tratando do jardim.

*

Terminadas as férias acompanhei ás escolas Bárbara e Tony que têm seis e nove anos. Tony era aguerrido e não era por ele que temia aquele dia; temia-o sim por Bárbara que se mostrava de um temperamento muito sensível.

Pensando nela, tinha feito um pequeno discurso embora mal ordenado, destinado a preveni-la, sem a chocar. Mas o seu coraçãozinho transbordava de entusiasmo com a ideia de ir ter novas amiguinhas.

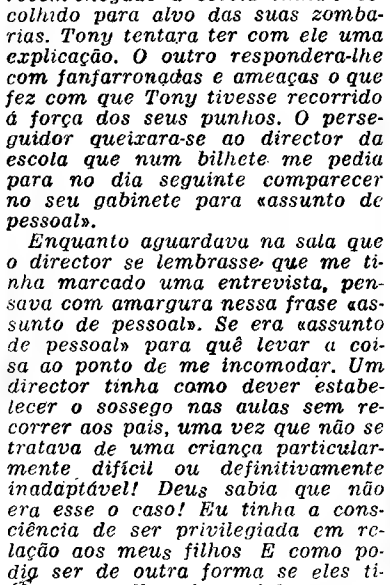
O sossego abandonou-me nesse dia, mas quase chorei de alegria quando á tarde vi chegar os meus filhos, ambos radiantes: O professor era admirável, a professora gentilíssima; os rapazes eram correctos e as rapariguinhas tinham admirado muito os caracois de Bárbara.

John ouvia tudo isto com um olhar que procurava o meu e que queria dizer:

— Querida, não tinhas, afinal, motivos para te inquietares.

Não tinha motivos, aí de mim! Três dias depois, tudo começou a alterar-se. Uma garota até então amável para Bárbara fez-lhe uma observação que ela não chegou a compreender. Tive necessidade de lhe explicar, mas uma explicação desajeitada da minha parte, pois estava demasiado emocionada para poder ser clara e precisa. Teria feito melhor se lhe tivesse dado uma resposta evasiva. Tantos pais assim fazem para evitar as dificuldades. E no fim de contas ás vezes os resultados são melhores.

Bárbara escutava-me com uma dolorosa atenção e via, ao fim das minhas explicações, baixar a cabeça e metê-la entre os ombros como uma tartaruga receosa. John não tinha ainda regressado e decidi não lhe contar o acidente. Mesmo sem lhe dizer nada, Bárbara também nada lhe disse. Esta precocidade fez-me compreender até que ponto tinha sido atingida a sensibilidade de minha filha.



Quanto a Tony, tentou galhardamente esconder-me, durante vários dias, o que com ele se passava nas aulas. Depois, angustiado, desabafou, contando-me tudo: Um aluno recém-chegado á escola tinha-o escolhido para alvo das suas zombarias. Tony tentara ter com ele uma explicação. O outro respondera-lhe com fanfarronadas e ameaças o que fez com que Tony tivesse recorrido á força dos seus punhos. O perseguidor queixara-se ao director da escola que num bilhete me pedia para no dia seguinte comparecer no seu gabinete para «assunto de pessoal».

Enquanto aguardava na sala que o director se lembrasse que me tinha marcado uma entrevista, pensava com amargura nessa frase «assunto de pessoal». Se era «assunto de pessoal» para quê levar a coisa ao ponto de me incomodar. Um director tinha como dever estabelecer o sossego nas aulas sem recorrer aos pais, uma vez que não se tratava de uma criança particularmente difícil ou definitivamente inadaptável! Deus sabia que não era esse o caso! Eu tinha a consciência de ser privilegiada em relação aos meus filhos E como podia ser de outra forma se eles tinham o melhor dos pais?

Foi o que expliquei uns momentos depois ao director. Fugia de olhar para mim, brincando com um lápis entre os dedos, embaraçado na sua má fé. Contudo, não era um homem mais perverso que outros que tanto mal já nos tinham feito.

Era simplesmente um homem incapaz de compreender o problema. Estava esmagado por uma longa tradição de medo e mesquinhez. Um receio ancestral por um futuro diferente em que lhe pudessem, mesmo em parte, atribuir responsabilidades. Eu sabia tudo isso, razão por que a minha revolta era fraca, sem, contudo, ser frouxa.

No entanto, pensando na minha

família, tornei-me, a certa altura, violenta.

— Não seja agressiva, disse o director com uma carranca identica á que devia fazer com as crianças recalcitrantes.

Vieram a seguir os elogios á minha própria pessoa. Tudo se passava na forma habitual. Sentia prestes a fatídica pergunta de sempre:

— Se me permite, como é que a senhora?...

Por vezes era brutal, mesmo grosseiro, mas a pergunta era sempre a conclusão.

Desta vez fui eu quem a evitou interrompendo a conversa. O director acabava de me perguntar, se como medida de prodência, eu não via uma possibilidade de instruir os meus filhos em casa, aguardando... o quê? não sabia claramente. Respondi categóricamente que a questão não era essa. Os meus filhos deviam continuar a ir á escola como os outros. Os seus direitos eram os mesmos que os das outras crianças. O director nada respondeu. No limiar da porta inclinou-se diante de mim com um ar contristado. Mentalmente, apresentava-me as suas condolências.

No Domingo seguinte levei toda a gente para um «pic-nic» á beira do rio. Fazia ainda bom tempo e não éramos os unicos. Vi os meus vizinhos que nunca me tinham endereçado mais que uns vagos bons dias. Não muito longe de nós comiam alegremente grandes san-

duiches. Tinham mais ou menos a mesma idade que nós e dois filhos, um bebé que dormia e uma garota de três anos. Apercebi-me subitamente que esta se tinha aproximado de nós e olhava meu marido. Este cantarolava. John tem uma bonita voz e a garota, fascinada, escutava as notas graves que saiam fácilmente, subindo e descendo de volume. Abanava a cabecinha loura como para aprovar. John calou-se e ela disse «mais» com uma vózinha clara e imperiosa.

Muito naturalmente, John sorriu-lhe e sentou-a sobre os joelhos. Em dois saltos o pai aproximou-se:

— Largue a minha filha!

John sorrindo sempre, mas já não com o mesmo sorriso, colocou a menina no chão. Eu nada disse por causa de John. Apertava entre os dedos uma haste de erva como se fosse o pescoço desse homem. Este, fez a seguir qualquer coisa de horrível. Perguntou á garota:

— Ele beijou-te?

— Sim, disse a criança.

O pai tirou um lenço da algibeira e lentamente, deliberadamente, esfregou a face da filha no ponto da presumível mancha.

Antes que tivesse podido evitá-lo, John, como um louco, atirou-se ao vizinho e socava-o com toda a força dos seus punhos, gritando-lhe injurias. O homem deu-lhe uma bofetada.

Um instante depois estavam ambos envolvidos em desordem enquanto a vizinha gritava por socorro, e eu tentava, em vão, separar os contendores.

A polícia desse pequeno local está bem organizada. Um carro chegou quase imediatamente e os dois agentes que dele sairam vinham armados de «casse-tête». Ambos se dirigiram de tácito acordo para John que, soberbo e desdenhoso, olhava o seu adversário, no chão, esfregando os queixos.

Coloquei-me na frente de meu marido. Mais que o «cass-tête» o que eu temia eram as balas que partiriam ao menor pretexto. Sobre mim não ousariam atirar.

No momento em que o primeiro agente ia abrir a boca para gritar qualquer coisa, uma voz se ouviu:

— Alto!

Um homem alto e loiro, de rosto correcto, interpôs-se. Nunca o tinha visto. Perante a atitude dos polícias compreendi que seria uma importante personalidade local.

— Eu vi tudo — e apontou para o nosso vizinho — Ele é que provocou este senhor.

O outro que entretanto se tinha levantado disse impacientemente:

— Não sei que jogo faz, senhor Logan, mas se julga que a sua eleição será favorecida com esta intervenção em favor desse...

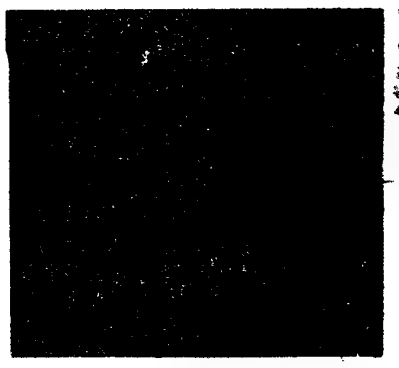
— Ser eleito por você, Malone, atalhou o que se chamava Logan, seria, depois do que vi fazer, uma injuria para mim. Não é por pessoas como você que quero ser eleito e se aqueles que me desaprovam estão em maioria, então ficarei satisfeito se não for eleito.

Uma pequena multidão se juntara, ouvindo em silêncio. Logan dirigiu-se para meu marido e estendeu-lhe a mão.

— Estou contente por travar conhecimento consigo — disse. — Tenho um garoto da idade do seu que vai em breve voltar para casa. Espero que o seu filho queira ser amigo dele.

Foi por causa de Eric Logan que ficámos. Não foi eleito e só o temos a ele e á família por amigos. Mas ficámos tanto pela sua amizade como para o ajudar no seu esforço. Depois da sua atitude não podiamos fugir como vencidos.

Talvez que um dia os nossos filhos possam rir com um pouco de piedade e de incredulidade ao evocar estes casos, mas apenas as mulheres na minha situação podem saber o que custa amar e ser mulher de um Negro.



No centenário do petróleo

(Continuação da página anterior)

selvagens mais próximos. E não só eles mas todos quantos lá se refugiam. Possuem altares consagrados á alma eterna da luz, que é considerado o princípio inefável do bem, purificador e vencedor do mal. São seres pacíficos e fogem do contacto com os outros homens... Julgam-se no eixo do Mundo, os marcos da revolução dos astros. Porque possuem o fogo da terra é-lhes desconhecida toda a discórdia assim como toda e qualquer doença. Só morrem por saciedade da vida...».

Embalsamadores de múmias e engenheiros de trabalhos públicos

Os estudos de linguísticas forneceriam curiosas informações sobre a etimologia dos termos usados para designar os produtos petrolíferos. A palavra nafta é de origem caldeia «nephta), anterior portanto ao latim e ao grego. O Mar Morto chamava-se ainda o lago Asfaltico, e asfalto é palavra orega. O termo alcatrão que se não designa o produto proveniente da distilação da hulha como se julga, geralmente, mas sim a matéria betuminosa, é de origem árabe (qatran ou qatiran; árabe do Egipto) escrevia-se Catram no século XII, Gotrem no século XIV e Soudran no século XVII. A palavra mumia vem da egípcia mum — ou do persa moum — espécie de cera, dizem, mas o mais provável é que fosse uma espécie de betume ou preparado de betume. A arte de embalsamar tinha no antigo Egipto uma técnica muito apurada. O corpo dos mortos ilustres, depois de lhe tirarem as vísceras, era lavado com vinho de palmeira e polvilhado de pós aromáticos. Enchiam o ventre e o peito de serradura misturada com myrra, e o cadáver assim preparado era depois coberto com uma camada de betume líquido. Finalmente envolviam-no com ligaduras e assim se conservava. Era portanto o betume a matéria que desempenhava o papel de agente principal na conservação das mumias. O uso do betume nos trabalhos de embalsamamento foi assinalado por Xenofonte e ainda por Cícero.

O betume foi igualmente um material de construção. Servia para o assentamento de tijolos nas casas caldeias. A Bíblia relata que as famílias dos filhos de Noé o utilizaram para a construção da Torre de Babel: «como tinham partido do Oriente encontraram uma planície no país de Schinear e ali habitaram. Disseram um para o outro: «vamos fazer tijolos e cozê-los» no fogo». E o tijolo servia-lhes de pedra e o betume de cimento. E disseram ainda: «vamos construir uma cidade e uma torre cujo cimo toque no céu»... (Génese-II-2-3).

O betume era utilizado também para tornar estanque os reservatórios da Fenícia e as cisternas da Arábia e de Media, e parece que para estabelecer canais de irrigação na Caldeia.

O betume foi já empregado para construir estradas na mais remota antiguidade. Não apenas na Caldeia mas também entre os Incas, que misturavam o betume á cal e á areia.

Foi preciso esperar-se pelos meados do século XIX para que os primeiros revestimentos de betume— o asfalto, como dizemos — aparecessem na Europa Ocidental. As primeiras experiências foram realizadas pelo engenheiro suíço Merian, em 1849.

Em Paris, chamada capital do Mundo, a primeira rua revestida a asfalto foi a Rua Bergére, em 1854, há pouco mais de cem anos, portanto.

A seguir:

Os antepassados do «Napalm»
Para curar todos os males...

CONSTANTE: ANGUSTIA

POR EDUARDO PRADO COELHO

Os teus cabelos caíam
esguios
Percorridos pelos dedos
frios
Das gargalhadas que vinham lá de fora
Charcos de sangue comentam desgostos
giram as flores do jardim do sono
ponteiros são os juízos impostos

dos pensamentos espalhados sem dono
a fúria desenhada em cada folha
tem a força e grandeza dum colo
braços apertam-se em trágica escolha
da melhor folha que caiu no solo

Meus dedos, porque os não sinto?
Andam fugidos, vadios.
Já tenho a morte comprada
dentro dos meus dedos frios.

1

Para a frente com a novíssima antologia de poetas!

Foi recebida com muito entusiasmo a notícia que, sobre este assunto, publicámos na semana passada. Já recebemos as primeiras listas de compradores da «Antologia». Num destes próximos numeros passaremos a publicar a totalidade de inscrições registadas, indicando o numero e o nome dos Amigos a quem devemos essa fundamental colaboração.

Pois bem, caros Amigos: é preciso que continuem a dar o vosso dedicado auxílio, da forma seguinte:

1.º — *Que nos mandem poemas os jovens que mencionámos no numero anterior.*

2.º — *Que os Amigos estimulem jovens seus conhecidos, ainda não inscritos no ficheiro do nosso jornal, a que nos enviem produções da sua autoria.*

3.º — *Que todos, sem excepção, colaborem na angariação de listas de inscrições de compradores.*

Para a frente, pois, com a «Novissima Antologia de Poetas», testemunho de que os jovens de hoje possuem real valor.

2

Aos amigos do Porto

Na antepenultima reunião dos Redactores de Lisboa, do «Juvenil», tivemos muita alegria em registar a comparência da nossa Amiga n.º 67 — Margarida Lora, do Porto. Julgamos que este encontro deu positivos resultados: ficámos, por um lado, a conhecer de viva voz o que pensam os nossos colaboradores da capital do Norte e, por outro, a Margarida teve oportunidade de conhecer como decorrem as reuniões, cá em Lisboa, e a forma como procuramos realizar trabalho util.

A respeito dos redactores do Porto afirmámos-lhe o seguinte: que a redacção do «Juvenil» é só uma. Quer dizer: os colaboradores do Porto e de Lisboa constituem «a» redacção do nosso jornal.

3

Hoje ainda não é possível...

Fazer a habitual crítica da colaboração recebida. Falta de espaço e falta de tempo.

JUVENIL

UM BOM AMIGO

ANTÓNIO VINAGRE AZEVEDO • 19 ANOS

Olhei o relógio. Onze horas e quarenta e cinco minutos. Saiu. Na rua, o vento zunia. Estava deserta e escura como breu. Perto, ouvi miar. Logo, na escuridão, faiscaram os olhos do bichano. Acendi um cigarro. Indeciso, não me atrevia a sair de onde estava. Tinha de sair para avisar a Maria. Ia comunicar-lhe que partia para o Brasil. Encaminhei-me para sua casa. Por onde passava, nem viv'alma. Numa ou noutra janela, via luz. Começava a chover. Chuva miudinha. Apressei o passo, quando de velha torre se ouvia, uma a uma, as badaladas da meia-noite. Ao dobrar a esquina, embirrei com alguém que se cruzava comigo. Soltou uma praga!

— Não tem olhos, seu cego?

Pela voz enrouquecida reconheci o tio Anastácio com mais uma das suas «meninas» (como me dizia seu filho Alberto). O cigarro apagou-se. Guardei a ponta. Todos os sábados, o tio Anastácio aparecia bêbado. Recolhia a casa sempre á noitinha. Um relampago interrompeu os meus pensamentos, iluminando a aldeia. Logo, ao longe, o ribombar do trovão se fez ouvir. Decorridos dez minutos, a chuva cessara. Com o lenço, limpei a cabeça e o pescoço. Ao chegar perto da porta da casa de Maria noitei, pela janela, que ainda tinha luz acesa. Bati. Uma goteira pingava-me na cabeça, salpicando-me. Agora um raio de luz saía pela greta da porta. Maria acendera a luz. Abriu a porta. Tinha na mão um livro. O dedo indicador marcava onde estivera a ler.

— Boa noite — disse.

— Com um tempo destes — respondeu-me sorrindo. — O que te traz por cá a uma hora destas?

Não respondi logo. Limpei os sapatos na capacha velha e ensopada. Ela encaminhou-se para a sala de onde vinha luz. Segui-a. Na sala estava tudo em ordem. Sentei-me sobre o divã. Depois de ter posto o livro no pequenino armário, ela veio sentar-se junto de mim.

(Continua na 7.ª página)

Variações sobre velhos temas os Pigmaliões ou a nova Vaga

por FERREIA FERNANDES

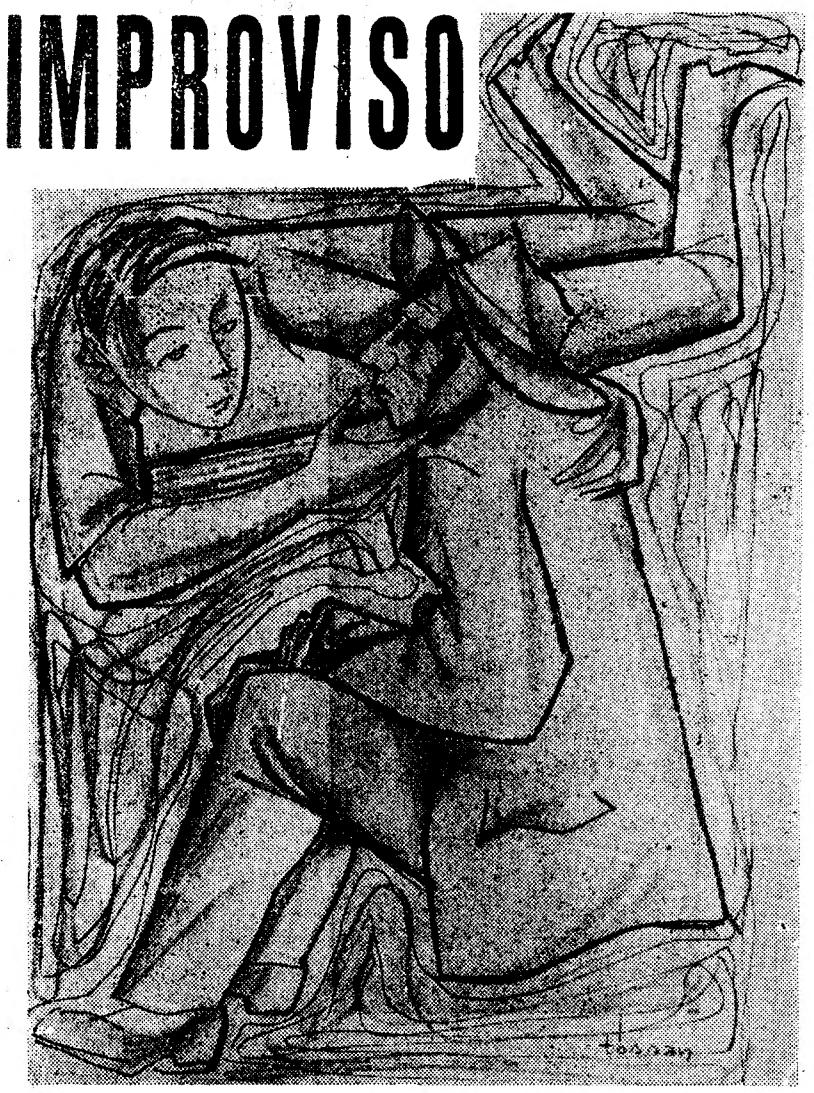
PIGMALIÃO estatuário da ilha de Chipre e figura mitológica, jurou ficar solteiro. Mas tendo modelado em marfim, com todo o carinho, uma bela estátua de mulher, apaixonou-se de tal forma pela sua obra que a Deusa Vénus compadecida, deu alma e vida a esse pedaço de marfim, que se chamou Galateia e foi sua mulher. Sobre esta lenda fez Bernard Shaw uma imortal obra a que deu o título de «Pigmalião».

DE tempos a tempos é certo e sabido que esta cosmopolita Lisboa é agitada pela visita de importantes ou espalhafatosas figuras em destaque nesta bola já muito antiga chamada Terra. Afirmá-lo é lugar-comum.

Pois há dias o caso repetiu-se. No aeroporto da Portela, completamente pejado de adoslecentes do 2.º escalão (menores de 17 anos), um avião igualzinho a tantos outros, pelo menos por fora, aterrou suavemente. A multidão encharcada até aos ossos (porque persiste a chuva em desacreditar-nos turisticamente?), remexeu-se nervosamente. Enquanto a escada de acesso

(Continua na página seguinte)

IMPROVISO



por ARMANDO MANUEL MORA DE OLIVEIRA
Amigo n.º 1704 — (14 anos)

Olhando as estrelas, eu sonho.
Que sonhos bonitos que eu tenho!
Tão bonitos, que os não posso contar.
Vejo casas doiradas, herois de encantar
Contudo, fico triste a pensar:
Aquele velho ali, na esquina,
Olha também o céu a meditar
Porém, com ou sem razão,
Nada mais faz que chorar.
Invade-me a desconfiança,
É bom, é mau ter esperança?
Fico na dúvida — cobarde!
Não tenho vontade para gritar
— Sim, vive, respira, tem confiança!
Absorto nos meus sonhos,
De tudo me esqueço,
(— e é feio não comer e estudar!)
Que sonhos tão bonitos)!
Oh! Nem os quero contar.

Os Pigmaliões

(Continuação da página anterior)

se colava á ave metálica e a portinhola se abria devagar, novo estremeção, este mais forte, abalou a mole de gente. E eis então que salta lá de dentro, qual caixinha mágica, a «Desejada» por estes sebastianistas (passe o termo...) de palmo e meio. Em carne e osso ela aí está; a sofisticada, erótica e pré fabricada B. B. de sorriso (e casaco) amarelos e chapéu cobrindo o penteado?! Cuidadosamente despenteado, integralmente igual ao das meninas que a esperavam. O resto é do conhecimento geral. Correrias, gritinhos agudos, aplausos, pedidos de autógrafos, enfim, cenas que a Imprensa, a Rádio e a TV se incumbiram de espalhar aos 4 ventos com todas as minucias, livrando-nos felizmente de tal coisa, que seria deveras enfadonho. Mas se a B. B. não é a causa destas linhas poderá ser o pretexto de falarmos na nova vaga, da qual o Pigmalião (o conhecido Vadim) destas doenças da época é um dos representantes.

Esta «nouvelle vague», rótulo ambíguo dos modernos realizadores franceses (Malle, Truffant, Chabrol e outros), pretende, através duma dissecação de certos sectores sociais, criticar os aspectos negativos desses mesmos sectores, o que é, aliás, louvável. Mas se o fim é louvável, o mesmo não se poderá dizer dos meios a que lançam mão. Sequências como as de «Les Amants», de Malle ao invés de criticarem alguma coisa, apenas deixam muito a desejar em matéria de educação sã, pois se «Et Dieu crea la femme» não foi concerteza para ela fazer as coisas que a B. B. faz! Será essa moral ao contrário, a forma de reagirmos mais directamente contra o mal?

Á pergunta responderemos com outra: é absolutamente necessário mostrar os erros com tal violência, diremos até com tão desproporcionado exagero..., para que nos emendemos?

Mas, afinal, somos ou não seres racionais? Aos irracionais é que, para ensinar-lhes a não sujarem o ladrilhado da cozinha, se afocinham nos excrementos, assustando-os. A nós que nos vangloriamos de pensar, será preciso fazer tal coisa? Não temos, por acaso, uma consciência e um remorso que julga os nossos actos? Não temos uma religião que nos ampara moralmente?

Se nos basta a consciência, o remorso e a religião para encontrarmos o caminho da remissão, só ingénuamente podemos acreditar que com filmes onde a Bardot e C.ª aparecem género bananas descascadas, esse caminho seja vislumbrado.

O «streap-tease» na tela só se justifica então ou para salvaguardar o aspecto comercial da película (para não dizermos coisas piores) ou para criar vedetame pelo pornografismo. Se a primeira hipótese é má, a segunda não deixa de ser pior, para mais quando os cinéfilos conscientes tanto se empenham em neutralizar os efeitos perniciosos de artistas semi-deuses.

Pois bem, chegou a hora de acabarmos com escapismos intelectuais. Nós sabemos, e o Vadim (responsável pela Bebelatria) também, que o erotismo que impregna os filmes da N. U. só servirá para propagar a corrupção e o vício em vez de os combater.

Dever-se-á atribuir isso á precária com que a propaganda revestiu a educação dos jovens? Talvez, mas a

(Continua na 7.ª página)

CONCURSO

HOUVE UM HOMEM QUE...

Nos amargos tempos da dominação filipina houve um poeta e prosador português que na dedicatória da sua obra mais conhecida escreveu estas palavras:

Depois que faltou a Portugal a Corte dos Sereníssimos Reis, ascendentes de V. Excelência (da qual as nações estrangeiras tinham tão grande satisfação e as vizinhas tão igual inveja), retirados os títulos pelas vilas e lugares do Reino e os fidalgos e cortesãos por suas quintãs e casais, vieram a fazer corte nas aldeias, renovando as saudades da passada com lembranças devidas áquela dourada idade dos Portugueses...

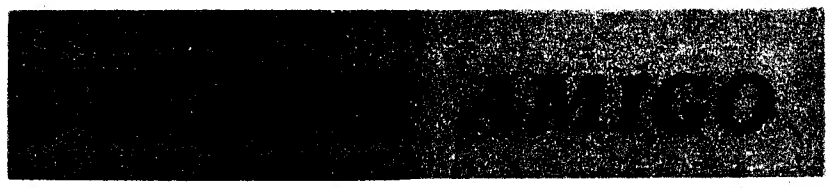
Deste poeta, autor duma belíssima variante das redondilhas camonianas. «Descalça vai para a fonte», publicamos também o autógrafo.

Quem foi?

Que pretendeu reviver na obra acima citada?

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 6 de Maio, acompanhadas do nome, morada, data do nascimento dos concorrentes e seu numero de ficheiro (caso o possuam já). E' também obrigatória a menção dos três artigos, poemas ou contos que mais lhes agrararam neste numero.

Haverá os habituais prémios, haverá um, especial, para a melhor resposta á segunda pergunta que fazemos.



(Continuação da 1.ª página)

— Vou para o Brasil!

Começou a rir ás gargalhadas. Não acreditava. Havia mais de dois anos que lhe dizia o mesmo. Eram tantas as vezes que, por fim, começou a achar chalaça. Não! Agora não o era. Um rapaz amigo da aldeia que há dois anos tinha ido clandestinamente para o Brasil mandara chamar-me. Escrevera dizendo-me que eu lá fácilmente arranjaria trabalho. Ele próprio mandara dinheiro para as minhas passagens. Um bom amigo, o Carlos. Não se esquecera de mim.

Maria, ao ver o meu ar melancólico, deixou de sorrir. Perguntou:

— Não estás a brincar comigo?

— Agora não!

Um relampago iluminou a sala. Novamente limpei a cabeça com o lenço humido.

— Vou contigo?

Abanei a cabeça. Encostou a dela ao meu ombro e começou a chorar. Tremia. Eu também. Custava-me separar dela e não saber por quanto tempo. No entanto, tinha de ser. Na aldeia, não havia trabalho e na cidade escasseava.

— Irás mais tarde! — balbuciei.

Recostou-se no divã. Fechou os olhos. Com os braços caídos ao longo do corpo, dir-se-ia morta. Não estava. Dos seus olhos, as lágrimas cintilavam e rolavam pelas faces.

— Estou aqui porque vim despedir-me de ti — gaguejei.

Examinei a sala, pela ultima vez. Sobre o armário encontrava-se o meu retrato. Tinha vinte anos. Foi quando a conheci. Já lá iam quatro anos. Maria era orfã. Vivia só. A tia Angélica era quem a sustentava.

De repente, lançou-se ao meu pescoço.

Não sei quanto tempo assim estivemos. Um potente trovão assustou-nos.

— Quando partes?

— Agora!...

Encaminhei-me para a saída. Seguiu-me. Abria à porta. Trocámos um beijo. O ultimo. Por quanto tempo, não, não sabia. Saí. Fez-me adeus. Imiti o mesmo gesto. Na rua chovia. Deambolei com passo ligeiro para o cais onde me esperava uma boleia para a capital. De vez em quando olhava para trás. Maria, por entre os vidros da janela, continuava acenando, com qualquer coisa na mão que não conseguia distinguir, talvez um lenço.

Acenei também. Não sabia por quanto tempo estaria só no Brasil. Um, dois, três anos, não sabia. No entanto, só pensava em Maria. Levá-la, não era impossível, mas agora não. Primeiro, tinha que trabalhar muito. Depois, mais tarde ela iria, iria com certeza...

ANTÓNIO VINAGRE AZEVEDO
(19 anos)
Amigo n.º 1416 — Portimão

Os Pigmaliões

(Continuação da 2.ª página)

culpa cabe principalmente á propaganda desonesta que envolve as vedetas criadas pelos realizadores da «nouvelle vague».

Dos jovens que esperaram debaixo de chuva pela B. B. no nosso aeroporto, a maioria não foi lá pelo talento da «mulher que é o sonho de todos os homens casados» (educativa frase publicitária, não acham?) mas apenas pela auréola de irresistível

Bardot, e só por isso a queriam ver, tocar, se possível, e pedir-lhe um autógrafo que valia uns 50 «paus» como dizia um desses jovens, que são explorados na sua fraqueza por uma publicidade sem escrupulos.

Recusamos, portanto, que a B. B., tal qual nos aparece em «Cas de malleus» ou nos «Bijoutiers au ~~cleire~~ de lune», seja um símbolo de uma juventude, como dizem para aí, e recusamos porque sabemos que apesar da tentação dos 120 milhões de francos» por ano (ordenado da B. B.) milhares e milhares de raparigas não se despem frente ás camaras.

Para terminar, o que criticámos a nova vaga?

A imoralidade dos seus processos e a criação do vedetismo.

Mitos como a B. B. e outras que tais, só desacreditam, e muito, os seus Pigmaliões.

Algum quer arrepiar caminho?

DISFARÇADOS de frades, de mendigos, de peregrinos os emissários de Mordrede e Agravão cruzavam, em silêncio, os campos de Inglaterra. Ninguém dava fé deles. Mansos como cordeiros, atravessavam as aldeias com seu ar humilde, diziam «Boa tarde» ou «Bom dia» com os olhos de rastos, e o povo, sensibilizado, não os deixava seguir caminho sem que partilhassem das suas sopas ou dormissem no conchego dos seus tectos hospitaleiros. Desta maneira chegaram, sem perigo, a todos os castelos senhoriais, acendendo em cada um o rancor e a revolta. Que mais direito tinha Artur em mandar sobre os demais fidalgos? Era,

acaso, mais nobre do que eles? Nos tempos antigos não havia reis; todos os senhores viviam em igualdade, livres para governar suas terras como lhes aprouvesse. Agora chegava-se o oficial da Coroa, penetrava nos domínios sagrados de cada fidalgo e ousava inquirir se o povo tinha justiça, se os tributos eram pesados. O povo! Um traidor á nobreza, Lançarote, viera ensinar-lhes que era igual aos nobres. Desde quando se ouvira tamanha heresia? Os resultados estavam á vista: gente miserável, unida em hordas, já se atrevia a impor a sua lei ao clero e á nobreza, a querer assenhorear-se das terras que lavravam. Porque não se uniriam os fidalgos para a enfrentar?

Escutando os mensageiros de Mordrede e Agravão, os senhores dos castelos sentiam acordar dentro de si velhos despeitos, apenas amordaçados. A alegria fazia-os rir. Das adegas subiam os melhores vinhos e á roda das lareiras bebiam pelos tempos gloriosos que já se anunciavam.

Assim foi medrando a semente da guerra, como um escalracho que de tudo se apodera e tudo faz mirrar. Na hora marcada os senhores caíam, em alcateia, sobre os povoados. As searas e as choupanas torciam-se em chamas. Veio a fome. Veio a miséria. E pior ainda, pior que a fome, a doença e a miséria. Era a escravidão que ensombrava, o terror que turvava os olhos das crianças.

Só Artur e Lançarote possuiam forças para suster a onda de crimes que empapavam de sangue os campos de Inglaterra. Reuniram o povo que ainda não caíra sob o jugo dos senhores, apelaram para os Cavaleiros da Távola Redonda que não se tinham deixado corromper pela ambição; estes eram poucos, pois o mal conseguira gangrenar a boa e velha fraternidade dos cavaleiros: assim mesmo, seguros do ideal que defendiam, Artur, Lançarote e os seus amigos correram no alcance dos revoltosos. Cada batalha nova que terçavam mais sangrenta era. Por toda a parte, fumo e perdição. E assim correram os dias e os meses. Quando acabaria?

Certa manhã o exército real, dizimado por lutas incessantes, deparou com fileiras de inimigos em numero nunca visto. Mordrede e Agravão tinham lançado os seus emissários por todos os castelos de França; prometiam terras e riquezas aos cavaleiros que os acompanhassem: e estes não se fizeram rogados. Ali estavam todos, agora reunidos.

Artur e Lançarote entreolharam-se. Seria a sua ultima hora?

— Temos de ocupar sem demora aquela colina — disse Lançarote, baixinho.

Artur acenou que sim, com a cabeça e logo as suas ordens percorreram o exército num frémito de vida. Rápidas, as tropas reais avançaram para a colina, ocupando-lhe o cabeço. Numa azáfama, camponeses e cavaleiros, irmanados na vida e na morte, abriram fossos, cravaram no chão grossas filas de estacas e armaram enormes engenhos de arremessar pedras. Depois, consoante as indicações de Artur e Lançarote, começaram a ordenar-se de forma a poder enfrentar a multidão dos seus adversários. Escudados pelas estacarias, que, exteriormente se reforçavam com o obstáculo de um fosso — os besteiros populares formavam a primeira linha de resistência. Nos locais onde não houvera tempo de cavar um fosso e erguer palissadas, a linha avançada era composta por peões armados de longas lanças. Logo atrás, uma fila de besteiros. Os homens a cavalo constituiam a reserva, preparada para fazer subitas cargas sobre os flancos dos adversários.

Tudo estava a postos. Então o soberano disse a todos umas curtas palavras de encorajamento:

— Amigos! A sorte de todos os que no meu reino trabalham — homens do campo e dos ofícios — está nas nossas mãos, na fortaleza com que nos opusermos aos inimigos do povo. Creio em vós, queridos companheiros, pois defendeis a vossa causa e vossos pais, mulheres e filhos sabem que sois a sua unica salvação. Algum quer arrepiar caminho?

— Não! — troou a voz de todos como se uma só fosse.

— Artur! Inglaterra! Artur! Inglaterra! — gritou um gigantesco ferrador, erguendo a besta, a cada viva que dava.

O brado multiplicou-se na boca de todos os combatentes.

— Amigos! — disse Artur — A minha vida pertence-vos.

— Hurra pelo nosso rei e a nossa lei!

Despertada pelo entusiasmo do pequeno exército, a multidão dos cavaleiros inimigos respondeu com milhares de gritos de guerra.

O CAMINHO DA FELICIDADE

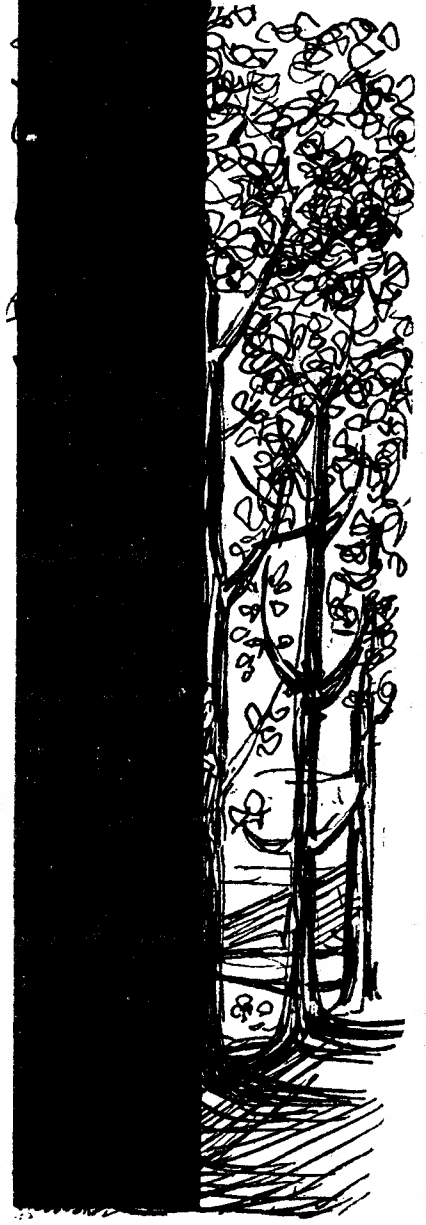
Por LUÍS MANUEL ANTUNES DA SILVA
15 anos - Amigo n.º 451

QUEM subir a pequena colina arborizada do Sul, virar á direita pela estrada pardacenta e quente de asfalto, e descer o morro verdejante do Norte, verá serpenteando-lhe aos pés uma pequena, estreita e linda estrada despavimentada, com grandes árvores a marginá-la. É aí o «Caminho da Felicidade».

O nome foi-lhe posto por nós, em honra de uma magnifica tarde de Agosto que lá passámos. Desde então, o «Caminho da Felicidade» tem feito honra ao nome, e não raras vezes o nosso grupo para lá vai deambular; quer nas tardes calmosas dos domingos, quer nas noites serenas e quentes de Verão.

No «nosso cantinho», como a rapaziada lhe chama, sonhamos. Sonhamos com o futuro, sonhamos com o Paraíso terrestre, julgando-o semelhante ao «Caminho da Felicidade», mais ainda, sonhamos com o próprio presente, imaginamos que somos os jovens mais felizes do Mundo; os nossos corações, transbordantes de alegria voam muito alto, chegam ao reino dos sonhos, da poesia, do amor... As almas estão leves, puras e belas; a própria Natureza faz gala de ser bonita no «Caminho da Felicidade». Assim, quando lá chegamos, parece-nos penetrar num jardim delicioso: os passarinhos, de garridas e alegres cores, cantam nas altas copas das fuias carcomidas pelos anos e pela velhice, que marginam o «nosso reduto»; o Sol espalha os seus raios quentes e criadores por toda a parte. Tudo se prostra e obedece ao astrorei; sómente as grandes árvores centenárias oferecem resistência á passagem do calor e dão-nos uma sombra acolhedora e fresca, que nos rejuvenesce e anima.

O comprimento do «Caminho da Felicidade» não deve atingir um quilómetro; mas que interessa o tamanho a um local que guarda tantos tesouros de poesia e beleza? Nós passeamos por ele cheios de vida e de ardor. A sensibilidade parece aumentar ao lá entrarmos: pensamos mais sériamente na vida, nos seus erros e vicissitudes; os nossos corações palpitam, cheios de poesia e de amor; olhamos as coisas da Natureza e admiramo-las concretamente, até mesmo alegremente; olhamo-nos a nós próprios e conseguimos, muitas vezes, descobrir os pesares e os desgostos que nos atormentam; somos invadidos de uma onda de alegria rebelde, de alegria juvenil, que nos faz confessar uns aos outros as nossas dificuldades; recitamos e inventamos versos á Natureza, descontraídos, calmos, e porquê? Porque estamos no «Caminho da Felicidade», no nosso mundo, no país dos prazeres e da amizade, estamos no meio da juventude, no meio da alegria de viver e de amar, vivemos a nossa vida com orgulho e satisfação, vivemo-la não atendendo aos anos, vivemo-la cheios de pujança e saúde, vivemo-la no «Caminho da Felicidade»!



Temos agora, todos nós, quinze anos, somos jovens. O tempo passará, virá o dia em que seremos homens e mulheres, mas estes anos de convívio fraternal, estes anos de amor e amizade, jamais os esqueceremos, e quando alguém nos perguntar se tivemos momentos de jubilo e agrado, se tivemos alegria de viver na nossa existência, creio que todos nós, os dez do grupo, poderemos responder com orgulho: Sim, no «Caminho da Felicidade»!

AMIGO n.º 451

Veneza! Veneza!

Gondola? Gondola, Sinor? Era o hino puro e cantante que subia ao céu naquela manhã em que as águas serenas dos canais eram domadas e acariciadas pelos raios que o soberbo astro dardejava.

A praça de S. Marcos cintilava com todo o seu esplendor, como nos tempos áureos dos Doges. Pairava no ar silenciosa frescura e encanto, e ouvia-se, monótona e compassadamente, o «chap-chap» dos remos das gondolas. Vozes alegres e estridentes começavam a ecoar pelos canais, na cantante língua italiana, despertando a alma adormecida da bela e cantada Veneza. Começava a Primavera. O Grande Canal resplandecia; as Gondolas ornamentadas de flores mensageiras da alegre estação, e, sob o céu de Itália, em todo o seu fulgor diamantino, esvoaçavam agora os primeiros bandos de alvas pombas.

ONDE FICAM AS VELAS?

por OLGA ALCINA DE VASCONCELOS

— Menina, o troco.

— Oh! Muito obrigada, já me esquecia.

Estava tão contente. Era a primeira vez que levava os meus alunos a uma excursão. Eram amorosos. Regulavam pelos quatro anos e de todas as qualidades: morenos, louros e até um ruivito.

Desci a rua, atravessei o largo e fui buscar o meu carro.

Tinha que os ir buscar á escola. Eram 10 horas.

Eles já lá estavam. Alegres e barulhentos, como sempre. Comprimiam-se, empurravam-se e gesticulavam. Queriam entrar todos no carro ao mesmo tempo. Não eram muitos. Apenas cinco, mas que chegavam e sobravam. Depois de tudo a postos liguei o motor e partimos. Iamos passar o dia a um pinhal. O tempo estava esplêndido. O céu azul e sem nuvens. Não se viam passaritos, mas aqueles que eu levava no carro desempenhavam bem o seu papel de avezitas turbulentas. Ia a 40 km./h. Já por duas vezes que levara dois safanões dos «sujeitos» do banco de trás. Mexiam-se, viravam-se e até se ajoelhavam no assento. Era uma excursão. E tudo lhes era perdoado.

Eram 10 e 45 quando chegámos a pinhal bastante acolhedor. Parei o carro. Os «senhores» sairam. Dois deles queriam ir á «casinha», como estavam habituados a chamar lá na escola. Mas nem por sombras queriam parar já. Não! Ir mais longe. Andar mais de «popó». Enfim! Tinha que me resignar. Os «senhores» é que mandavam. Aprontámo-nos outra vez. Tentei ligar o carro. Não pagava. Pobre de mim! Não percebia nada de mecanica. Premi desaustinadamente um botão. Nada! Mesmo nada! Os miudos, despreocupados riam e batiam palmas. Ainda mais me enervei. Era o cúmulo. Cinco crianças confiadas á minha guarda e ter que ficar sozinha com elas num pinhal! Que horror! Já um pouco amedrontada abri o «capou». Pus-me a observar o motor como se o conhecesse bem. Mas de nada percebia.

Um carro perto, travou bruscamente. Dele saiu uma senhora. Tinham sido os miudos que conseguiram abrir o vidro e dizer adeus a quem passava. A senhora aproximou-se e ficámos a olhar uma para a outra. Fora o bastante para compreender que de nada percebiamos. Olhou o motor abanando a cabeça. Nada. Pediu desculpa e retirou-se. Fiz-me forte. «Auto-stop» ao primeiro carro que apareceu e pronto. Era um «Peugeot». Um cavalheiro bastante distinto e de cabelos brancos saiu risonho do carro. Fiquei satisfeita. Devia perceber de mecanica. Ao aproximar-se cumprimentou-me respeitosamente. A primeira coisa de mecanica que me disse foi:

— Tem gasolina?

Oh! sim. Disso percebia.

— Meti há pouco 30 litros.

Ao olhar para dentro do carro não pôde deixar de sorrir ao ver a pequenada, uma rapariga e um carro avariado sozinhos na estrada. Bonito quadro! Sem duvida!

Tirou tubos, tornou a colocá-los, desatarraxou, etc.

Então, atrevi uma pergunta:

— Não será das velas?

— Creio que não. E o carburador? Entupido?

— Não sei, não faço ideia.

Para lhe chamar a atenção das velas tactetei o motor,

— Mas onde estarão as velas? Nem sei onde é que ficam.

Para me fazer a vontade, mandou-me ligar o carro e fez contacto com as velas para ver as chispas.

Oh! Milagre! O carro pegava. Com medo de me ir novamente a baixo nem saí dele. Gentilmente fechou o «capou», cumprimentou e seguimos viagem.

Por agora, tudo bem.

Chegámos a um sitio bonito e parámos. As crianças sairam logo. Fechei tudo, peguei no cesto da «ração» e cobertores e fomos.

O almoço foi magnífico. Depois decidimos dar uma volta pelos arredores.

O resto da tarde que se seguiu foi óptimo.

Ao regressar, os miudos vinham exaltados e o carro uma maravilha. Mesmo a chegar a casa o carro «engasgou-se» outra vez. Azar! A sorte toda foi já estarmos na cidade. Telefonei para um pronto-socorro.

Para terminarmos esta estupenda excursão, demos todos um passeio para a garagem, mas não muito triunfante... de reboque.

COMO VIVEM OS ANIMAIS?

Na Colecção Aquila, dedicada á divulgação das Ciências Naturais, vai a Portugália Editora publicar mais um livro de Eduardo Sousa de Almeida

15 DIAS NA ALBERGARIA DAS GAIVOTAS

bela obra que nos revela a vida destes simpáticos animais marinhos.

Do mesmo autor e da mesma Colecção já aparecera outro livro curiosíssimo

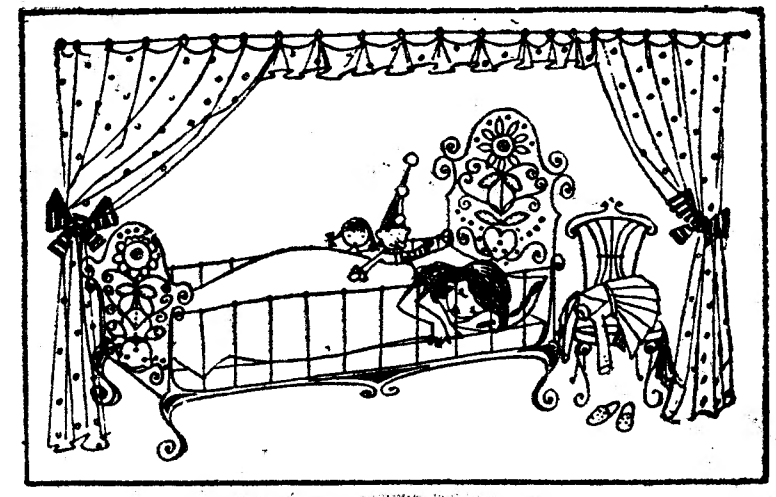
UM POVO MIUDO (AS ABELHAS)

por **DORA CAMPINA**
(18 anos)

Ai de mim, coitada!
Amor, se te vejo,
Logo a cor do pejo
Me sobe ao rosto...
E fico corada
Que nem um sol-posto!
E fico tomada
De vibrações nervosas,
Plangentes, chorosas
De um alaúde!
Não sei que virtude
Teu olhar encerra,
Que ao meu faz guerra,
Amolece, estonteia,
Que fico, coitada,
Qual borboleta em teia
De aranha enlaçada,
Que quanto mais mexe,
Mais fica enleada!
E ai! Se os meus olhos,
Tristes como abrolhos,
Nos teus olhos teimam,
Eu retiro-os logo,
Porque os teus são fogo,
Porque os teus me queimam!

Meu amor, que olhar
Tão doce e luzente,
Que se ofusca a gente,
Que nos faz chorar!
Esse olhar tão terno
Claridade, luz,
O foste buscar
Ao Céu? Ao Inferno?
Esse olhar tão terno
Do Diabo ou Jesus,
É a minha cruz!

Amigo N.º 1461



A nossa amiga Zé costuma dormir com o seu urso de peluche. Desta vez não o conseguiu encontrar. Serão os nossos leitores capazes de o encontrar? Afinal, ele não está muito longe. Onde está?

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 6 de Maio, nas condições indicadas no Concurso «Houve um homem que...».

Soluções dos Concursos do número anterior:

Houve um homem que... PAVLOV

... ...

Vencedores

1. — Amigo 59 — Dunia Rosale Viegas (Faro).
2. — Amigo 60 — Tito Seabra Dinis (Lisboa).
3. — Amigo 403 — J. A. Tolga da Silva (Lisboa).
4. — Amigo 1477 — Maria Manuela Viegas (Faro).
5. — Amigo 2 — Maria Helena Vieira (Lisboa).
6. — Amigo 81 — Luisa Maria Ferreira (Lisboa).